

PETER E WENDY

J. M. Barrie

TRADUÇÃO SERGIO FLAKSMAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



COSACNAIFY

J. M. Barrie

**PETER
E
WENDY**

TRADUÇÃO SERGIO FLAKSMAN
POSFÁCIO JACK ZIPES

SUMÁRIO

[AVANÇAR SUMÁRIO](#) [»»]

- [1 SURGE PETER](#)
- [2 A SOMBRA](#)
- [3 VAMOS EMBORA! VAMOS EMBORA!](#)
- [4 EM PLENO VOO](#)
- [5 A ILHA VIRA REALIDADE](#)
- [6 A CASINHA](#)
- [7 A CASA DEBAIXO DA TERRA](#)
- [8 A LAGOA DAS SEREIAS](#)
- [9 A AVE DO NUNCA](#)
- [10 UMLAR FELIZ](#)
- [11 A HISTÓRIA DE WENDY](#)
- [12 O RAPTO DAS CRIANÇAS](#)
- [13 QUEM ACREDITA EM FADAS?](#)
- [14 O NAVIO PIRATA](#)
- [15 “DESSA VEZ, OU GANCHO OU EU”](#)
- [16 A VOLTA PARA CASA](#)

POSFÁCIO - Jack Zipes

OBRAS DE J. M. BARRIE

SOBRE O TRADUTOR

SURGE PETER

1

Todas as crianças crescem, menos uma. Logo ficam sabendo que irão crescer, e Wendy sabia disso pelo seguinte motivo: um belo dia, quando tinha dois anos de idade, estava brincando num jardim, colheu uma flor e saiu correndo com ela em direção a sua mãe. Imagino que a menina devia estar linda, porque a sra. Darling pôs a mão no peito e exclamou:

– Ah, por que você não pode ficar assim para sempre?

Nada mais foi dito entre as duas sobre o assunto, mas Wendy ficou sabendo que um dia precisaria crescer. Dois anos é o começo do fim.

Claro que moravam no Número 14 e, até a chegada de Wendy, a estrela da casa era sua mãe. Mulher adorável, com a alma romântica e uma linda boca zombeteira. Sua alma romântica lembrava uma dessas caixinhas pequenas, que ficam umas dentro das outras e vêm do misterioso Oriente e, por mais que a gente vá abrindo, sempre se encontra mais uma; e sua boca doce e sorridente tinha um beijo que Wendy nunca recebia, embora ele continuasse lá, perfeitamente visível no canto direito dos lábios.

A maneira como o sr. Darling a ganhou foi a seguinte: os muitos homens que eram meninos quando ela era menina descobriram ao mesmo tempo que a amavam, e todos saíram correndo para a casa dela a fim de pedir sua mão em casamento, menos o sr. Darling, que pegou um táxi, chegou primeiro e por isso ficou com ela. E com tudo que era dela, menos a caixa mais de dentro e o beijo. Nunca chegou a saber que a última caixa existia, e com o tempo desistiu daquele beijo. Wendy achava que Napoleão podia ter conquistado o beijo, mas eu posso imaginar as tentativas e também, depois, o general saindo furioso de paixão, batendo a porta.

O sr. Darling, quando se gabava para Wendy, dizia que a mãe dela não só o amava como ainda lhe tinha respeito. Ele era um desses homens profundos, que entendem tudo de títulos e de ações. Claro que ninguém entende essas coisas direito, mas ele dava a impressão de entender, e muitas vezes tinha um tal jeito de dizer que as ações tinham subido e os títulos baixado que só podia despertar o respeito de qualquer mulher.

A sra. Darling se casou de branco, e num primeiro momento cuidava com perfeição do caderno de contas da casa, quase com alegria, como se aquilo fosse uma brincadeira, e nem um tomate deixava de aparecer nas contas; mas aos poucos couves-flores inteiras começaram a sumir, e seus lugares foram sendo ocupados por retratos de bebês sem rosto. Ela ficava fazendo esses desenhos em vez de fazer as contas. Era a sra. Darling tentando adivinhar o futuro.

Wendy veio primeiro, depois John, e finalmente Michael.

Por uma ou duas semanas depois da chegada de Wendy seus pais ainda não

sabiam se poderiam ficar com ela, pois era mais uma boca para alimentar. O sr. Darling estava orgulhosíssimo da filha, mas era um homem muito honrado e sentou-se à beira da cama da sra. Darling, de mãos dadas com ela, calculando as despesas, enquanto a mulher olhava para ele com um ar de súplica. Ela estava disposta a correr qualquer risco, enfrentar o que viesse, mas ele não era assim: era dos que pegam papel e lápis, e cada vez que ela atrapalhava as contas com alguma sugestão ele se desconcentrava e precisava começar tudo de novo.

– Não me interrompa agora – pedia ele. – Já cheguei a uma libra e dezessete xelins de despesas da casa, e mais uma libra e seis no escritório; posso cortar meu café no escritório, o que daria digamos dez xelins, restando duas libras, nove xelins e seis *pence*; com os seus dezoito e três chegamos a três libras, nove xelins e sete *pence*, que com as cinco libras redondas do meu pagamento somam oito libras, nove xelins e sete *pence*... Quem está se mexendo? ... Oito, nove e sete, vão sete... não diga nada, minha vida... e mais a libra que você emprestou para aquele homem que apareceu na porta... quieta, menina... e então vai, menina... pronto, já me perdi!... eu disse nove libras, nove xelins e sete *pence*? Isso mesmo, nove, nove e sete; e a questão é essa: podemos arriscar viver um ano a nove, nove e sete?

– Claro que sim, George! – respondeu ela. Mas ela já tinha tomado partido em favor de Wendy, e, na verdade, ele é que tomava as decisões da casa.

– Mas não se esqueça da caxumba – advertiu ele quase em tom de ameaça, e começou de novo. – Caxumba uma libra, é o que eu anotei, mas acredito que sairia por mais, uns trinta xelins, libra e meia... não diga nada... sarampo, uma libra e cinco xelins; rubéola, meio guinéu, o que soma duas libras, quinze xelins e seis *pence*... não me abane esse dedinho... coqueluche, vamos dizer quinze xelins – e assim por diante ele prosseguia, e cada vez chegava a uma soma diferente; mas finalmente Wendy conseguiu caber nas contas, com a caxumba reduzida a doze xelins e seis *pence*, e o sarampo e a rubéola tratados de uma vez só.^[1]

A chegada de John também causou o mesmo alvoroço, e Michael quase não veio; mas os dois ficaram, e em pouco tempo você podia ver as três crianças saindo em fila indiana para o jardim da infância da senhorita Fulsom, acompanhados pela babá.

A sra. Darling gostava de tudo muito bem cuidado, e o sr. Darling tinha verdadeira paixão por ter um comportamento exatamente igual ao dos vizinhos; por isso, claro, também tinham uma babá. Mas como eram pobres, por causa de todo o leite que as crianças tomavam, essa babá era uma linda e orgulhosa cadela terra-nova chamada Nana, que não tinha sido de ninguém antes de ser contratada pela família Darling. Ainda assim, ela acreditava desde sempre que crianças eram muito importantes e tinha conhecido a família Darling nos jardins

de Kensington, onde passava quase todo o tempo livre espiando dentro dos carrinhos de bebê e sendo detestada pelas babás menos cuidadosas, cujos passos seguia até as casas onde trabalhavam para denunciá-las às patroas. E era uma babá extraordinária. Tomava conta de tudo na hora do banho e estava sempre atenta, a qualquer momento da noite, se uma das crianças de quem cuidava desse o menor gritinho. Claro que a casinha dela ficava no quarto das crianças. E ela possuía o raro talento de saber quando uma tosse nem merecia atenção ou quando era o caso de enrolar uma meia de lã no pescoço da criança. Até o último dia da sua vida acreditou nos remédios dos velhos tempos, como o chá de folha de ruibarbo, e respondia bufando de desprezo quando alguém vinha com essas conversas de agora, sobre os germes e tudo o mais. Era uma verdadeira aula de como deve agir uma babá vê-la acompanhando as crianças até a escola, caminhando calmamente ao lado dos três enquanto eles se comportavam bem, e obrigando todos a entrar em fila quando perdiam a compostura. Nos dias do futebol de John, nunca esquecia a camisa de jogo do menino, e geralmente carregava um guarda-chuva na boca para o caso de chover. Na escola da senhorita Fulsom, existia um porão onde as babás se reuniam para ficar esperando. As outras se sentavam em bancos enquanto Nana se estendia no chão mas, tirando esta, a diferença era nenhuma. As outras faziam de conta que não viam Nana, como se ela pertencesse a uma posição social inferior, e ela, por sua vez, desprezava as conversas bobas das outras. Não ficava nada feliz quando as amigas da sra. Darling visitavam o quarto das crianças, mas nos casos de visita, antes de mais nada, tirava o macacão de todo dia do Michael e o fazia vestir uma das roupinhas azuis bordadas, arrumava as roupas da Wendy e dava um jeito rápido no cabelo do John.

Nenhum outro quarto de criança no mundo podia ser comandado de maneira mais correta, e o sr. Darling sabia disso; mas ainda assim ele se perguntava, desconfortável, se os vizinhos não fariam deles pelas costas.

Afinal, tinha um nome a zelar no Mundo dos Negócios.

E também ficava incomodado com Nana por outro motivo. Às vezes, achava que ela não tinha muita admiração por ele.

– Tenho certeza de que ela tem uma enorme admiração por você, George – garantia a sra. Darling, e em seguida fazia sinais para os filhos, pedindo que tratassem o pai da melhor forma que pudessem. Depois disso vinham as lindas danças, das quais a outra (e única) criada da casa, Liza, às vezes tinha permissão para participar. Parecia pequena demais para a saia comprida e a touca de criada que usava mas garantiu, quando foi contratada, que já tinha passado dos vinte anos. Ah, a alegria daquelas farras! E a mais alegre de todos era sempre a sra. Darling, que dava piruetas tão impressionantes que tudo que se enxergava dela era o beijo, que naquele momento, se você corresse para ela, talvez conseguisse roubar. Nunca houve uma família mais simples e feliz, até a chegada

de Peter Pan.

A primeira vez que a sra. Darling ouviu falar de Peter Pan foi quando arrumava as cabeças dos filhos. É costume de toda boa mãe, à noite, depois que seus filhos dormem, remexer em suas cabeças e deixar tudo organizado para a manhã seguinte, recolocando nos devidos lugares as muitas coisas que se desencaxavam ao longo do dia. Se você conseguisse ficar acordado (mas claro que não consegue), poderia ver como a sua mãe faz a mesma coisa com você, e acharia muito interessante observar o modo como ela opera. É muito parecido com uma arrumação de gavetas. Você veria a sua mãe de joelhos, imagino, achando graça por algum tempo de algumas das coisas que encontra dentro da sua cabeça, e se perguntando em que parte deste mundo você pode ter encontrado aquilo, fazendo algumas descobertas deliciosas e outras nem tanto, às vezes encostando alguma coisa no rosto como se fosse macia feito um gatinho, e depressa a guardando de volta. Quando você acorda pela manhã, as maldades e os sentimentos ruins que você levou para a cama foram bem dobradinhos e guardados no fundo da sua cabeça; e por cima, lindamente arejados, estão dispostos seus melhores e mais bonitos pensamentos, prontos para você usar.

Não sei se algum de vocês já viu o mapa da cabeça de uma pessoa. Às vezes os médicos desenham mapas de outras partes do corpo humano, e você pode achar o mapa do seu corpo muitíssimo interessante, mas duvido que tentassem desenhar o mapa da mente de uma criança, que não só é confusa como vive mudando o tempo todo. Tem linhas em zigue-zague, como os gráficos de temperatura, e é bem provável que essas linhas mostrem os caminhos da ilha: porque a Terra do Nunca é sempre mais ou menos uma ilha, com cores incríveis aqui e ali, recifes de coral e navios de ar sinistro perto da costa, selvagens e pântanos isolados, gnomos que trabalhavam quase todos como alfaiates, cavernas atravessadas por rios, príncipes com seis irmãos mais velhos, uma cabana quase totalmente depredada e uma velhinha bem baixinha com o nariz bem curvo. E se ainda fosse só isso, o mapa seria fácil de desenhar; mas tem também o primeiro dia de aula, a religião, os pais, o Lago Redondo, bordados, assassinatos, enforcamentos, verbos que regem objeto indireto, o dia do pudim de chocolate, o aparelho nos dentes, diga trinta e três, um tostão se você mesmo arrancar seu dente mole, e assim por diante. E tudo isso ou faz parte da ilha ou forma um outro mapa que aparece por trás, e é tudo bastante confuso, especialmente porque nada deixa de mudar o tempo todo.

Claro que as Terras do Nunca variam muito. A de John, por exemplo, tinha uma lagoa sobrevoada por flamingos que ele costumava caçar a tiros, enquanto a de Michael, que era muito pequeno, tinha um flamingo sobrevoado por lagoas. John vivia num barco virado de borco na areia, Michael numa tenda de índio, Wendy numa casa de folhas costuradas umas às outras. John não tinha amigos, Michael tinha amigos de noite, Wendy um lobo de estimação abandonado pelos

país. Mas no geral as Terras do Nunca são todas parecidas ou da mesma família, e se um dia pudessem parar uma do lado da outra, daria para você dizer que têm o nariz parecido e assim por diante. Nessas paragens mágicas, as crianças que brincam estão sempre ancorando os seus caiaques. Nós também já estivemos lá; ainda nos lembramos do som das ondas, mas nunca mais desembarcaremos nessas praias.

De todas as ilhas mais cheias de encanto, a Terra do Nunca é a mais atulhada e compacta; pois não é grande e espalhada, com distâncias longas e chatas entre uma aventura e outra; tudo é bastante apertado. Quando você brinca lá de dia, com as cadeiras e a toalha da mesa, ela não é nem um pouco assustadora, mas nos dois minutos antes de você adormecer ela se torna quase praticamente real. E é por isso que existem as luzinhas que ficam acesas durante a noite.

De vez em quando, nos seus passeios pelas mentes dos filhos, a sra. Darling encontrava coisas incompreensíveis: e dessas, a mais absolutamente espantosa era o nome Peter. Ela não conhecia nenhum Peter, mas ainda assim encontrava o nome em vários pontos das mentes de John e de Michael, e rabisado por toda a cabeça de Wendy. Aparecia escrito em letras mais grossas que qualquer outra palavra, e só de ver seu nome escrito, a sra. Darling já sentia que o tal Peter devia ser muito atrevido.

– É verdade, ele é muito atrevido – admitiu Wendy a contragosto. Sua mãe perguntava uma coisa atrás da outra.

– Mas ele quem, meu anjinho?

– Peter Pan, mamãe, você sabe...

Mas no começo a sra. Darling não sabia. Só que, depois de pensar muito na sua própria infância, teve a lembrança vaga de um tal de Peter Pan: diziam que vivia com as fadas. Histórias estranhas corriam a respeito dele. Diziam que, quando as crianças morriam, ele seguia com elas por uma parte do caminho, para elas não terem medo. Naquele tempo acreditava que ele era real, mas agora que estava casada e cheia de juízo duvidava muito que existisse uma pessoa assim.

– Além disso – comentou com Wendy – a essa altura ele já estaria crescido.

– Ah, não, ele não cresce – respondeu Wendy com segurança absoluta. – E é bem do meu tamanho.

Queria dizer que era do tamanho dela tanto no corpo quanto no espírito; e ela nem sabia como é que sabia, só sabia que tinha toda certeza.

A sra. Darling consultou o sr. Darling, mas ele sorriu daquela extravagância.

– Escute o que estou lhe dizendo – começou ele. – Só pode ser alguma bobagem que Nana enfiou na cabeça das crianças; exatamente o tipo de ideia que se pode esperar de uma cachorra. Deixe para lá que isso passa.

Mas não passava; e pouco depois o tal menino encenqueiro deu um susto e tanto na sra. Darling.

As crianças podem viver as aventuras mais estranhas sem ficar perturbadas. Por exemplo, podem se lembrar de contar, uma semana depois do acontecido, que quando estiveram na floresta encontraram o pai morto e brincaram com ele. E foi desse modo casual que, certa manhã, Wendy fez uma revelação inquietante. A sra. Darling encontrou algumas folhas de árvore no chão do quarto das crianças, e tinha certeza de que não estavam lá quando as crianças foram para a cama, e se perguntava de onde podiam ter vindo quando Wendy lhe disse, com um sorriso paciente:

– Deve ter sido o Peter de novo!

– O que você quer dizer, Wendy?

– É um absurdo mesmo ele não limpar antes de ir embora – continuou Wendy, suspirando. Ela era uma menina muito organizada.

E explicou, num tom muito calmo, que achava que Peter às vezes vinha ao quarto deles, à noite, sentava ao pé da cama dela e tocava sua flauta.

Infelizmente ela nunca acordava, de maneira que não sabia como sabia, só tinha certeza.

– Quanta bobagem você diz, minha querida. Ninguém entra na nossa casa sem bater na porta.

– Acho que ele entra pela janela – respondeu Wendy.

– Meu amor, mas a sua janela fica no terceiro andar.

– As folhas não estavam ao pé da janela, mamãe?

E era verdade; ela tinha achado as folhas pertinho da janela.

A sra. Darling não sabia o que pensar, pois Wendy achava aquilo tudo tão natural que ela nem podia mandá-la esquecer de tudo, dizendo que devia ter sido um sonho.

– Minha filha! – exclamou a mãe –, por que você nunca me falou disso antes?

– Esqueci – disse Wendy sem nem pensar. Ela estava com pressa de ir tomar café da manhã.

Ah, ela só podia estar sonhando.

Mas, por outro lado, as folhas estavam lá. A sra. Darling examinou cada uma com todo o cuidado; eram esqueletos de folhas secas, mas ela tinha certeza de que não vinham de nenhuma árvore que existisse na Inglaterra. Saiu engatinhando pelo chão, examinando cada canto do piso com uma vela, à procura de marcas de um pé estranho. Cutucou a saída da lareira com o atizador, e bateu em cada uma das paredes com o nó dos dedos. Desceu uma fita da soleira da janela até a calçada, e viu que a altura era de quase dez metros, sem nenhuma saliência para servir de apoio.

Wendy só podia ter sonhado.

Mas Wendy não tinha sonhado, como ficou claro na noite seguinte, a noite em

que se pode dizer que começaram as aventuras extraordinárias dessas crianças.

Na noite de que estamos falando, todas as crianças já estavam na cama. Por acaso era a noite de folga de Nana, e a sra. Darling tinha dado banho nos três e cantado para eles até que um por um fosse largando a sua mão e escorregando para a terra dos sonhos.

Todos dormiam com um ar tão seguro e confortável que ela sorriu dos medos que vinha tendo, e sentou-se calmamente ao lado da lareira para costurar.

Era uma roupa para Michael, que no seu próximo aniversário ia começar a usar roupas de menino grande. Mas o fogo estava bem quentinho, e o quarto das crianças na penumbra, só com as três luzinhas acesas, e logo a costura desabou no colo da sra. Darling. Então sua cabeça também se inclinou para a frente, do modo mais gracioso. Estava dormindo. Olhem só os quatro: Wendy e Michael de um lado, John aqui, e a sra. Darling ao lado do fogo. Deviam ter aceso uma quarta luzinha.

Dormindo, ela teve um sonho. Sonhou que a Terra do Nunca chegava perto demais, e que um estranho menino escapava de lá. Não sentiu medo, porque achou que já tinha visto aquele menino no rosto de muitas mulheres que não têm filhos. E ele talvez também possa ser encontrado no rosto de certas mães. Mas no sonho dela ele tinha atravessado o véu que cerca a Terra do Nunca, e ela viu Wendy, John e Michael olhando pela brecha.

O sonho em si era uma bobagem, mas acontece que, enquanto ela sonhava, a janela do quarto das crianças se abriu e um menino pulou para dentro. Vinha acompanhado de uma luz diferente, do tamanho de um punho fechado, que zunia de um lado para o outro do quarto como uma coisa viva; e acho que deve ter sido essa luz que acordou a sra. Darling.

Ela se assustou e deu um grito, viu o menino e, de algum modo, soube na mesma hora que era Peter Pan. Se você, eu ou Wendy estivéssemos lá, teríamos visto que ele se parecia muito com o beijo da sra. Darling. Era um lindo menino, vestido de folhas secas e da seiva que escorre pela casca das árvores; mas o mais fascinante de tudo era que ainda tinha todos os dentes de leite e, ao ver que ela era uma adulta, mostrou-lhe suas pequenas pérolas.

A SOMBRA

2

A sra. Darling soltou um grito e, como que respondendo ao chamado de uma sineta, a porta se abriu e Nana entrou, voltando de sua noite de folga. Rosnou e deu um salto na direção do garoto, que pulou lépido pela janela. A sra. Darling gritou de novo, pois achou que ele podia ter morrido na queda, e desceu correndo até a rua para procurar pelo pequeno corpo, mas não achou nada. Então olhou para cima, e na noite escura não conseguiu ver coisa nenhuma, além do que lhe pareceu uma estrela cadente.

Voltou para o quarto das crianças e encontrou Nana com alguma coisa na boca. Descobriram que era a sombra do menino. Assim que ele pulou, Nana fechou a janela depressa. Tarde demais para impedir que ele saísse, mas a sombra dele tinha ficado: a janela, batendo, separou a sombra do corpo.

E vocês podem imaginar que a sra. Darling examinou a sombra com o máximo de cuidado, mas sem encontrar nada de incomum.

Nana sabia exatamente o que fazer com aquela sombra, que pendurou na janela, como se dissesse: “É claro que esse menino vai voltar atrás da sombra; vamos deixá-la em algum lugar em que ele possa pegar com facilidade, sem perturbar as crianças”.

Infelizmente a sra. Darling não foi capaz de deixar a sombra apenas pendurada na janela; ia parecer desleixo com a roupa lavada, tirando toda a elegância da fachada da casa. Pensou em mostrar a sombra para o sr. Darling, mas ele estava fazendo as contas para comprar novos casacos de inverno para John e Michael, com uma toalha molhada em volta da cabeça para manter os pensamentos em ordem, e ela ficou com pena de atrapalhar seus cálculos. Além disso, ela sabia exatamente o que ele iria dizer:

– Tudo isso porque a babá das crianças é uma cachorra.

Ela decidiu enrolar a sombra e guardar com todo o cuidado numa gaveta, até chegar a hora certa de contar ao marido. Quem dera!

A oportunidade chegou uma semana depois, numa sexta-feira que nunca vai ser esquecida. Só podia ter sido numa sexta.

– Eu devia ter tomado um cuidado especial por ser uma sexta-feira – dizia sempre a sra. Darling depois ao marido, enquanto Nana talvez estivesse ao lado dela, segurando a sua mão.

– Não, não – respondia o sr. Darling – fui eu o responsável por tudo. Eu, George Darling, é que comecei a história toda. *Mea culpa, mea culpa.* (Ele tinha estudado latim.)

Toda noite ficavam assim sentados, lembrando aquela sexta-feira fatídica cujos mínimos detalhes acabaram gravados bem fundo nos seus cérebros.

– Se pelo menos eu tivesse recusado aquele convite para jantar no 27 – dizia a sra. Darling.

– Se pelo menos eu não tivesse despejado o meu remédio na tigela de Nana – dizia o sr. Darling.

– Se pelo menos eu tivesse fingido que gostei do remédio – diziam os olhos úmidos de Nana.

– O meu gosto por jantares, George.

– O meu horrível senso de humor, querida.

– A minha facilidade de me aborrecer com bobagens, queridos dono e dona.

E então um ou mais deles três começava a chorar; Nana quando pensava: “É verdade, é verdade, não deviam mesmo ter uma babá cachorra”. E muitas vezes era o sr. Darling quem enxugava os olhos dela com um lenço.

– Aquele monstrinho! – exclamava o sr. Darling, e o latido de Nana era um eco do seu grito, mas a sra. Darling nunca punha a culpa em Peter; alguma coisa no canto direito de sua boca não queria xingar Peter de nada.

Ficaram os três sentados no quarto vazio, lembrando com carinho os menores detalhes daquela noite terrível. Começou tão tranquila, tão exatamente igual a tantas outras, com Nana preparando o banho de Michael e carregando o menino nas costas até a banheira.

– Eu não vou dormir! – gritou ele, como se ainda acreditasse que tinha a última palavra sobre o assunto. – Não vou, não vou. Nana, ainda nem são seis horas! Ai ai ai, assim eu não gosto mais de você, Nana! Já disse que eu não vou tomar banho. Não vou e não vou!

E então a sra. Darling tinha entrado no quarto, com o vestido de festa branco. Tinha trocado de roupa mais cedo, porque Wendy gostava tanto de vê-la vestida para sair, com o colar que tinha ganhado de George. Tinha pedido emprestada a pulseira de Wendy, que usava num dos braços; Wendy adorava emprestar a pulseira para a mãe.

Os dois filhos mais velhos faziam de conta que eram ela e o marido no dia do nascimento de Wendy, e John estava dizendo:

– Tenho o prazer de lhe informar, sra. Darling, que você agora é mãe – no tom exato que o sr. Darling podia ter usado na verdadeira ocasião.

Wendy saiu dançando de felicidade, exatamente como a sra. Darling devia ter feito.

Depois nascia John, com a pompa maior que ele imaginava ter havido pelo fato de ser homem. E então Michael saiu do banho pedindo para nascer também, mas John, num tom brutal, respondeu que não precisavam mais de filho nenhum.

Michael quase chorou.

– Ninguém quer saber de mim – disse ele, e claro que a linda senhora

arrumada para sair não podia se conformar com uma coisa dessas.

– Eu quero – disse ela. – Queria muito um terceiro filho.

– Menino ou menina? – perguntou Michael, sem grandes esperanças.

– Menino!

Então ele saltou para os braços dela. Uma coisinha à toa na lembrança que tinham o sr. e a sra. Darling, além de Nana, mas agora nem tão à toa por ter sido talvez a última noite de Michael naquele quarto das crianças.

E continuaram rememorando.

– Foi aí que eu entrei como um vendaval, não foi? – perguntou o sr. Darling, sempre se achando culpado; e na verdade tinha mesmo entrado como um vendaval.

Talvez ele tivesse um bom motivo. Também estava se arrumando para o tal jantar, e tudo ia muito bem até chegar a hora da gravata. Você pode não acreditar, mas esse homem que entendia tudo de títulos e de ações não conseguia controlar suas gravatas. Às vezes elas cediam sem muita resistência, mas havia ocasiões em que seria bem melhor para todo mundo se ele engolisse o orgulho e aceitasse usar uma gravata de laço pronto.

E aquela noite foi uma dessas ocasiões: ele entrou correndo no quarto das crianças com a gravata amassada numa das mãos.

– Mas o que foi, qual é o problema, querido papai?

– O problema? – berrou ele; um berro de verdade. – É essa gravata, que não quer dar o laço. – E assumiu um perigoso tom de sarcasmo. – Numa das colunas da cama ela me obedece, mas não em volta do meu pescoço! Ah, sim, por vinte vezes eu consegui dar o laço certo em volta da coluna da cama, mas em volta do meu pescoço? Nunca, isso não! Ela sente muito, mas não vai ser possível!...

Julgou que a sra. Darling não tinha ficado devidamente impressionada, e continuou, num tom muito aborrecido:

– Pois eu vou lhe dizer uma coisa, mamãe: se o laço dessa gravata não ficar certo no meu pescoço, ninguém vai sair para jantar hoje à noite. Se eu não sair para jantar hoje à noite, nunca mais volto ao escritório. E se eu nunca mais voltar ao escritório, nós dois morremos de fome, e os nossos filhos acabam despejados na rua!

Mesmo com tantas ameaças, a sra. Darling continuou muito calma.

– Deixe eu tentar, querido – disse ela, e na verdade era isso que ele esperava desde o início. Com as mãos jeitosas e tranquilas ela deu o laço na gravata do marido, enquanto as crianças se aglomeravam em volta dos dois, para ver qual seria o destino deles. Sei de homens que ficariam aborrecidos com toda aquela facilidade das mãos femininas, mas o sr. Darling era de uma natureza boa demais para isso; agradeceu a mulher sem dar muita importância àquilo tudo, na

mesma hora se esqueceu de sua fúria e, dali a mais um momento, já estava dançando pelo quarto com Michael nas costas.

– Que farra nós fizemos! – comentou a sra. Darling, lembrando-se da cena.

– Nossa última farra! – gemeu o sr. Darling.

– Oh, George, você se lembra que Michael uma hora me perguntou: “Mamãe, como foi que você me conheceu”?

– Lembro!

– Eles eram uns amores, você não acha, George?

– E eram nossos, só nossos: e agora se foram.

A farra daquela noite tinha acabado quando Nana apareceu, e por falta de sorte o sr. Darling esbarrou com ela, deixando a calça coberta de pelos. E não só eram calças novas como eram as primeiras calças que ele tinha na vida com uma faixa de cetim do lado, e ele mordeu os lábios para não chorar lágrimas de verdade. Claro que a sra. Darling escovou bem as pernas dele, mas assim mesmo ele saiu falando de novo que era muito errado eles terem uma babá cachorra.

– George, Nana é um tesouro.

– Sem dúvida, mas às vezes eu me sinto meio mal: vai que ela vê nossas crianças como cachorrinhos...

– Ah, não, meu querido, tenho certeza que ela sabe que eles têm alma.

– Pois eu também queria ter certeza – disse o sr. Darling, mergulhado em seus pensamentos – bem que eu queria ter certeza.

Era uma oportunidade, achava sua mulher, para contar a ele sobre o tal menino. Num primeiro momento ele tratou toda a história como uma fantasia, mas ficou pensativo quando ela lhe mostrou a sombra.

– Não é de ninguém que eu conheça, mas me parece um bom malandro – disse ele, examinando a sombra em detalhe. – E ainda estávamos falando disso, lembra? – perguntou o sr. Darling –, quando Nana entrou trazendo o remédio de Michael. Nunca mais você carrega esse frasco de remédio na boca, Nana, foi tudo culpa minha.

Embora ele fosse um homem forte, não há dúvida de que tinha se comportado da maneira mais boba em relação ao remédio. Se o sr. Darling tinha uma fraqueza, era pensar que nunca na vida tinha tido problema para tomar remédio. Assim, quando Michael se esquivou da colher de remédio que Nana segurava com os dentes, ele disse, em tom de reprovação:

– Michael, seja homem!

– Não, não! – continuou gritando Michael. A sra. Darling saiu do quarto para ir buscar um chocolate para o menino, e o sr. Darling comentou que aquilo era muita falta de firmeza.

– Mamãe, pare de mimar esse menino – disse ele em voz alta para que a mulher ouvisse. – Michael, quando eu tinha a sua idade tomava qualquer remédio sem dar um pio. E ainda dizia: “Obrigado, meu pai e minha mãe, por me darem um remédio que faz tão bem!”.

Ele acreditava mesmo nisso, e Wendy, que a essa altura já estava de camisola, acreditou também e disse, para dar coragem a Michael:

– Aquele remédio que às vezes você toma, papai, tem um gosto muito pior, não é?

– MUITÍSSIMO pior – disse o sr. Darling, com grande bravura. – E eu tomaria uma dose agora mesmo para servir de exemplo a você, Michael, se não tivesse perdido o frasco.

Só que ele não tinha exatamente perdido o remédio: no meio de uma noite qualquer, tinha subido no alto do guarda-roupa e escondido o vidro lá. O que ele não sabia é que a fiel Liza tinha encontrado o frasco, que colocou de volta na pia do banheiro.

– Eu sei onde está, papai! – exclamou Wendy, sempre satisfeita quando podia fazer alguma coisa pelos outros. – Já trago – e saiu do quarto antes que ele pudesse reagir.

Imediatamente, um desânimo inexplicável tomou conta do sr. Darling.

– John – disse ele estremeando – esse remédio é pavoroso. É do tipo que tem um gosto horrível, é pegajoso e muito doce.

– Mas passa logo, papai – disse John alegremente, e então Wendy entrou correndo com o remédio num copo.

– Corri o mais depressa que pude – disse ela, ofegante.

– Nunca vi pressa maior – retorquiu seu pai, com uma admiração irônica que ela nem percebeu. – Primeiro Michael – insistiu ele.

– Primeiro o papai – disse Michael, desconfiado por natureza.

– Eu vou passar mal, vocês sabem – ameaçou o sr. Darling.

– Vamos lá, papai! – disse John.

– Cale a boca, John – exclamou seu pai, com voz rouca.

Wendy estava intrigada:

– Achei que você tomava o seu remédio sem o menor problema, papai.

– Não é essa a questão – ele tentou disfarçar. – O que acontece é que a dose do meu copo é muito maior do que a da colher do Michael. – Seu coração orgulhoso estava quase explodindo no peito. – Assim não vale; e eu digo e repito quantas vezes precisar: assim não vale.

– Papai, estou esperando – disse Michael, friamente.

– Nem quero saber se você está esperando: eu também estou!

- Papai é um covardão.
- Você é que é um covardão.
- Eu não estou com medo.
- E quem disse que estou com medo?
- Então tome logo.
- Tome logo *ocê*.

E Wendy teve uma ótima ideia:

- Por que não tomam os dois ao mesmo tempo?
- Isso mesmo! – concordou o sr. Darling. – Está pronto, Michael?

Wendy contou “um, dois, três” e Michael tomou o seu remédio, mas o sr. Darling jogou o dele por cima do ombro.

Michael soltou um grito de raiva, e Wendy exclamou:

- Mas, papai!
- Que história é essa de “mas, papai”? – perguntou o sr. Darling. – Pare com esse berreiro, Michael. Eu bem que queria tomar o meu remédio, mas... mas errei a pontaria.

Foi horrível a maneira como as três crianças olhavam para ele, como se tivessem perdido toda a admiração pelo pai.

– Escutem aqui, vocês três – disse ele, tentando desviar a atenção das crianças assim que Nana saiu para ir ao banheiro. – Acabei de inventar uma brincadeira ótima. Vou derramar o meu remédio na tigela da Nana, e ela vai tomar, achando que é leite!

O remédio era mesmo da cor do leite; mas as crianças não tinham o mesmo senso de humor do pai, e o encararam com ar de censura quando ele derramou o remédio na tigela de Nana.

– Vejam como vai ser engraçado – falou ele sem muita certeza, e os filhos não tiveram coragem de contar o que ele tinha aprontado quando a sra. Darling e a Nana entraram de volta no quarto.

– Nana, minha cachorra linda – disse ele, dando-lhe um tapinha na cabeça. – Pus um pouco de leite na sua tigela.

Nana abanou o rabo, correu para o remédio e começou a lambê-lo. Então dirigiu um olhar intenso ao sr. Darling. Não um olhar de raiva: só mostrou a ele a grande lágrima vermelha que nos faz sentir enorme compaixão pelos cães mais nobres, e se arrastou para dentro de sua casinha.

O sr. Darling ficou muito envergonhado, mas não quis admitir. Num silêncio horrorizado, a sra. Darling cheirou a tigela.

- Mas George – percebeu ela – é o seu remédio!
- Foi só uma brincadeira – respondeu ele tentando rir, enquanto ela consolava

os meninos e Wendy abraçava Nana. – Não adianta nada – disse ele em tom amargo – eu me esforçar tanto nesta casa para tentar ser engraçado.

Wendy continuava abraçada a Nana.

– Isso mesmo! – gritou ele. – Abraços para ela! E para mim, nada. Ah, não! Eu sou só o sujeito que sustenta a casa, por que alguém havia de me abraçar? Por quê? Por quê? Por quê?

– George – chamou a sra. Darling – fale mais baixo; os empregados podem escutar. – Em algum momento, tinham começado a chamar Liza de “os empregados”.

– Pois eles que escutem! – respondeu ele num rasgo. – O mundo inteiro pode me escutar! Mas não vou deixar essa cachorra dar as ordens no quarto dos meus filhos por nem mais um minuto!

As crianças começaram a chorar, e Nana correu para ele suplicante, mas ele a enxotou com um gesto. Sentia-se de novo um homem forte:

– Não adianta, não adianta! – exclamou ele. – O lugar certo para você é no quintal, e você vai agora mesmo para lá, ficar presa!

– George, George – sussurrou a sra. Darling – lembre-se do que eu lhe contei sobre o tal menino.

Mas ele se recusava a escutar. Estava decidido a mostrar quem mandava na casa, e como não houvesse ordem que fizesse Nana sair de sua casinha, ele conseguiu tirá-la de dentro com palavras adocicadas e, agarrando a cachorra com gestos ásperos, arrastou-a para fora do quarto das crianças. Estava envergonhado, mas ainda assim seguiu em frente. E tudo por que era um sujeito muito sentimental, que precisava sempre ser admirado. Depois que amarrou Nana no quintal, o infeliz pai foi se sentar no corredor da casa, apertando os olhos com os nós dos dedos.

Enquanto isso, a sra. Darling tinha posto as três crianças na cama em meio a um silêncio desagradável, e acendeu as luzinhas de dormir. Ouviam os latidos de Nana, e John choramingou:

– Ela ainda está reclamando do castigo no quintal...

Mas Wendy entendeu melhor:

– Não é assim que a Nana late quando fica triste – lembrou ela, sem nem adivinhar o que iria acontecer. – Esse é o jeito que ela late quando fareja algum perigo.

Perigo!

– Tem certeza, Wendy?

– Claro que sim!

A sra. Darling estremeceu e foi verificar a janela, que estava bem fechada. Olhou para fora, e a noite estava pontilhada de estrelas. Aglomeravam-se em

volta da casa, como se estivessem curiosas para assistir ao que iria ocorrer por lá, mas ela não reparou, nem percebeu, que uma ou duas das estrelas menores piscaram para ela. Ainda assim, sentiu um medo sem nome apertando o coração, e exclamou:

– Ah, como eu queria não ter de sair hoje à noite!

Até Michael, já meio adormecido, sabia que ela estava inquieta, e perguntou:

– Alguma coisa pode acontecer, mamãe, mesmo depois que você deixa essas luzes acesas?

– Nada, meu querido – respondeu ela. – Elas são os olhos que as mães deixam abertos quando saem, para tomar conta dos filhos.

Foi de cama em cama entoando encantamentos para eles, e o pequeno Michael atirou-se em seu colo, abraçando-se ao seu pescoço.

– Ainda bem que minha mãe é você! – exclamou ele.

E foram as últimas palavras que ela ouviu seu filho menor dizer, por muito e muito tempo.

O Número 27 ficava a poucos metros dali, mas tinha caído um pouco de neve e o sr. e a sra. Darling tinham que escolher bem onde pisar, para não molharem os sapatos. Eram as únicas pessoas na rua, e todas as estrelas acompanhavam os dois. As estrelas são lindas, mas não podem participar de nada ativamente, só olhar e olhar para sempre. É o castigo que elas precisam cumprir por alguma coisa que fizeram tanto tempo atrás que nenhuma delas lembra mais o que foi. Assim, as mais velhas ficaram com os olhos embaçados e quase nunca dizem nada (a linguagem das estrelas é o cintilar), mas as pequeninas ainda são curiosas. Não simpatizam muito com Peter, que tem o mau costume de chegar por trás delas e tentar apagar suas luzes com um sopro, mas gostam tanto de se divertir que naquela noite estavam do lado dele, ansiosas para tirar logo os adultos do caminho. Por isso, na mesma hora em que a porta do Número 27 se fechou depois da entrada do casal Darling, houve uma verdadeira comoção no firmamento, e a menor das estrelas da Via Láctea gritou:

– Agora, Peter!

VAMOS
EMBORA!
VAMOS
EMBORA!

3

Por pouco tempo, logo depois que o sr. e a sra. Darling saíram de casa, as luzes ao lado das três camas continuaram acesas e bem claras. Eram uns lampiões lindos, e bem que seria bom se tivessem ficado acordados para ver a chegada de Peter; mas a lâmpada de Wendy piscou e soltou tamanho bocejo que as outras duas também bocejaram, e antes que pudessem ter fechado a boca todas as três se apagaram.

Mas agora havia uma outra luz no quarto, mil vezes mais brilhante que a das lamparinas noturnas, e no tempo que levamos para dizer isto, ela esteve em todas as gavetas do quarto procurando a sombra de Peter, passou por dentro do guarda-roupa e virou todos os bolsos do avesso. Na verdade, nem era uma luz; produzia essa luz por se deslocar tão depressa, mas quando parava por um segundo dava para ver que era uma fada, menor que a sua mão aberta, mas ainda em crescimento. Era uma fada menina chamada Sininho, com um lindo vestido feito de um esqueleto de folha, cortado curto em linha reta, através do qual podia se ver nitidamente sua silhueta cheinha.

Um instante depois de a fada ter entrado, a janela foi aberta por um sopro das estrelas jovens, e Peter pulou para dentro. Tinha carregado Sininho por um trecho da viagem, e a mão dele ainda estava coberta de pó de fadas.

– Sininho... – chamou ele bem baixo depois de verificar que as crianças estavam dormindo. – Sininho, onde você está?

Naquele momento ela estava dentro de uma jarra, e gostando muito; nunca tinha entrado numa jarra antes.

– Saia daí e me diga logo: você sabe onde guardaram a minha sombra?

E a resposta foi o tilintar mais delicioso de sinetas de ouro. É a língua das fadas. Você, crianças comuns, nunca ouvem este som, mas se um dia escutassem saberiam que já tinham ouvido antes.

Sininho disse que a sombra estava naquela caixa grande. Falava da cômoda, e Peter pulou para abrir as gavetas, espalhando o que continham pelo chão com as duas mãos, como os reis jogam moedas para o populacho. Daí a um momento tinha recuperado a sombra, e em sua felicidade esqueceu que tinha deixado Sininho fechada na gaveta.

Se é que ele tinha pensado no assunto – mas não acredito que tenha perdido muito tempo pensando –, Peter achava que ele e a sua sombra, assim que estivessem perto, iriam se unir como acontece com duas gotas d'água. Como não aconteceu assim, ele ficou abismado. Tentou colar a sombra com o sabão do banheiro, mas também não deu certo. Peter tremia, sentou-se no chão e começou a chorar.

Seus soluços despertaram Wendy, que se sentou na cama. E não ficou com

medo ao ver um desconhecido chorando no chão do quarto, só curiosa.

– Menino – disse ela, com toda a gentileza –, por que você está chorando?

Peter também sabia se comportar com a máxima cortesia, tendo aprendido os modos certos nas cerimônias das fadas, então se levantou e fez uma bela reverência a Wendy, que ficou muito satisfeita e também lhe fez uma linda reverência da cama dela.

– Como é o seu nome? – perguntou ele.

– Wendy Moira Angela Darling – respondeu ela com algum orgulho. – E o seu?

– Peter Pan.

Ela já tinha certeza de que só podia ser Peter, mas achou o nome curto demais perto do dela.

– Só isso?

– É – respondeu ele com aspereza. Era a primeira vez que achava o seu próprio nome curto demais.

– Desculpe – disse Wendy Moira Angela.

– Não tem importância – Peter engoliu em seco.

Ela perguntou onde ele morava.

– A segunda à direita – respondeu Peter – e depois sempre em frente até o amanhecer.

– Que endereço diferente!

Peter teve uma sensação estranha. Pela primeira vez, achava seu endereço diferente.

– Não é, não! – retrucou ele.

– Quer dizer – emendou Wendy, lembrando-se de que era a dona da casa –, é assim que escrevem nas cartas?

Ele preferia que ela não tivesse falado em cartas.

– Nunca recebo carta nenhuma – disse ele em tom de desdém.

– E a sua mãe, não recebe cartas?

– Não tenho mãe – respondeu ele. E não só não tinha mãe como não sentia a menor vontade de ter. Achava que exageravam demais o valor dessas pessoas. Já Wendy percebeu na mesma hora que estava diante de uma tragédia.

– Ora, Peter, não é de se admirar que você estivesse chorando! – exclamou ela, saiu da cama e correu para ele.

– Mas eu não estava chorando por causa de mãe nenhuma – ele ficou indignado. – Estava chorando porque não consigo grudar minha sombra de volta em mim. Além disso, nem chorando eu estava.

– Sua sombra se despreendeu?

– Foi.

Então Wendy viu a sombra no chão, toda amarrotada, e ficou morta de pena de Peter.

– Que horror! – disse ela, mas não conseguiu deixar de sorrir ao ver que ele tinha tentado usar sabão para grudar a sombra no corpo. Coisa de menino, mesmo!

Felizmente, ela sabia perfeitamente o que precisava ser feito.

– Precisa costurar – explicou ela, num tom meio condescendente.

– O que é costurar? – perguntou ele.

– Você é mesmo muito ignorante.

– Não sou nada.

Mas ela estava felicíssima com a ignorância do menino.

– Eu costuro para você, meu homenzinho – ofereceu ela, embora eles fossem do mesmo tamanho. Foi pegar sua cesta de costura e começou a costurar a sombra nos pés de Peter.

– Pode doer um pouco – avisou ela.

– Ah, eu não vou chorar – garantiu Peter, que já acreditava nunca ter chorado em toda a sua vida. Ele cerrou os dentes e não chorou; e logo sua sombra estava se comportando da maneira certa, mesmo que ainda um pouco amarrotada.

– Talvez eu devesse ter passado a ferro – disse Wendy, preocupada; mas Peter, como qualquer menino, pouco ligava para as aparências, e agora pulava de um lado para o outro na alegria mais completa. E já tinha esquecido também que devia toda aquela felicidade a Wendy. Achava que tinha atraído a sombra de volta por conta própria.

– Como eu sou esperto! – gritava ele, embevecido. – Ah, quanta esperteza, a minha!

É quase humilhante ter de confessar que não ser nada modesto era justamente uma das qualidades mais fascinantes de Peter Pan. Para falar com toda a franqueza, sem papas na língua, nunca houve no mundo inteiro um menino que se achasse mais perfeito.

Mas naquele momento Wendy ficou chocada.

– Como você é convencido! – exclamou ela, e completou com um sarcasmo terrível: – Claro que eu não fiz nada...

– Até fez, um pouco – admitiu Peter, descuidado, e continuou a dançar.

– Um pouco! – respondeu ela, com o orgulho ferido. – Se você acha que eu não sirvo para mais nada, pelo menos sei sair de cena – e da maneira mais digna que consegui, pulou de volta para a cama e cobriu a cabeça com a colcha.

Querendo que Wendy olhasse para ele, Peter fingiu que estava indo embora, e quando não deu certo sentou-se na beira da cama e cutucou a menina com o pé.

– Wendy ... – pediu ele – não saia de cena. Não consigo evitar cantar de galo, Wendy, quando fico orgulhoso de mim mesmo.

Ainda assim ela não olhou para ele, embora estivesse escutando com toda a atenção.

– Wendy ... – continuou ele, com uma voz que venceria a resistência de qualquer mulher – Wendy, uma menina vale mais que vinte meninos.

Wendy era mulher da cabeça aos pés, embora a distância entre sua cabeça e seus pés ainda não fosse muito grande, e espiou por cima da coberta.

– Você acha mesmo, Peter?

– Acho.

– É muita gentileza de sua parte – declarou ela –, vou me levantar de novo.

E sentou-se ao lado dele na cama. Disse também que lhe daria um beijo se ele quisesse, mas Peter não sabia o que ela queria dizer, e estendeu a mão, esperando algum presente.

– Você não sabe o que é um beijo? – perguntou ela, espantada.

– Na hora que você me der eu vou saber – respondeu ele, sem se dar por achado; e para não magoar seus sentimentos ela lhe deu um dedal.

– E agora – perguntou ele – eu devo lhe dar um beijo também?

E ela respondeu, um pouco empertigada: – Se você quiser.

E facilitou bastante as coisas inclinando o rosto na direção dele, mas ele se limitou a deixar cair na mão dela um botão, feito de uma semente de carvalho; então ela recuou o rosto devagar, e disse com muita delicadeza que iria usar o beijo dele na corrente que trazia em volta do pescoço. E foi muita sorte ela ter pendurado o botão na corrente, pois mais tarde o botão salvaria a sua vida.

Quando pessoas como nós são apresentadas, o costume é uma perguntar a idade da outra, e assim Wendy, que sempre gostava de fazer as coisas direitinho, perguntou a Peter quantos anos ele tinha, o que, no caso dele, nunca era uma boa pergunta. Era como uma prova final só de perguntas de gramática, quando na verdade você saberia responder sobre os reis da Inglaterra.

– Não sei – respondeu ele, muito sem graça. – Mas sou muito novo.

Na verdade ele não tinha a menor ideia; só desconfiava. Mas resolveu explicar a ela:

– Wendy, eu fugi no dia do meu nascimento.

Wendy ficou muito surpresa, mas interessada; e indicou, com seus mais encantadores modos de etiqueta, por um toque em sua camisola, que ele podia sentar-se mais perto dela.

– Foi porque eu ouvi meu pai e minha mãe – explicou ele em voz baixa – conversando sobre como eu ia ser quando crescesse. – E em seguida ficou mais agitado. – Não quero crescer nunca! – disse ele, exaltado. – Quero continuar a

ser menino para sempre, brincar e me divertir. Por isso eu fugi para os Jardins de Kensington e vivi muito tempo com as fadas.

Ela lhe lançou um olhar da mais intensa admiração, e ele achou que foi porque ele havia fugido de casa. Na verdade, era porque conhecia fadas. Wendy sempre tinha vivido tão protegida em casa que conhecer fadas lhe parecia a melhor coisa do mundo. Cobriu Peter de perguntas sobre elas, e o menino ficou surpreso, porque chegava a achar as fadas um tanto incômodas, sempre se metendo na frente dele e assim por diante. De vez em quando, para falar a verdade, precisava até fugir delas. Ainda assim, no fim das contas gostava das fadas, e contou a Wendy como elas tinham aparecido.

– Foi assim, Wendy: quando o primeiro bebê riu pela primeira vez, o riso dele se desfez em mil pedaços, eles se espalharam pelo mundo e foi assim que surgiram as fadas.

O que era uma conversa meio chata, mas Wendy, menina que ficava quase sempre em casa, estava gostando de saber.

– Por isso – continuou ele, muito gentil – devia existir uma fada para cada menino ou menina do mundo.

– Devia existir? E não existe?

– Não. É que hoje as crianças sabem tanta coisa que logo deixam de acreditar em fadas, e cada vez que uma criança diz “Eu não acredito em fadas”, em algum lugar uma fada cai morta.

Mas ele agora achava que já tinham falado demais sobre as fadas, e estranhou que até aquele momento Sininho estivesse tão quieta.

– Não consigo imaginar aonde ela pode ter ido – disse ele, se levantando, e começou a chamar Sininho pelo nome. O coração de Wendy estremeceu com uma sensação repentina.

– Peter! – exclamou ela, abraçando o menino – você não vai me dizer que tem uma fada, agora, dentro do meu quarto!

– Ela estava aqui agora mesmo – respondeu ele com uma certa impaciência. – Você não está ouvindo o som dela? – e os dois ficaram tentando escutar alguma coisa.

– O único som que estou ouvindo – disse Wendy – parece um tilintar de sinos.

– Pois é ela, é Sininho, é a língua das fadas. Acho que também estou ouvindo.

O som vinha da cômoda, e Peter fez uma expressão alegre. Ninguém fazia cara de alegria como Peter, e o riso dele parecia o canto das águas de um riacho. Ele ainda conservava sua primeira risada.

– Wendy – murmurou ele baixinho – acho que fechei a gaveta com ela dentro!

Ele abriu a gaveta, e a pobre Sininho saiu voando pelo quarto, gritando de ódio. – Você não devia dizer essas coisas! – repreendeu Peter. – Claro que peço

desculpas, mas como é que eu ia saber que você estava dentro da gaveta?

Wendy nem ouvia as palavras de Peter.

– Peter – disse. – Se ela pelo menos ficasse um pouco parada, para eu poder ver como é!

– Elas quase nunca param – disse ele, mas por um momento Wendy viu aquela figura romântica pousar por um instante no relógio de cuco.

– Ah, como é linda! – exclamou ela, embora o rosto de Sininho ainda estivesse contorcido de raiva.

– Sino – disse Peter em tom carinhoso – esta moça disse que queria que você fosse a fada dela.

Sininho respondeu num tom insolente.

– O que ela disse, Peter?

Ele precisou traduzir para Wendy:

– Ela não está sendo muito gentil. Disse que você é uma garota grandona e feiosa, e que ela já é a minha fada.

E ainda tentou argumentar com Sininho.

– Você sabe que não pode ser a minha fada, Sino, porque eu sou homem, e você, uma mulher.

A isso, Sininho, antes de sumir no banheiro, respondeu nos seguintes termos:

– Seu burro idiota!

– Ela é uma fada nada especial. – explicou Peter em tom de desculpa – Seu nome é Sininho porque está acostumada a remendar potes e panelas, e isso faz bastante barulho.

Nesta hora, estavam juntos perto da poltrona, e Wendy bombardeava Peter com mais perguntas.

– Mas agora você não vive mais nos Jardins de Kensington...

– Às vezes ainda durmo lá.

– Mas onde é que você passa a maior parte do tempo?

– Com os meninos perdidos.

– Quem são os meninos perdidos?

– As crianças que caem dos carrinhos de bebê quando a babá se distrai e olha para o outro lado. Se não são recuperados em sete dias, são mandados para a Terra do Nunca, para eliminar as despesas. E eu sou o comandante deles.

– Deve ser muito divertido!

– E é mesmo – disse o matreiro Peter – mas vivemos muito solitários. É que não temos a companhia de nenhuma mulher.

– Nenhuma das crianças é menina?

– Ah, não; as meninas são espertas demais para cair do carrinho de bebê.

O que deixou Wendy muito lisonjeada.

– Pois eu acho – disse ela – que você fala das meninas de maneira muito simpática; John, por exemplo, só fala de nós com desprezo.

Como resposta, Peter se levantou e deu um pontapé em John, que caiu da cama com as cobertas e tudo; isso com um único pontapé. O que Wendy achou um primeiro contato direto demais, dizendo a Peter, com presença de espírito, que ele não era o comandante na casa dela. Mas John continuou a dormir tão calmamente no chão que ela deixou o irmão por lá mesmo.

– Eu sei que você não estava querendo ser bruto – continuou ela, cedendo um pouco – e por isso você pode me dar um beijo.

Por um momento, ela tinha esquecido que ele não sabia o que era um beijo.

– Bem que eu achei que você iria querer de volta – disse ele com uma certa amargura, dispondo-se a devolver o dedal para a menina.

– Ora – contornou a gentil Wendy – eu não quis dizer um beijo, mas um dedal.

– E como é um dedal?

– É assim – e deu-lhe um beijo.

– Estranho! – disse Peter, em tom sério. – E agora, eu também lhe dou um dedal?

– Se quiser – disse Wendy, desta vez mantendo a cabeça parada.

Peter lhe deu o dedal, e quase imediatamente ela soltou um grito.

– O que foi, Wendy?

– Senti exatamente como se alguém tivesse puxado o meu cabelo.

– Deve ter sido a Sininho. Ela nunca se comportou tão mal antes.

E na realidade Sininho estava de novo voando de um lado para o outro, e usando todos os xingamentos que sabia.

– Ela me disse que vai voltar a fazer a mesma coisa, Wendy, toda vez que eu lhe der um dedal.

– Mas por quê?

– Por quê, Sino?

Mais uma vez, a resposta de Sininho foi:

– Seu burro idiota!

Peter não entendia por quê, mas Wendy sim; e só ficou um pouco decepcionada quando ele contou que vinha até a janela do quarto dela não para vê-la, mas para ouvir histórias.

– O caso é que eu não conheço nenhuma história. Nenhum dos meninos perdidos conhece história nenhuma.

– Que coisa horrível! – disse Wendy.

– Você sabe – perguntou Peter – por que as andorinhas constroem os ninhos nos beirais das casas? É para ouvir as histórias. Ah, Wendy, a sua mãe começou a contar uma história tão linda...

– Qual delas?

– A do príncipe que não conseguia encontrar a moça do sapatinho de cristal.

– Mas Peter – disse Wendy, muito animada – é a história de Cinderela! Depois ele encontra a moça, e eles vivem felizes para sempre!

Peter ficou tão alegre que se levantou do chão, onde os dois estavam sentados, e saiu correndo para a janela.

– Aonde você vai? – perguntou ela, com um mau presságio.

– Contar para os outros meninos.

– Não vá, Peter – pediu ela. – Eu sei tantas outras histórias...

Foram exatamente estas as palavras que ela disse, de modo que não se pode negar que foi ela quem teve a ideia primeiro.

Ele voltou, com uma expressão de cobiça nos olhos que devia ter deixado Wendy alarmada, mas não deixou.

– Ah, as histórias que eu podia contar aos meninos! – exclamou ela, e então Peter pegou a menina e começou a puxá-la para perto da janela.

– Me solte! – ordenou ela.

– Wendy, venha comigo contar as histórias para os outros meninos.

Claro que ela ficou muito orgulhosa com o pedido, mas disse:

– Ah, mas eu não posso. E a minha mãe? Além disso, não sei voar.

– Eu ensino.

– Ah, que beleza, voar!

– Eu ensino você a montar no vento e sair voando.

– Oh! – exclamou ela, embevecida.

– Wendy, Wendy, em vez de estar dormindo nesta cama boba você podia estar voando comigo de um lado para o outro, contando coisas engraçadas para as estrelas.

– Oh!

– E, Wendy, temos sereias.

– Sereias! Com rabo de peixe?

– Um rabo tão comprido...

– Ah! – exclamou Wendy. – Ver uma sereia!

Peter estava cada vez mais sagaz, chegava a dar medo.

– Wendy – continuou ele –, vamos ter tanto respeito por você!

Ela não conseguia ficar parada, de tanta agitação. Era como se precisasse fazer força para continuar com os pés no chão do quarto.

Mas Peter não teve dó nem piedade.

– Wendy – disse ele, o mais esperto dos meninos –, você podia nos pôr para dormir toda noite.

– Oh!

– Nunca ninguém ajeitou as nossas cobertas.

– Oh... – e ela estendeu os braços para o menino.

– E você ainda podia cerzir as nossas roupas, e costurar bolsos para nós.

Nenhum de nós tem bolsos nas roupas.

Como ela poderia resistir?

– Claro que é fascinante! – exclamou ela. – Peter, você ensina John e Michael a voar também?

– Se você quiser – disse ele, em tom indiferente.

Ela correu para John e Michael, e sacudiu os dois.

–Acordem! – exclamou ela. – Peter Pan está aqui e vai nos ensinar a voar!

John esfregou os olhos.

– Então eu vou me levantar – disse ele (sabemos que já estava no chão). –

Pronto! – continuou. – Já estou de pé!

A essa altura Michael também já estava acordado, muito atento a tudo que acontecia, e Peter fez um gesto pedindo silêncio. Os rostos de todos assumiram a expressão muito concentrada das crianças quando realmente querem ouvir os sons do mundo dos adultos. E tudo estava na mais perfeita calma... Não, nada disso! Tudo estava totalmente errado. Nana, que tinha passado a noite inteira latindo nervosa, de repente estava calada. Foi o silêncio dela que eles ouviram e acharam estranho.

– Apaguem as luzes e se escondam! Depressa! – exclamou John, assumindo o comando pela única vez em toda a aventura. E assim, quando Liza entrou, trazendo Nana, o quarto estava com a aparência de sempre, muito escuro; e você poderia jurar que tinha ouvido a respiração angelical daqueles três fingidos enquanto dormiam. Na verdade, eles estavam produzindo o típico som do ressonar escondidos atrás das cortinas da janela.

Liza estava de mau humor porque começou a preparar os bolos de Natal na cozinha mas tinha sido afastada do trabalho, com muitas passas ainda grudadas nas mãos e no rosto, pela desconfiança absurda de Nana. Achou então que a melhor maneira de conseguir um pouco de sossego era levar Nana por um momento até o quarto das crianças, mas evidentemente bem presa na coleira.

– Pronto, monstro desconfiado – disse ela, nada aborrecida por Nana estar sendo malvista pelos patrões. – Estão todos a salvo, não é? Os três anjinhos, todos na cama e dormindo. Escute só como eles respiram calmamente.

E aqui Michael, empolgado com o sucesso da encenação, respirou tão alto que

eles quase foram descobertos. Nana conhecia aquele tipo de respiração, e tentou escapar da coleira que Liza segurava, mas a criada não deixou.

– Já chega, Nana – disse ela em tom severo, puxando a cachorra para fora do quarto. – E fique avisada: se você latir de novo vou direto procurar os patrões, vou lá chamar no jantar deles e trazer eles de volta para casa, e aí, ah, aposto que o patrão vai bater em você.

Tornou a prender a infeliz cachorra, mas você acha que Nana parou de latir? Pode trazer os patrões de volta do jantar! Era exatamente o que ela queria. Acha que ela ligava se apanhava ou não, contanto que as crianças ficassem a salvo? Infelizmente, Liza voltou para os seus bolos e Nana, vendo que da parte dela não viria ajuda nenhuma, puxou e puxou a coleira até arrebentar. Dali a um momento entrava correndo na sala de jantar do Número 27, pulando em duas patas, sua maneira mais expressiva de se comunicar. Na mesma hora, o sr. e a sra. Darling entenderam que alguma coisa terrível estava acontecendo no quarto das crianças, e sem nem se despedir da dona da casa saíram apressados para a rua.

Mas a essa altura já se passavam dez minutos desde que os três malfeitores tinham ficado fingindo risonar por trás das cortinas, e Peter Pan consegue fazer muita coisa em dez minutos.

E voltamos agora àquele momento no quarto das crianças.

– Conseguimos – anunciou John, saindo do esconderijo. – Mas diga uma coisa, Peter, você voa de verdade?

Em vez de se dar ao trabalho de responder, Peter saiu voando pelo quarto, pousando na prateleira em cima da lareira.

– É o máximo! – disseram John e Michael.

– Que galanteza! – disse Wendy.

– Isso mesmo, eu sou galante, ah, como eu sou galante! – concordou Peter, tornando a se esquecer dos bons modos.

Parecia deliciosamente fácil, e todos começaram a tentar, primeiro decolando do chão e depois das camas, mas sempre caíam em vez de subir.

– Conte logo, como é que se faz? – perguntou John, esfregando o joelho. Ele era um menino muito prático.

– É só pensar em coisas boas – explicou Peter – que elas fazem você levantar voo.

E tornou a mostrar aos três.

– Você voa tão depressa – disse John. – Não podia voar mais devagar, pelo menos uma vez?

Peter voou devagar, e de novo bem depressa.

– Agora eu aprendi, Wendy! – exclamou John, mas logo descobriu que não

tinha aprendido nada. Nenhum dos três irmãos conseguia dar mais que um pulo, embora até o pequeno Michael já soubesse ler e escrever palavras de várias sílabas e Peter, por outro lado, nem soubesse a diferença entre o A e o Z.

Claro que Peter estava zombando deles, pois a pessoa só pode voar depois que alguém sopra pó das fadas em cima dela. Felizmente, como já dissemos, uma das mãos de Peter estava coberta desse pó, e ele soprou um pouco em cima de cada um dos meninos, e o resultado foi impressionante.

– Agora é só mexer com ombros assim – disse ele – e sair voando.

Estavam cada um na sua cama, e o corajoso Michael foi o primeiro a levantar voo. Não exatamente do jeito que ele imaginava, mas conseguiu, e logo atravessava o quarto de lado a lado.

– Eu voejei! – gritou ele ainda em pleno ar.

John levantou voo e esbarrou em Wendy perto do banheiro.

– Ah, que delícia!

– Ah, que rapidez!

– Olhe como eu estou voando!

– Olhe como eu estou voando!

– Olhe como eu estou voando!

Ainda não voavam com a mesma elegância de Peter, e não conseguiam deixar de bater um pouco os pés, mas voavam com a cabeça passando pertinho do teto, e não existe quase nada tão delicioso quanto voar. Peter ajudou um pouco Wendy no começo, mas depois desistiu, diante da indignação de Sininho.

E lá ficaram eles, para cima e para baixo, e de um lado para o outro do quarto. A palavra que Wendy usou foi “celestial”.

– E me digam – perguntou John –, por que não saímos de uma vez?

E claro que era essa a ideia de Peter.

Michael estava pronto para sair: queria ver em quanto tempo conseguiria percorrer um bilhão de quilômetros. Mas Wendy hesitou.

– Sereias! – tornou a dizer Peter.

– Oh!

– E piratas.

– Piratas! – exclamou John, pegando seu chapéu de domingo. – Por que não vamos logo?

E foi exatamente neste instante que o sr. e a sra. Darling saíram correndo com Nana do Número 27. Corriam pelo meio da rua, para não perder de vista a janela do quarto das crianças; e, é verdade, ela ainda estava fechada, mas o quarto estava tomado de luz, e, o que mais deixou os pais de coração apertado é que viam, nas cortinas, as sombras das três figuras de pijama e camisola,

descrevendo círculos pelo quarto afora, não pelo chão, mas em pleno ar.

E, espere, não eram três figuras, mas quatro!

Tremendo, abriram a porta da rua. O sr. Darling devia ter corrido direto para cima, mas a sra. Darling disse a ele, com um sinal, que subisse sem fazer barulho. Tentava inclusive fazer o seu próprio coração bater sem fazer barulho.

Será que chegam a tempo no quarto das crianças? Ah, se chegarem, como vai ser bom para eles, e como vamos todos respirar aliviados; mas então a história acabava por aqui. Por outro lado, se eles chegarem atrasados, prometo solenemente que tudo vai dar certo no final.

E teriam chegado bem a tempo no quarto das crianças se não fosse pelas estrelinhas, que acompanhavam tudo. Mais uma vez elas sopraram e abriram a janela, e a menor de todas gritou:

– Atenção, Peter!

Então Peter soube que não tinha um instante a perder.

– Vamos! – gritou ele irresistivelmente, e na mesma hora levantou voo pela noite afora, seguido por John, Michael e Wendy.

O sr. e a sra. Darling, e mais a Nana, entraram correndo no quarto tarde demais. Os passarinhos tinham batido as asas.

EM PLENO

4

– A segunda à direita, e depois sempre em frente até o amanhecer.

Este, Peter tinha dito a Wendy, era o caminho para a Terra do Nunca; mas mesmo os pássaros, levando mapas que consultavam em cada esquina mais ventosa, não conseguiriam chegar lá com essas instruções. Vocês precisam entender que Peter sempre dizia qualquer coisa que lhe desse na telha.

Num primeiro momento, seus companheiros de viagem tinham confiança absoluta nele, e o deleite do voo era tão grande que eles perdiam tempo voando em torno das torres das igrejas e qualquer outra coisa mais alta que encontrassem no caminho.

John e Michael apostavam corrida, Michael saindo em vantagem.

Lembraram-se impressionados que pouco tempo antes se achavam maravilhosos por simplesmente conseguirem flutuar dentro de um quarto.

Pouco tempo antes. Mas quanto? E antes desse pensamento começar a incomodar Wendy mais seriamente, estavam voando por cima do mar. John achava que já eram o segundo mar e a terceira noite deles.

Às vezes clareava e às vezes escurecia; ora sentiam frio, ora sentiam muito calor. Será que realmente sentiam fome de vez em quando, ou só estariam fazendo de conta, por causa da maneira engraçada que Peter tinha de lhes dar comida? O que ele fazia era perseguir as aves que carregavam na boca comida que também servia para gente comer, e roubar delas; depois as aves vinham atrás deles e roubavam de volta; e ficavam uns seguindo alegremente os outros por quilômetros a fio, despedindo-se depois com muitos votos de boa vontade. Mas Wendy ficou preocupada ao ver que Peter não dava sinal de perceber que esse modo de conseguir comida era muito estranho, e nem que houvesse outras maneiras de se alimentar.

Mas de jeito nenhum eles faziam de conta que estavam com sono; estavam com sono de verdade. E era um perigo, porque, no momento em que fechavam os olhos, despencavam lá de cima. E o pior é que Peter achava a maior graça nessa história.

– Lá vai ele de novo! – gritava, risonho, quando Michael de repente passava por eles, caindo feito uma pedra.

– Salve ele, salve ele! – exclamava Wendy, olhando com horror para o mar cruel bem abaixo. Finalmente Peter mergulhava pelo ar, e pegava Michael muito antes que ele se chocasse com o mar, e com gestos graciosos; mas sempre esperava até o último minuto, e você podia sentir que ele se interessava era pelo truque, e não em salvar uma vida humana. Ele também gostava de variedade, e a brincadeira que num minuto ele achava divertida de repente deixava de parecer interessante, de modo que sempre havia a possibilidade de, da próxima

vez que você caísse, ele deixar você se esborrachar lá embaixo.

Ele conseguia dormir voando sem despencar, simplesmente boiando de costas, mas, pelo menos em parte, porque era tão leve que, com o menor sopro na sua direção, ele voava mais depressa.

– Por favor, procure tratar Peter melhor – sussurrou Wendy para John, quando estavam brincando de “Seguir o Chefe”.

– Então diga para ele parar de se mostrar – respondeu John.

Quando brincava de Seguir o Chefe, Peter voava perto da água e encostava a mão no rabo de cada tubarão por que passavam, como ao andar na rua vamos passando a mão nas grades de ferro. Os outros não conseguiam fazer o mesmo que ele, e ele de fato estava se exibindo, o que ficava especialmente claro porque olhava o tempo todo para trás, contando quantos rabos eles deixavam passar.

– Vocês precisam tratar Peter bem – insistia Wendy com os irmãos. – O que ia ser de nós se ele nos largasse aqui?

– Sempre podíamos voltar – respondeu Michael.

– E como íamos achar o caminho de volta sem ele?

– Então podíamos seguir sempre em frente – sugeriu John.

– É esse o pior problema, John. Íamos precisar seguir sempre em frente, porque não sabemos como se faz para parar.

John disse que, se o pior acontecesse, eles só precisavam seguir em frente, porque o mundo era redondo e assim, com o tempo, acabariam chegando de volta ao quarto de onde tinham saído.

– E quem vai nos arranjar comida, John?

– Agora mesmo tirei um pouquinho da comida do bico de uma águia, Wendy.

– Depois de tentar vinte vezes – lembrou Wendy. – E apesar de termos aprendido a pegar comida, olhe como esbarramos nas nuvens e nas coisas quando ele não está por perto para ajudar.

E é verdade, esbarravam o tempo todo. Agora já sabiam voar com força, só que ainda usavam demais os pés. Mas toda vez que viam uma nuvem à frente, quanto mais tentavam evitar bater nela mais garantido era que acabariam batendo. Se Nana estivesse com eles, a esse ponto já teria amarrado uma atadura em volta da cabeça de Michael.

Peter não estava com eles no momento, e durante algum tempo sentiram falta dele. Voava tão mais depressa que de repente saía de perto para viver alguma aventura em que eles não tomavam parte. Às vezes aparecia rindo de alguma coisa muito engraçada que havia dito para uma estrela, mas já tinha esquecido o que era, ou surgia com escamas de sereia ainda grudadas na pele, mas sem saber dizer ao certo o que tinha acontecido. O que era bem irritante para crianças que nunca tinham visto uma sereia.

– Se ele esquece das coisas tão depressa – dizia Wendy – como é que podemos esperar que não vá se esquecer de nós?

E de fato, às vezes quando ele voltava Wendy tinha certeza de que não se lembrava mais deles, pelo menos não muito bem. Só via surgir algum reconhecimento nos olhos dele quando finalmente Ihes dizia que horas eram e que precisavam continuar; uma vez, ela precisou até dizer a ele como se chamava.

– Eu sou a Wendy – lembrou ela, agitada.

Peter ficou muito sem jeito.

– Escute, Wendy – disse a ela –, sempre que você perceber que estou meio esquecido, é só me dizer “Eu sou a Wendy”, que eu vou me lembrar.

Claro que isso ainda era pouco. Ainda assim, para se desculpar, ele ensinou aos três como fazer para aproveitar o vento que soprava na direção que queriam ir, para serem empurrados, e foi uma mudança tão boa que, depois de tentar várias vezes, descobriram que assim podiam dormir em segurança. Por eles, dormiriam ainda mais, mas Peter se cansava depressa de dormir, e logo gritava com sua voz de comando:

– Descemos aqui!

Assim, com um ou outro percalço, mas no geral de maneira bem divertida, eles foram se aproximando da Terra do Nunca; pois só depois de muitas luas eles chegaram, e, mais ainda, viajando praticamente em linha reta o tempo todo, nem tanto graças à orientação de Peter ou de Sininho, mas porque a ilha estava à procura deles. E é só assim que alguém consegue chegar a essas praias mágicas.

– Fica logo ali – disse Peter calmamente.

– Onde, onde?

– Para onde todas as setas estão apontando.

Na verdade, um milhão de setas douradas indicavam a ilha para as crianças, todas produzidas por seu amigo, o Sol, que queria que eles tivessem certeza do caminho antes de entregá-los à noite.

Wendy, John e Michael se puseram na ponta dos pés, em pleno ar, para ver a ilha pela primeira vez. E o mais estranho é que reconheceram a Terra do Nunca de primeira, e, até começarem a sentir medo, saudaram aquele lugar, não porque fosse um lugar com que sonhavam e que finalmente estavam encontrando, mas por ser um amigo próximo em cuja casa estivessem chegando de visita para passar um feriado.

– John, olhe ali a lagoa!

– Wendy, olhe as tartarugas enterrando os ovos na areia!

– John, estou vendo o seu flamingo de perna quebrada!

– Olhe ali, Michael, a sua caverna!

– John, o que é aquilo no bosque?

– É uma loba com os filhotes, Wendy. E acho que um deles é o seu!

– Olhe ali o meu barco, John, com o casco curvo!

– Não, não pode ser, o seu barco pegou fogo.

– Mas é ele assim mesmo! E ali, John, a fumaça do acampamento dos peles-vermelhas!

– Onde? Mostre que eu lhe digo, pela forma das nuvens de fumaça, se eles estão se preparando para a guerra.

– Ali, bem do outro lado do Rio do Mistério.

– Agora eu vi. E não tenho a menor dúvida: eles estão se preparando para a guerra.

Peter estava um pouco aborrecido com as crianças, por saberem de tanta coisa; mas se queria se destacar em relação a eles seu triunfo viria dali a pouco, pois eu já não lhes disse que dali a pouco eles sentiriam medo?

E o medo chegou com a velocidade de uma flecha, deixando a ilha no escuro.

Nos velhos tempos, em casa, a Terra do Nunca sempre escurecia e ficava um pouco assustadora quando chegava a hora de dormir. Os caminhos inexplorados apareciam e se espalhavam por ela; sombras escuras se deslocavam por toda a área; o rugido das feras ficava diferente e, acima de tudo, qualquer um deixava de ter certeza de que tudo acabaria bem. Era um alívio saber que a luz de dormir estava acesa. E você até gostaria de ouvir Nana dizer que ali só ficava a cômoda, e que a Terra do Nunca era puro faz de conta.

E é claro que naquele tempo a Terra do Nunca era puro faz de conta; mas agora era de verdade, e sem nenhuma luz acesa, e escurecendo cada vez mais; onde estava Nana?

Até ali as crianças vinham voando espaçadas, mas agora se aglomeraram todos pertinho de Peter, que não se comportava mais do mesmo jeito descuidado. Seus olhos brilhavam, e todos sentiam um calafrio cada vez que encostavam nele. Sobrevoavam agora a ilha assustadora, voando tão baixo que às vezes roçavam com os pés em alguma árvore. De lá de cima não se via nada que metesse medo, mas ainda assim avançavam devagar e penosamente, exatamente como se precisassem vencer a resistência de forças hostis. Às vezes não conseguiam ir em frente e ficavam parados no ar, até Peter chegar e dar-lhes uns socos.

– Eles não querem que a gente pouse – explicou.

– Eles quem? – murmurou Wendy, trêmula.

Mas ele não sabia, ou não quis dizer. Sininho estava adormecida no seu ombro, mas ele a acordou e mandou que fosse na frente.

Às vezes Peter ficava parado no ar, escutando atento com a mão em concha no ouvido, e olhando em todas as direções com olhos que brilhavam tanto que pareciam abrir duas passagens até a terra. Depois, seguia em frente.

A coragem dele era impressionante.

– Querem viver uma aventura já – perguntou a John em tom de quem não quer nada – ou preferem tomar um chazinho antes?

Wendy respondeu depressa “primeiro o chá”, e Michael apertou a mão dela, agradecido, mas John, que era mais corajoso, hesitou.

– Que tipo de aventura? – perguntou, curioso.

– Estou vendo um pirata dormindo nos pampas, logo abaixo de nós – respondeu Peter. – Se você quiser, podemos descer e matar o sujeito.

– Não estou vendo ninguém – disse John, depois de uma longa pausa.

– Mas eu sim.

– Só que – perguntou John com a voz meio rouca – e se ele acordar?

Peter respondeu indignado:

– Você não achou que eu iria matar o pirata dormindo! Antes eu acordo o homem, e depois o mato. É assim que eu sempre faço!

– É mesmo? E já matou muitos?

– Milhares.

John disse “que bacana”, mas resolveu que antes queria um chá. Perguntou se a ilha tinha muitos piratas, e Peter respondeu que nunca tinha descoberto quantos eram.

– E quem comanda os piratas?

– O Capitão Gancho – respondeu Peter; e fez uma expressão muito séria quando disse o nome detestado.

– Caramba! Gancho?

– Isso mesmo.

Foi então que Michael começou a chorar, e mesmo John só conseguia falar devagarinho, porque todos conheciam a fama do Capitão Gancho.

– Ele foi o filho mais velho de Barbanegra – murmurou John com voz rouca. – É o pior de todos. É o único homem de quem Barbacoa tinha medo.

– Ele mesmo – confirmou Peter.

– E como ele é? Um sujeito grande?

– Menor do que já foi.

– Como assim?

– Cortei uma parte dele.

– Você?

– É claro que fui eu – respondeu Peter, contrariado.

– Não quis lhe faltar com o respeito.

– Ah, tudo bem.

– Mas, só uma coisa, que parte?

– A mão direita.

– Então agora ele não pode mais lutar?

– Ora, se não pode!

– Virou canhoto?

– Mandou instalar uma garra de metal no lugar da mão direita, e a usa como arma!

– Uma garra?

– Exatamente, John – disse Peter.

– Sim!

– Diga: “Sim, meu capitão”.

– Sim, meu capitão.

– E mais uma coisa – continuou Peter – que todo menino que eu comando precisa me prometer; e você também.

John ficou pálido.

– É o seguinte: se encontrarmos o Capitão Gancho numa luta, ele é meu.

– Prometo – disse John, com toda a lealdade.

Naquele momento sentiam um pouco menos de medo porque Sininho voava com eles e, com a luz dela, conseguiam se ver uns aos outros. Infelizmente a fada não conseguia voar tão devagar quanto eles, e por isso precisava ficar dando voltas em torno das crianças enquanto elas avançavam, num círculo que rodeava os quatro como um halo. Wendy até gostava, até a hora em que Peter lhe disse qual era o problema.

– Ela me contou – disse ele – que os piratas nos avistaram antes de anoitecer, e armaram o canhão grande no convés.

– O maior de todos?

– Exatamente. E podem ver a luz dela. Se adivinharem que estamos tão perto, vão atirar na certa.

– Wendy!

– John!

– Michael!

– Diga a ela para se afastar agora mesmo, Peter! – exclamaram os três ao mesmo tempo, mas ele recusou.

– Ela acha que perdemos o caminho – respondeu ele nervoso – e está assustada. E não posso mandar Sininho embora sozinha, logo agora que ela está com medo!

Por um instante o círculo de luz se rompeu, e alguma coisa deu um leve beliscão amoroso em Peter.

– Então diga a ela – pediu Wendy – para apagar a luz.

– Ela não pode. É mais ou menos a única coisa que as fadas não podem fazer. A luz só se apaga quando elas dormem, igual as estrelas.

– Então diga a ela para ir dormir logo – John quase ordenou.

– Mas ela só pode dormir se estiver com sono. É a outra única coisa que as fadas não podem fazer.

– Pois eu acho – resmungou John – que são as duas únicas coisas que valeriam a pena.

E aqui levou um beliscão, mas nada amoroso.

– Se algum de nós tivesse um bolso – disse Peter – podíamos levar Sininho dentro dele.

No entanto, tinham saído com tanta pressa que nenhum dos quatro lembrara de vestir uma roupa com bolso.

Mas tiveram uma boa ideia. O chapéu de John!

Sininho concordou em viajar dentro do chapéu, se alguém carregasse o chapéu na mão, e não na cabeça. John resolveu que carregaria, apesar de Sininho preferir Peter. Em seguida Wendy pegou o chapéu, porque John disse que ficava batendo no joelho dele enquanto voavam; e isso, como vamos ver, acabou terminando mal, porque Sininho não queria dever nenhum favor a Wendy.

Dentro da cartola preta a luz ficava totalmente escondida, e continuaram voando em silêncio. Era o silêncio mais quieto que já tinham escutado, só cortado uma vez por um som distante de lambidas que, Peter explicou, deviam ser as feras selvagens bebendo no riacho, e depois por um som áspero que podia ter sido um galho de árvore se esfregando em outro, mas Peter contou que eram os peles-vermelhas afiando as facas.

Mas mesmo esses sons pararam. Para Michael, aquele silêncio todo era demais.

– Se pelo menos alguma coisa fizesse algum barulho! – choramingou ele.

Como em resposta ao seu pedido, o ar foi cortado pela explosão mais alta que já tinham escutado na vida. Os piratas tinham disparado o canhão grande contra eles.

A explosão ecoou nas montanhas, e os ecos davam a impressão de soltar um grito selvagem:

– Onde estão eles, onde estão eles, onde estão eles?

Assim, os três aprenderam, aterrorizados, a diferença exata que existe entre uma ilha de faz de conta e a mesma ilha quando ela vira de verdade.

Quando finalmente os céus se acalmaram, John e Michael se descobriram sozinhos na escuridão. John seguia voando mecanicamente, e Michael, mesmo sem saber boiar, estava boiando.

– Acertaram você? – perguntou John todo trêmulo, falando muito baixo.

– Ainda não – sussurrou Michael de volta.

E assim agora sabemos que ninguém foi atingido. Peter, porém, foi arrastado pela onda do disparo para bem longe, mar afora, enquanto Wendy foi empurrada para cima, só na companhia de Sininho.

E teria sido melhor para Wendy se, naquela hora, ela tivesse deixado o chapéu cair.

Não sei se a ideia ocorreu de repente a Sininho, ou se ela já tinha planejado tudo antes, mas na mesma hora ela saiu do chapéu e começou a atrair Wendy bem na direção mais perigosa.

Sininho não era de todo má; ou, melhor, só estava sendo má naquela hora, mas, por outro lado, às vezes era totalmente boa. As fadas só podem ser uma coisa ou outra, porque, sendo tão pequenas, infelizmente só cabe nelas um sentimento de cada vez. Ainda assim, elas podem mudar, só que a mudança precisa ser completa. Mas, naquele momento, ela sentia muito ciúme de Wendy. O que ela falava com os seus tinidos, Wendy, claro, não entendia, e acredito que deviam ser desaforos, mas ditos de modo a soar como palavras boas; e a fadinha voava para a frente e para trás, querendo significar claramente “Venha atrás de mim que tudo vai acabar bem”.

Que mais podia fazer a pobre Wendy? Chamou por Peter, John e Michael, e em resposta só escutou ecos zombeteiros. Ainda não sabia que Sininho a detestava com o ódio feroz das mulheres enciumadas. E assim, sem entender muito bem, e agora hesitante no seu voo, ela continuou seguindo Sininho rumo à sua perdição.

A LHA VIRA REALIDADE

5

Sentindo que Peter estava de volta, a Terra do Nunca tinha retornado à vida. Devíamos usar o mais-que-perfeito simples e dizer que ela “retornara”, mas “tinha retornado” soa melhor e era o que Peter sempre usava.

Na sua ausência, geralmente as coisas ficam tranquilas na ilha. As fadas dormem uma hora a mais toda manhã, as feras cuidam dos filhotes, os peles-vermelhas comem bastante, seis noites e seis dias seguidos, e quando os piratas e os meninos perdidos se encontram só trocam caretas e gestos indecentes. Mas com a chegada de Peter, que detesta pasmaceira, tudo recomeça a acontecer o tempo todo: se você encostar o ouvido no solo, pode escutar a ilha toda fervilhando de agitação.

Naquela noite, as forças mais importantes da ilha se organizavam da seguinte maneira: os meninos perdidos estavam à procura de Peter, os piratas estavam à procura dos meninos perdidos, os peles-vermelhas estavam à procura dos piratas e as feras estavam à procura dos peles-vermelhas. Giravam e giravam em redor da ilha, mas nunca se encontravam porque andavam todos na mesma velocidade.

Todos eram sedentos de sangue, menos os meninos, que geralmente até gostavam, mas hoje à noite só queriam recuperar seu comandante. Os meninos da ilha variavam, claro, de número, à medida que eram mortos e assim por diante; e quando eles pareciam começar a crescer, o que era contra as regras, Peter diminuía o número deles. De todo modo, agora são seis, contando os Gêmeos como dois. Vamos fingir que estamos no meio da plantação de cana-de-açúcar, olhando os meninos passarem por nós em fila indiana, cada um com a mão na sua adaga.

Peter proíbe que qualquer outro ande vestido como ele, então eles usam as peles de ursos que eles próprios mataram, em que ficam tão redondinhos e peludos que saem rolando toda vez que caem no chão. E, por causa disso, nunca tropeçam.

O primeiro a passar é Assobio, que não é o menos corajoso mas é o mais azarado daquele bando de valentes meninos. Passou por menos aventuras que os outros, porque as coisas mais interessantes sempre acontecem quando ele dobra a esquina; tudo está sossegado, então ele aproveita a oportunidade para ir catar alguns gravetos de lenha e, bem na hora em que está voltando, todos os outros já se lambuzaram de sangue. Aquela pouca sorte deixa sempre uma sombra de tristeza no seu semblante mas, em vez de dar um gosto amargo à sua personalidade, adoça ainda mais a sua disposição, e por isso ele é o mais modesto de todos os meninos. Pobre Assobio, a noite promete muito perigo para você. Tome cuidado se for aproveitar a chance que vai ter de aventura, porque, se aceitar, pode mergulhar num destino infeliz. Assobio, a fada Sininho, que hoje à

noite resolveu fazer malvadezas, está procurando alguém para usar, e acha que você é o mais trouxa dos meninos. Cuidado com a fada Sininho!

Quem dera que ele nos escutasse, mas nós não estamos realmente na ilha, e ele passa por nós, roendo as unhas.

Em seguida vem Bicudo, alegre e despreocupado, seguido por Levemente-Estragado, que faz flautas com galhos das árvores e, muito feliz, dança com a música que ele mesmo toca. Levemente-Estragado é o mais metido dos meninos.^[21] Acha que se lembra do tempo de antes de se perder, e que aprendeu todos os bons modos e costumes, e por isso anda sempre com o nariz empinado, de um modo que até ofende os outros. O quarto é Crespo; é um encenqueiro, e tantas vezes ele precisou se acusar quando Peter disse, em tom severo, “Quem fez isso dê um passo à frente”, que agora, quando Peter começa a falar assim, ele, tenha culpa ou não, já se adianta automaticamente. Por último vêm os Gêmeos, que não podem ser descritos porque não teríamos certeza de não estar descrevendo o irmão errado. Peter nunca soube direito o que eram irmãos gêmeos, e como seu bando não tinha autorização de saber nada que ele não soubesse, os dois sempre falavam de si mesmos de maneira muito vaga, fazendo o possível para se contentar em viverem perto um do outro, como se pedissem desculpas aos demais.

Os meninos desaparecem ao anoitecer e, depois de uma pausa – mas não muito longa, porque as coisas acontecem depressa na ilha – os piratas aparecem atrás deles. Podemos ouvi-los antes de aparecerem, e é sempre a mesma canção sinistra:

*Levantem a âncora, icem a vela,
Eu sou um pirata, ho-ho!
Se me dão um tiro ou me cortam a goela
Direto pro inferno eu vou!*

Nunca se viu um bando mais assustador, nem na fila dos condenados de um enforcamento. Aqui, um pouco à frente, com a cabeça encostada no chão e tentando escutar os inimigos, com os braços enormes descobertos e dobrões enfiados nas orelhas como brincos, vem o italiano Cecco, metido a bonito, que desenhou seu nome em letras de sangue nas costas do comandante da prisão de Goa. O negro gigantesco que vem atrás dele já teve muitas alcunhas depois que parou de usar aquela que as mães ainda usam para aterrorizar as crianças nas praias de Guadjó-mo. Depois vêm Bill Imundo, coberto de tatuagens da cabeça aos pés, o mesmo Bill Imundo que precisou levar seis dúzias de chicotadas do Capitão Flint antes de devolver o seu saco de moedas de ouro, e Chumbo Grosso, que diziam ser irmão de Tapa-Olho (o que nunca foi provado). Em seguida, vinha o “Gentil Cavalheiro”, Barracuda, que antes foi inspetor numa escola particular e

ainda é cheio de caprichos em suas maneiras de matar gente, e o famoso Claraboia, que serviu com o Capitão Morgan. O irlandês que vem em seguida é Smee, o “Barrica”, um homem estranhamente gentil que ataca, por assim dizer, sem precisar de motivo, e é o único pirata religioso do bando de Gancho; depois vem Macarrão, cujas mãos são viradas para trás; Robert Mullins, Alf Mason e muitos outros bandidos conhecidos e temidos em todos os domínios espanhóis.

No meio deles, vem recostado o maior e mais sombrio elemento de todo esse conjunto tenebroso, o Capitão Gancho, apelido usado por James Hook ou (como ele mesmo gosta de assinar para se mostrar uma pessoa de classe) Jas. Hook, que tinha a fama de ser o único homem que metia medo no próprio Long John Silver. Vem instalado numa espécie de carroça puxada e empurrada pelos seus homens, e no lugar da mão direita traz o gancho de metal com o qual, volta e meia, estimula os seus homens a andarem mais depressa. Como cães esse homem terrível trata os seus comandados, e é como cães que eles obedecem. Seu rosto tem uma pele morena mas um ar cadavérico, e seus cabelos caem nos ombros em longos cachos, que de perto parecem velas negras e dão uma expressão especialmente ameaçadora aos seus belos traços. Seus olhos são do azul do miosótis, e de uma melancolia profunda, salvo quando ataca com o seu gancho, ocasião em que eles revelam duas manchas vermelhas que lhes trazem uma luz terrível. Tem resquícios de modos de grão-senhor, que lhe dão um certo ar de fidalguia mesmo quando dilacera os seus inimigos, e dizem que é um ótimo contador de histórias. O seu ar é mais sinistro quando assume um comportamento mais educado e melífluo, talvez a maior prova de uma origem nobre; e a elegância de seu modo de falar, mesmo quando diz as piores pragas, assim como a distinção do seu porte, mostram que vem de uma casta diferente que a sua tripulação. Homem de coragem indomável, ouvi dizer que a única coisa que lhe causa algum medo é a visão de seu próprio sangue, bem grosso e de uma cor diferente. Seus trajes macaqueiam mais ou menos a moda do tempo do rei Carlos ii, depois que lhe disseram, ainda no começo da sua carreira, que tinha uma estranha semelhança com os malfadados príncipes da dinastia Stuart; e na boca ele traz uma piteira inventada por ele mesmo, que lhe permite fumar dois charutos ao mesmo tempo. Sem dúvida, entretanto, a pior parte desse homem é a sua garra de metal.

Vamos agora matar um pirata, para demonstrar os métodos do Capitão Gancho. Claraboia serve. Quando estão passando, Claraboia esbarra por descuido no capitão e desarruma sua gola de renda. O gancho desfere um golpe seco, ouve-se o som de carne rasgada e um grito, depois o corpo é afastado do caminho a pontapés e os piratas continuam a passar. E Gancho nem tirou os charutos da boca.

E é este o homem terrível que Peter Pan pretende enfrentar. Quem irá vencer? No rastro dos piratas, se esgueirando sem ruído pelo meio da mata, vêm os

guerreiros peles-vermelhas, seguindo o caminho da guerra que só é visível para os iniciados, todos de olhos bem abertos. Trazem facas e machadinhas, seus corpos nus brilham com as cores das tintas e dos óleos. Amarrados em torno da cintura estão os escalpos, tanto de piratas quanto de meninos perdidos, porque são de uma tribo de grande ferocidade e não podem ser confundidos com índios mais mansos, como os Apaches ou os Comanches. Na frente, de gatinhas, vem o guerreiro Grande Pantera Pequena, trazendo tantos escalpos que, estando naquela posição, quase não consegue avançar. Fechando a retaguarda, na posição de maior perigo, fica Lírio Selvagem, com a cabeça em riste e porte orgulhoso, uma princesa em todos os sentidos. É a mais linda das morenas e a mais bela da mulheres da tribo, às vezes fria, às vezes sedutora e amorosa; não existe guerreiro que não queira se casar com ela, mas a princesa sempre evita o altar, se preciso lançando mão de uma machadinha. Vejam como os índios passam por gravetos secos sem fazer o menor ruído. O único som que se escuta é o da respiração deles, um pouco mais ruidosa. O fato é que estão todos um pouco mais gordos depois de terem passado tantos dias se fartando de comida, mas com o tempo entram em forma. Por enquanto, porém, é por isso mesmo que eles correm mais perigo.

Os peles-vermelhas desaparecem como surgem, como se fossem sombras, e logo seu lugar é tomado pelas feras, uma procissão interminável e variada de bestas sanguinárias: leões, tigres, ursos, onças e os muitos outros animais selvagens menores que fogem deles, pois todo tipo de fera, especialmente o tipo que come gente, vive lado a lado nas terras da ilha. E nesta noite passeiam todas famintas, de língua de fora.

Depois de todas elas, vem a última de todos as personagens da ilha, um crocodilo gigantesco. Logo vamos descobrir quem ele está procurando.

O crocodilo passa, mas logo os meninos tornam a aparecer, porque a procissão continua indefinidamente até um dos grupos parar ou mudar de velocidade. Toda vez que isso acontece, em poucos instantes uns estão em cima dos outros.

Todos eles olham com toda atenção para a frente, mas nenhum desconfia que o perigo pode estar à espreita logo atrás deles. O que prova que a ilha é real.

Os primeiros a sair do círculo em movimento foram os meninos. Todos se atiraram de barriga na relva, perto do lugar onde moravam, num subterrâneo.

– Queria que Peter voltasse logo – diziam eles, nervosos, apesar de serem quase todos mais altos, e também mais fortes, que o seu comandante.

– Sou o único que não tem medo dos piratas – disse Levemente-Estragado, exatamente no tom que não permitia que alguém gostasse dele. Mas talvez algum som distante o tenha assustado, porque ele acrescentou depressa: – Ainda assim queria que Peter voltasse logo, para ele contar se descobriu o que acontece com Cinderela.

Conversaram sobre Cinderela, e Assobio tinha certeza de que a sua mãe devia ter sido muito parecida com ela.

Era só na ausência de Peter que eles podiam conversar sobre as mães, pois ele tinha proibido o assunto, que considerava uma perda de tempo.

– A única coisa que eu me lembro da minha mãe – disse Bicudo – é que ela vivia dizendo para o meu pai: “Ah, como eu queria ter um talão de cheques só meu!”. Não sei o que é um talão de cheques, mas bem que eu gostaria de dar um de presente para ela.

Enquanto conversavam, ouviram um som distante. Você ou eu, que não somos criaturas da floresta, não teríamos escutado nada, mas eles ouviram, e era uma canção sinistra:

*Uma caveira e dois ossos,
Bandeira da pirataria.
Um canhão, os destroços,
E adeus a uma vida de orgia!*

Na mesma hora, os meninos perdidos – mas onde eles se meteram? Não estão mais aqui. Um coelho não sumiria mais depressa do que eles.

Vou lhes contar onde eles se meteram. Com exceção de Bicudo, que saiu correndo para ficar de sentinela, todos se enfiaram na casa subterrânea, moradia muito confortável que agora vamos conhecer melhor. Mas como chegaram lá? Porque não se vê nenhuma entrada, nem mesmo uma pilha de galhos que, retirada, revele a boca de uma caverna. Mas olhem bem de perto, e vão notar que nesse lugar crescem sete árvores maiores que as outras, cada uma tendo em seu tronco oco um buraco bem do tamanho de cada menino. São essas as sete entradas para a casa subterrânea que o Capitão Gancho vem procurando em vão faz muitas e muitas luas. Será que hoje à noite ele encontra?

À medida que os piratas avançavam, o olho rápido de Barracuda viu Bicudo desaparecendo no meio das árvores, e na mesma hora puxou sua pistola. Mas um gancho de ferro agarrou o seu ombro.

– Capitão, me solte! – gritou ele, se debatendo.

Agora, pela primeira vez, escutamos a voz do Capitão Gancho. E era uma voz realmente sombria.

– Primeiro guarde essa pistola – disse ele, em tom de ameaça.

– Era um desses meninos que o senhor odeia. Eu podia ter acertado nele.

– Sei, e o som faria os índios de Lírio Selvagem caírem em cima de nós. Quer perder o escalpo?

– Quer que eu vá atrás dele, Capitão, e lhe faça umas cócegas com o meu saca-rolhas? – perguntou o simpático Smee, que tinha apelidos para tudo, e o do

seu sabre era saca-rolhas, porque o gosto dele era torcer a lâmina na ferida. Smee tinha muitas características de uma pessoa simpática. Por exemplo, depois de matar alguém, preferia limpar os óculos em vez da arma.

– Meu saca-rolhas não faz som nenhum – lembrou ele.

– Agora não, Smee – respondeu o Capitão Gancho em tom sinistro. – É apenas um deles, e eu quero acabar com todos os sete. Espalhem-se e procurem os outros.

Os piratas desapareceram no meio das árvores, e dali a um minuto o capitão e Smee ficaram a sós. Capitão Gancho soltou um suspiro pesado, e não sei por que, talvez pela beleza da noite, foi tomado pelo desejo de contar a história da sua vida ao seu fiel imediato. Falou por muito tempo, em tom grave, mas do que ele tanto falou, Smee, que era um verdadeiro idiota, não tinha a menor ideia.

Finalmente, porém, ele pescou o nome de Peter.

– Acima de tudo – dizia com fervor o Capitão Gancho –, eu quero o chefe deles, Peter Pan. Foi ele que cortou a minha mão. – E brandiu o gancho com jeito de ameaça. – Já esperei demais para dar um aperto de mão nele com isso. Ah, vou fazer Peter em pedacinhos!

– Mas ainda assim – respondeu Smee –, ouvi o senhor dizer muitas vezes que esse gancho valia mais que uma dúzia de mãos, para pentear o cabelo e outras coisas do dia a dia.

– Isso é verdade – concordou o Capitão Gancho. – Se eu fosse mãe de alguém, ia rezar para os meus filhos nascerem com isto no lugar disto – disse ele, lançando um olhar de orgulho à sua mão de ferro e um de desprezo à outra. Em seguida, contorceu o rosto de raiva.

– E Peter ainda jogou a minha mão – disse ele, com uma careta – para um crocodilo que estava passando por ali.

– Muitas vezes – observou Smee – eu percebi o seu estranho pavor de crocodilos.

– Não de qualquer crocodilo – corrigiu o Capitão Gancho – mas *desse* crocodilo em especial. – E baixou a voz. – Ele gostou tanto do sabor da minha mão, Smee, que vem me seguindo desde então, de um mar a outro e de uma terra a outra, lambendo os beiços só de pensar no resto de mim.

– O que de certa maneira – disse Smee – quer dizer que o senhor é um homem de bom gosto.

– Um elogio que eu dispenso! – berrou o Capitão Gancho. – Eu quero Peter Pan, que deu essa amostra minha a este monstro!

Sentou-se num cogumelo gigante, e agora sua voz tremia.

– Smee – chamou em tom rouco –, esse crocodilo já quase me pegou muitas vezes, mas por sorte engoliu também um despertador que faz *tique-taque* dentro

dele, e quando chega perto eu escuto o som e fujo correndo.

E deu uma risada, mas sem alegria nenhuma.

– Um dia – disse Smee – o despertador vai parar de funcionar, e aí ele pode pegar o senhor.

O Capitão Gancho molhou os lábios secos com a língua. – Exatamente – disse ele – é esse medo que me tira o sono.

E, depois de sentar, começou a sentir um calor estranho.

– Smee – continuou ele –, este cogumelo está quente. – Ficou de pé num salto. – Com seiscentos milhões de martelos e bigornas, estou pegando fogo!

Examinaram o cogumelo, que era de um tamanho e de uma dureza fora do comum naqueles terras; quando o puxaram do chão, o cogumelo gigante saiu com facilidade na mão deles, porque não tinha raiz. E, mais estranho ainda: na mesma hora, uma fumaça começou a brotar do buraco no chão. Os piratas se entreolharam:

– Uma chaminé! – exclamaram ao mesmo tempo.

Isso mesmo. Tinham descoberto a chaminé da casa subterrânea dos meninos perdidos. Era costume dos meninos disfarçar as chaminés com cogumelos para enganar os inimigos.

E não era só fumaça que saía pelo buraco. Também se ouviam as vozes dos garotos, pois eles se sentiam tão seguros em seu esconderijo que conversavam alegremente e em voz alta. Os piratas ficaram ouvindo por um bom tempo antes de recolocar o cogumelo no lugar. Olharam em volta e notaram as sete árvores ocas.

– O senhor também ouviu que Peter Pan não está em casa? – sussurrou Smee, levando a mão para a espada.

O Capitão Gancho fez que sim com a cabeça. Ficou parado muito tempo, perdido nos seus pensamentos, e finalmente um sorriso iluminou seu rosto moreno. Era só o que Smee estava esperando:

– Conte logo o seu plano, capitão – pediu ele, curioso.

– Vamos voltar para o navio – respondeu lentamente o Capitão Gancho, com os dentes cerrados – e vamos preparar um bolo grande e bem alto, enfeitado de açúcar verde. A casa deles não deve ter divisão nenhuma aqui debaixo, porque a chaminé é só uma. Os bobalhões não entendem que não precisam de uma porta para cada um, logo se vê que nunca tiveram mãe. Vamos deixar o bolo na beira da Lagoa das Sereias. Os meninos estão sempre por lá, para nadar e brincar com elas. Quando encontrarem o bolo vão devorá-lo todo, porque, nunca tendo tido mãe, não sabem como pode fazer mal comer um bolo grande e gorduroso inteirinho – e caiu na gargalhada, dessa vez não uma gargalhada fingida, mas um riso verdadeiro. – Arrá, e vão morrer!

Smee ouvia com uma admiração cada vez maior.

– É o plano mais malvado e mais bem imaginado que já me contaram na vida! – exclamou ele.

Alegres, os dois começaram a dançar e cantar.

*Fujam do porto depressa,
Chegamos com o nosso navio!
Um gancho de ferro seu corpo atravessa
É o medo, é a morte, é o frio!*

Mas não chegaram ao fim da quadrinha, pois outro som interrompeu a cantoria. Num primeiro momento, era tão baixinho que a simples queda de uma folha poderia abafá-lo, mas quando se aproximou ficou mais claro.

Tique-taque tique-taque tique-taque.

O Capitão Gancho estremeceu, com um pé fora do chão.

– O crocodilo! – gritou ele sem fôlego, e pulou longe, seguido pelo imediato.

E era mesmo o crocodilo. Tinha passado pelos peles-vermelhas, que agora seguiam o resto dos piratas. E continuava rastejando atrás do Capitão Gancho.

Mais uma vez os meninos saíram ao ar livre; mas os perigos da noite ainda não tinham acabado, porque em seguida apareceu Bicudo correndo e resfolegando ao mesmo tempo, perseguido por uma alcateia de lobos. Os perseguidores vinham com a língua de fora; seus uivos eram horríveis.

– Socorro, socorro! – gritou Bicudo, desabando no chão.

– Mas o que nós vamos fazer?

E temos de reconhecer a importância de Peter porque, naquele momento de dificuldade, todos só pensavam nele.

– O que o Peter faria agora? – perguntavam todos ao mesmo tempo.

Quase na mesma hora, eles lembraram a resposta:

– Peter iria abaixar a cabeça, e olhar para eles por entre as pernas!

E logo depois:

– Vamos fazer o que Peter faria!

O que deve ser mesmo a melhor maneira de enfrentar um bando de lobos. Exatamente ao mesmo tempo, todos deram as costas para os lobos, abaixaram a cabeça e olharam para trás por entre as pernas. Num primeiro momento, tudo parou e nada aconteceu; mas logo depois veio a vitória, porque na hora em que os meninos começaram a avançar para eles desse jeito assustador, os lobos se assustaram e bateram em retirada.

Logo Bicudo se levantou do chão, e os outros acharam que ele ainda estava de olhos arregalados por causa dos lobos. Mas não eram os lobos que ele tinha visto.

– Vi uma coisa maravilhosa! – gritou enquanto os outros se reuniam à volta

dele. – Uma ave imensa, e toda branca, voando para cá.

– Que tipo de ave você acha que é?

– Não sei – respondeu Bicudo, espantado – mas parece cansada, e enquanto voa o canto dela diz “Pobre da Wendy”.

– “Pobre da Wendy”?

– Mas que eu me lembre – palpitou na mesma hora Levemente-Estragado – não existe ave nenhuma chamada Wendy.

– Olhem lá, está chegando – gritou Crespo, apontando para Wendy no céu.

Wendy estava quase em cima da cabeça deles, e todos ouviram o lamento dela. Mas ouviram com mais clareza ainda a voz de Sininho. A fadinha ciumenta nem se dava mais ao trabalho de se fingir de amiga, e atacava a sua vítima de todas as direções, dando-lhe violentos beliscões em cada ponto que tocava.

– Olá, Sininho! – gritaram os meninos, surpresos.

E ouviu-se claramente o tilintar da resposta de Sininho:

– Peter quer que vocês derrubem a Wendy.

Não era do feitio deles questionar as ordens de Peter.

– Vamos logo fazer o que ele mandou – gritaram os meninos mais bobos. – Rápido, arco e flechas.

Todos, menos Assobio, desceram correndo pelo oco das suas árvores. Mas Assobio já estava com seu arco e flecha, o que Sininho percebeu e esfregou as mãozinhas.

– Depressa, Assobio, depressa – gritou ela. – Peter vai ficar tão orgulhoso de você.

Assobio, nervoso, prendeu uma flecha na corda do arco.

– Saia da frente, Sininho – gritou ele. Em seguida atirou, e Wendy foi caindo lentamente até o chão, com uma flecha no peito.

A CASINHA

6

Assobio, que era um bobo, fazia pose de vencedor por cima do corpo de Wendy quando os outros meninos saíram, armados, dos seus troncos.

– Chegaram tarde demais – gritava ele, todo satisfeito. – Já acertei a Wendy. Peter vai ficar orgulhoso de mim.

Lá de cima, Sininho falou “Burro idiota!”, e saiu voando para se esconder. Os outros não escutaram o que ela disse. Tinham feito um círculo em redor de Wendy e, enquanto olhavam, um terrível silêncio caiu sobre a floresta. Se o coração de Wendy estivesse batendo, todo mundo teria ouvido.

Levemente-Estragado foi o primeiro a falar.

– Não é ave nenhuma – notou ele com uma voz assustada. – Acho que é uma moça.

– Uma moça? – perguntou Assobio, e começou a tremer.

– E nós acabamos com ela – disse Bicudo em voz rouca.

Todos tiraram seus gorros.

– Agora eu entendi – falou Crespo. – Peter estava trazendo essa moça para nós.

E atirou-se desesperado no chão.

– Uma moça para tomar conta de nós, finalmente – entendeu um dos Gêmeos – e você acabou com ela!

Estavam com pena do amigo, mas com mais pena ainda de si mesmos e, quando ele deu um passo na direção dos dois, ambos lhe deram as costas.

O rosto de Assobio estava muito pálido, mas ele se comportava com uma dignidade que nunca tinha demonstrado antes.

– Eu fiz isso! – disse ele, mergulhado nos seus pensamentos. – Sempre que me aparecia alguma moça num sonho, eu dizia “Mamãe bonita, mamãe bonita”. Mas aí, quando ela estava chegando de verdade, eu lhe dei uma flechada!

E começou a se afastar devagarinho.

– Não vá embora! – gritaram os outros, com pena.

– Tenho de ir – respondeu ele, tremendo. – Estou com muito medo de Peter.

E foi nesse momento trágico que ouviram um som que fez o coração de todos subir para a boca. Era o canto de galo de Peter.

– Peter! – gritaram, porque era sempre assim que ele anunciava a sua volta.

– Escondam a moça – sussurrou alguém, e todos fecharam rapidamente o cerco em torno de Wendy. Mas Assobio continuava ao longe.

Ouviram novamente um cocorocó, e Peter pousou na frente deles. – Salve, rapazes! – gritou ele, e mecanicamente todos lhe prestaram continência, e o silêncio caiu de novo.

Ele franziu o rosto.

– Eu volto – disse o garoto contrariado – e por que vocês não festejam a minha chegada?

Todos abriram a boca, mas os gritos de “viva!” não saíram. Ainda assim, Peter resolveu continuar falando, na sua ansiedade de contar a grande notícia.

– Uma novidade espetacular, meninos! Eu trouxe finalmente alguém para ser mãe de todos vocês.

Ainda nenhum som, além de um baque abafado quando Assobio caiu de joelhos.

– Ela ainda não apareceu? – perguntou Peter, perturbado. – Mas estava voando para cá!

– Ai de mim! – disse uma voz, e outra completou: – Ah, que dia terrível! Assobio se levantou.

– Peter – disse ele baixinho – vou mostrar para você.

E enquanto os outros ainda tentavam esconder o corpo de Wendy, ele disse:

– Para trás, Gêmeos, deixem Peter ver.

Então todos chegaram para trás e abriram caminho para Peter, que depois de olhar por algum tempo não sabia o que fazer em seguida.

– Está morta – disse ele, aflito. – Talvez esteja sentindo medo de estar morta.

Pensou em sair aos pulos dali até perder totalmente Wendy de vista, e depois nunca mais voltar nem perto daquele local. E os meninos teriam ficado muito contentes de ir atrás dele, caso decidisse assim.

Mas havia a flecha. Ele tirou a flecha do peito dela e encarou os meninos.

– De quem é a flecha? – perguntou, em tom muito sério.

– Minha, Peter – confessou Assobio, de joelhos.

– Ah, traidor! – exclamou Peter, e levantou a flecha para usar como punhal.

Assobio nem se mexeu. Abriu a camisa e mostrou o peito, dizendo com firmeza:

– Pode cravar a flecha, Peter, pode cravar sem pena.

Duas vezes Peter levantou a flecha, e duas vezes baixou o braço.

– Não consigo – disse ele. – Alguma coisa está segurando a minha mão.

Todos olharam para ele espantados, menos Bicudo que, felizmente, olhava para Wendy.

– É ela! – gritou. – A moça Wendy! Vejam, o braço dela!

Sei que contando assim parece mágica, mas Wendy tinha levantado o braço. Bicudo debruçou-se sobre ela e ficou escutando, com o máximo de atenção.

– Acho que ela disse “Coitado do Assobio” – sussurrou ele.

– Está viva – suspirou Peter.

E Levemente-Estragado gritou na mesma hora:

– A dama Wendy está viva!

Então Peter se ajoelhou do lado dela e viu o botão que havia dado de presente para Wendy. Vocês lembram que ela tinha pendurado o botão numa corrente que usava no pescoço.

– Estão vendo? – disse ele. – A flecha bateu nisso. É o beijo que eu dei. O meu beijo salvou a vida dela!

– Eu me lembro bem dos beijos – comentou Levemente-Estragado na mesma hora. – Deixe eu ver aqui. Isso mesmo, exatamente, é um beijo.

Peter nem ouviu o que ele dizia. Só queria que Wendy melhorasse logo, para poder lhe mostrar as sereias. Claro que ela ainda não podia responder, porque se sentia muito fraca; mas eles ouviram um lamúrio vindo do alto.

– É Sininho – espiou Crespo. – Está chorando porque a Wendy não morreu.

Então tiveram de contar a Peter o crime de Sininho, e quase nunca tinham visto Peter tão zangado.

– Escute aqui, Sininho! – gritou ele. – Não sou mais seu amigo! Suma daqui para sempre!

Ela veio até o ombro dele, voando e implorando, mas ele a mandou embora. Só quando Wendy tornou a levantar o braço é que ele voltou atrás, e disse:

– Bem, não para sempre, mas por uma semana inteira!

E vocês acham que Sininho ficou agradecida por Wendy ter levantado o braço? Nada disso, nunca teve tanta vontade de dar um beliscão na menina! As fadas são mesmo muito estranhas, e Peter, que era quem melhor entendia como eram, vivia às turras com elas.

Mas o que fazer com Wendy naquele estado de saúde delicado?

– Vamos carregar a Wendy para dentro de casa – sugeriu Crespo.

– Vamos – concordou Levemente-Estragado. – É o que sempre se deve fazer com uma dama.

– Não, nada disso – disse Peter. – Ninguém toca nela. Seria uma falta de respeito.

– Exatamente – concordou Levemente-Estragado. – Era isso mesmo que eu estava pensando.

– Mas se ela ficar deitada aqui – disse Assobio – vai acabar morrendo.

– Vai mesmo – admitiu Levemente-Estragado. – Mas não temos outra saída.

– Temos sim! – exclamou Peter. – Vamos construir uma casa em volta dela!

Os meninos ficaram encantados.

– Depressa – ordenou Peter. – Cada um me traga as melhores coisas que temos. Podem tirar tudo da nossa casa. Bem rápido!

Dali a pouco estavam todos na maior atividade, parecendo costureiras na véspera de um casamento. Corriam de um lado para o outro, descendo para pegar cobertas, saindo para trazer madeira, e enquanto trabalhavam, quem vocês acham que apareceu? John e Michael! Quando pousaram no chão, adormeceram de pé mesmo, paradinhos. Depois acordaram, deram mais um passo e dormiram de novo.

– John, John, acorde! – gritava Michael. – Cadê a Nana, John, cadê a mamãe?

Então John esfregou os olhos e murmurou.

– É mesmo, nós voamos de verdade.

E podem ter certeza que os dois ficaram muito aliviados quando encontraram Peter.

– Olá, Peter – disseram eles.

– Olá – respondeu Peter em tom simpático, apesar de já ter esquecido quem eram. Estava muito ocupado a essa altura, medindo Wendy com os pés para calcular o tamanho da casa que ela precisava. Claro que pensou também em deixar espaço para cadeiras e uma mesa. John e Michael ficaram acompanhando o que ele fazia.

– Wendy está dormindo? – perguntaram.

– Está.

– John – propôs Michael –, vamos acordar Wendy e pedir para ela fazer uma comida para nós.

Mas enquanto ele falava vários dos outros meninos chegaram correndo, carregando galhos para a construção da casa.

– Olhe só isso! – exclamou Michael.

– Crespo – disse Peter, na sua melhor voz de comando –, faça esses dois rapazes ajudarem na construção da casa.

– Sim, senhor.

– Construir uma casa? – perguntou John.

– Para a Wendy – respondeu Crespo.

– Para Wendy? – perguntou John, espantado. – Mas ela é só uma garota!

– E é por isso – explicou Crespo – que somos criados dela.

– Vocês? Criados de Wendy?

– Exatamente – respondeu Peter – e vocês também. Andem logo.

Os irmãos perplexos foram arrastados para longe, com ordens de cortar, separar e carregar.

– Primeiro as cadeiras e um guarda-fogo na frente da lareira – ordenou Peter.

– Depois fazemos a casa em volta de tudo.

– Exatamente – disse Levemente-Estragado. – É assim mesmo que se constrói

uma casa, agora estou me lembrando.

Peter não se esquecia de nada:

– Levemente – ordenou ele –, vá buscar um médico.

– Sim, senhor – respondeu Levemente-Estragado, e desapareceu, coçando a cabeça. Mas sabia que Peter precisava ser obedecido, e voltou dali a pouco, com a cartola de John na cabeça e fazendo uma cara muito solene.

– Por favor, o senhor é médico? – disse Peter, andando na direção dele.

A diferença entre Peter e os outros meninos, àquela altura, era que eles sabiam que era tudo faz de conta, enquanto para Peter o faz de conta e a realidade eram exatamente a mesma coisa. Isso às vezes criava um certo problema para os meninos, especialmente quando precisavam fazer de conta que tinham jantado. Quando eles estragavam o faz de conta, Peter lhes dava um tapa na mão.

– Exatamente, meu jovem – respondeu ansioso Levemente, que já estava com os dedos quase em carne viva.

– Por favor, doutor – pediu Peter. – Temos uma moça muito doente.

Wendy estava estendida ao pé dos dois, mas Levemente teve o bom senso de não enxergá-la.

– Hmm, vamos cuidar disso – prometeu ele. – Onde ela está?

– Num a clareira, ali adiante.

– Então vou pôr esse negócio de vidro na boca da moça – disse Levemente, fazendo de conta que usava o instrumento, enquanto Peter esperava. Foi um momento de ansiedade quando ele tirou o tal negócio de vidro.

– Como ela está? – quis saber Peter.

– Hmm, acho que deu certo – disse Levemente. – Com isso ela ficou curada.

– Ainda bem! – gritou Peter.

– Volta para mais uma visita à noite – completou Levemente. – Dê a ela um pouco de caldo de carne numa xícara com bico – e depois que devolveu a cartola a John respirou com força várias vezes, como sempre fazia quando saía de algum aperto.

Enquanto isso, o bosque ressoava com o som dos machados; quase todo o material necessário para construir uma casinha confortável estava reunido aos pés de Wendy.

– Se pelo menos a gente soubesse de que tipo de casa ela gosta mais – imaginou um dos meninos.

– Peter! – gritou um outro. – Ela está se mexendo sem acordar.

– Abriu a boca! – Gritou um terceiro, olhando dentro da boca aberta com uma admiração imensa. – Ah, como é linda!

– Talvez ela cante enquanto dorme – disse Peter. – Wendy, cante para nós

dizendo que tipo de casa você iria preferir.

Na mesma hora, sem abrir os olhos, Wendy começou a cantar:

*Queria ter uma casinha,
A menor de todo o mundo.
Com as paredes vermelhas
E o telhado de um verde profundo.*

Os meninos gargalharam de alegria, porque por muita sorte os galhos que eles tinham trazido estavam tingidos de seiva vermelha, e o chão era coberto de musgo de um verde bem escuro. Enquanto armavam a casinha, começaram eles próprios a cantar:

*Fizemos parede e telhado,
Uma porta de abrir e fechar.
Então diga, mamãe Wendy,
O que mais você vai desejar?*

Ao que ela respondeu, cheia de vontades:

*Agora acho que vou querer
Janelas para todos os lados.
Canteiros de rosas por fora,
E dentro filhos debruçados.*

Com socos os meninos abriram janelas nas paredes, e usaram folhas amarelas bem largas para fazer os batentes. Mas rosas...?

– Rosas! – exigiu Peter.

Rapidamente os meninos fizeram de conta e criaram as roseiras mais lindas, que subiram pelas paredes.

Filhos?

Para não deixar que Peter mandasse eles arranjarem filhos, os meninos recomeçaram a cantar:

*As rosas pusemos por dentro
E os filhos do lado de fora:
Já somos meninos criados,
Não vamos ser feitos agora.*

Peter, vendo que era uma boa ideia, fingiu na mesma hora que tinha sido dele. A casa ficou bem bonita, e sem dúvida Wendy se sentiu muito confortável lá dentro – embora ninguém mais pudesse vê-la de fora. Peter andava de um lado para o outro, comandando os últimos acabamentos. Nada escapava aos seus olhos de

águia. E quando parecia que estava tudo pronto:

– Está faltando uma aldrava, para bater na porta – disse ele.

Ficaram muito envergonhados, mas Assobio tirou a sola do seu sapato e, com ela, fez uma excelente aldrava para se bater na porta.

Agora, pensaram eles, estava tudo finalmente pronto.

Imaginem só!

– Falta a chaminé – lembrou Peter. – E não podemos ficar sem chaminé.

– Claro que a casa precisa de uma chaminé – disse John, com um tom arrogante. O que deu uma ótima ideia a Peter.

Tirou a cartola da cabeça de John, arrancou o fundo com um tapa e a colocou no telhado. A casinha ficou tão contente de ter uma chaminé que, como por gratidão, começou imediatamente a soltar fumaça.

Agora estava prontinha, sem a menor dúvida, definitivamente pronta. Só restava bater na porta.

– Todo mundo muito bem-arrumado! – avisou Peter. – A primeira impressão é sempre muito importante.

E ficou feliz por ninguém perguntar o que era uma primeira impressão; todos estavam ocupados demais procurando apresentar o seu melhor.

Peter bateu na porta com grande delicadeza. A floresta ficou tão silenciosa quanto as crianças, e não se ouvia nenhum som além de Sininho, que assistia de um galho e zombava de tudo em voz alta.

O que os meninos queriam saber é se alguém viria abrir a porta. E se fosse uma dama, como seria?

A porta se abriu e uma dama apareceu. Era Wendy. Todos tiraram os chapéus.

Ela fez o devido ar de surpresa, e era exatamente a expressão que eles queriam.

– Onde estou? – perguntou ela.

Claro que Levemente-Estragado foi o primeiro a falar:

– Dama Wendy – ele se apressou em dizer –, para a senhora, construímos esta casa.

– Ah, diga que achou boa – pediu Bicudo.

– Uma linda, ótima casa – disse Wendy, e eram exatamente as palavras que eles esperavam.

– E nós somos os seus filhos! – gritaram os Gêmeos.

Então todos caíram de joelhos e, estendendo os braços, exclamaram:

– Ó, dama Wendy, seja a nossa mãe!

– Será que eu devo? – perguntou Wendy, radiante. – Claro que a ideia é

fascinante, mas eu sou só uma garota, não tenho muita experiência.

– Não tem a menor importância – disse Peter, como se fosse o único deles que sabia do que estava falando, quando na verdade era quem sabia menos. – O que nós queremos é só uma pessoa boa, que goste de tomar conta dos outros.

– Ora! – disse Wendy – Pois é exatamente quem eu sou!

– É mesmo! É mesmo! – exclamaram todos. – A gente viu na mesma hora!

– Pois muito bem – disse ela. – Vou fazer o melhor possível. Podem entrar logo, meninos levados. Devem estar com os pés molhados, claro. E antes de botar vocês na cama só vou ter tempo de contar o final da história de Cinderela.

E todos entraram; não sei como havia lugar para todos, mas na Terra do Nunca sempre cabe muito mais gente no mesmo espaço. E foi a primeira de muitas noites felizes que os meninos passaram com Wendy. Um a um ela foi pondo para dormir na grande cama da casinha debaixo das árvores, e Peter ficou de vigia do lado de fora com a espada na mão, porque qualquer um podia ouvir os piratas praguejando ao longe e os lobos rosnando na floresta. A casinha tinha um jeito muito aconchegante e seguro na escuridão, com suas luzes escapando pelas persianas, a chaminé soltando uma linda baforada de fumaça e Peter de sentinela.

Depois de algum tempo ele adormeceu, e algumas fadas cambaleantes precisaram passar por cima dele no caminho de volta de uma festa. Qualquer outro menino que tivessem encontrado no caminho naquela noite elas teriam maltratado: mas como era Peter, só lhe deram um piteleteco no nariz e seguiram em frente.

A
CASA
DEBAIXO
DA
TERRA

7

Uma das primeiras coisas que Peter fez no dia seguinte foi tirar as medidas de Wendy, John e Michael para encontrar árvores ocas para eles. O Capitão Gancho, vocês devem lembrar, tinha dado risada dos meninos por eles acharem que precisavam de uma árvore com porta para cada um, mas o riso era pura ignorância da parte dele: se a árvore não fosse do tamanho certo, a coisa mais difícil era subir e descer por ela, porque cada menino tinha um tamanho diferente. Quando o encaixe era perfeito, bastava prender a respiração na entrada que você descia exatamente na velocidade certa, enquanto que para subir você enchia e depois esvaziava o peito várias vezes, e assim ia avançando para cima. Claro que depois de dominar a técnica você começava a entrar e sair sem nem pensar, e nada era mais gracioso.

Mas as medidas precisavam ser certas, e Peter tirava as de cada um com o mesmo cuidado de um alfaiate que fosse costurar roupas: a única diferença é que as roupas são sob medida para caber em você, enquanto a árvore precisa ser sob medida para você caber nela. Geralmente é fácil, e basta usar mais – ou menos – roupas por baixo para ficar na medida certa. Mas quando você esbarra numa curva que atrapalha o caminho, ou a única árvore que existe tem uma forma estranha, Peter dá um jeito em você e você logo se encaixa. Depois disso, só é preciso tomar o maior cuidado para continuar cabendo, e isso, como Wendy iria descobrir e achar maravilhoso, ajuda a manter a família sempre em boa forma.

Wendy e Michael couberam nas suas árvores de primeira, mas John precisou de alguns ajustes.

Depois de alguns dias de treino, subiam e desciam por elas alegremente, com baldes buscando e trazendo água de um poço. E como se apaixonaram pela casa debaixo da terra! Especialmente Wendy. A casa tinha um espaço bem amplo, como todas as casas deviam ter, com um piso que você podia cavar se quisesse fazer uma pescaria, e onde também cresciam gigantescos cogumelos de lindas cores, que eram usados como bancos. Uma Árvore do Nunca tentava crescer no meio da sala, mas todo dia de manhã os meninos serravam seu tronco pertinho do chão. Na hora do chá a árvore já estava sempre com meio metro de altura: então punham uma porta deitada em cima dela, e o conjunto funcionava como mesa. Assim que acabavam de comer, tornavam a serrar o tronco, e com isso ganhavam mais espaço para brincar. Havia uma enorme lareira que ficava quase em qualquer lugar da sala onde você quisesse acender um fogo, e em frente a ela Wendy estendeu cordões, feitos de fibra, onde pendurava a roupa lavada. A cama era levantada e encostada na parede durante o dia, e baixada às seis e meia da tarde, quando ocupava quase metade da sala; e todos os meninos, menos Michael, dormiam nela, espremidos feito sardinhas na lata. Pelas regras,

alguém só podia se virar quando o outro dava o sinal, e aí todos se viravam ao mesmo tempo. Michael também queria dormir na cama com os outros, mas Wendy fazia questão de ter um bebê e, como ele era o menor de todos, e vocês sabem como são as mulheres, no fim das contas ele precisava dormir numa cesta transformada em berço.

Era tudo muito simples, e parecido com a maneira como filhotes de urso fariam para arrumar a sua toca. E ainda havia um nicho na parede, do tamanho de uma gaiola de passarinhos pequena, que era o alojamento privativo da Fada Sininho. Podia ser isolado por uma cortina – cortina que Sininho, muito cheia de não me toques, sempre fechava quando tirava ou colocava a roupa. Mulher nenhuma, do tamanho que fosse, teria um quartinho mais bem-arrumado que o dela. O divã, como Sininho chamava, era o mais autêntico e precioso, típico divã de uma Rainha das Fadas, com as pernas bem torneadas; e ela sempre trocava a colcha de acordo com as flores da estação. O espelho era um legítimo Gato-de-Botas, do qual hoje só existem três sem defeito no mundo inteiro e que só os vendedores de móveis para fadas sabem onde encontrar; a mesinha, onde ficavam a bacia e a jarra, era de armar e reversível, a cômoda era uma autêntica Encantado vi, e as tapeçarias do melhor período (o inicial) do estilo Rouxinol do Oriente. Um candelabro de cristal pendia do teto para dar mais elegância ao ambiente, mas claro que o aposento era iluminado pela luz dela própria. Sininho sentia verdadeiro horror do resto da casa, o que talvez fosse inevitável; e seu aposento, embora lindo, parecia decorado além da conta, e tinha um certo ar metido a besta.

Imagino que tudo aquilo fosse especialmente fascinante para Wendy, porque por outro lado esses meninos tão turbulentos lhe davam muito trabalho. Na verdade, semanas inteiras se passavam sem que, exceto talvez para pegar ar fresco durante a noite e costurar meias ao ar livre, ela saísse em algum momento daquele subterrâneo. A comida, isso eu posso dizer, obrigava Wendy a ficar praticamente o tempo todo com o nariz enfiado nas travessas e panelas. Geralmente comiam fruta-pão ao forno, inhame, coco, leiteão assado, bolinhos de ingredientes secretos e, além de bananas, outras frutas, assentadas goela abaixo com bebidas servidas em cabaças, vindas de terras distantes. Mas ninguém conseguia saber ao certo quando o jantar seria de verdade ou só de faz de conta: sempre dependia da veneta de Peter. Às vezes ele comia, e comia bem de verdade, quando fazia parte da brincadeira, mas nunca ao ponto de ficar de pança muito cheia, como a maioria das crianças gosta tanto de fazer – só preferindo, em segundo lugar, falar sobre isso. O faz de conta era tão real para Peter que, durante um jantar de brincadeira, dava até para ver sua barriga aumentando. Claro que é difícil, mas você precisa fazer o que ele manda, e se conseguir provar a ele que a passagem da sua árvore está ficando folgada

demais, ele vai deixar você se entupir de comida.

O momento em que Wendy preferia costurar e cerzir era depois que todos iam para a cama. Era nessas horas que, como dizia, tinha um tempo para respirar sozinha. Mas sempre ocupava esse tempo fazendo coisas para os meninos, como reforçar os joelhos das roupas de todos, porque eles sempre maltratavam muito os joelhos das calças.

Quando se sentava ao lado de uma cesta cheia de meias dos meninos, todas com furos no calcanhar, ela jogava os braços para cima e exclamava:

– Ora bolas! Às vezes eu chego a pensar que as solteironas é que deram sorte!
Mas quando dizia isto, estava sempre com o rosto radiante.

Vocês se lembram do lobinho de estimação que Wendy tinha? Pois em pouco tempo ele descobriu que ela tinha chegado à ilha, localizou onde a menina estava, e os dois caíram nos braços um do outro. Depois disso, o lobinho andava atrás dela para todo lado.

Conforme o tempo passava, será que Wendy pensava muito nos pais adorados que tinha deixado para trás? A pergunta é difícil, porque é impossível dizer ao certo como o tempo passa na Terra do Nunca, onde é medido por sóis e luas, que mudam muito mais vezes que no continente. Mas acho, infelizmente, que Wendy não se preocupava muito com o pai e a mãe dela: tinha certeza absoluta de que a janela estaria sempre aberta para o dia em que resolvesse voar de volta, o que lhe dava uma completa tranquilidade. Às vezes Wendy ficava inquieta ao ver que John só se lembrava dos pais muito vagamente, como pessoas que tinha conhecido muito tempo atrás, enquanto Michael já estava quase acreditando que Wendy era mesmo a mãe dele. Essas coisas deixavam a menina com um pouco de medo e, com a dignidade de quem queria cumprir a sua obrigação da maneira certa, tentava manter a vida antiga viva na cabeça dos dois, passando-lhes sabatinas a respeito. Para isso, procurava se lembrar das provas que ela mesma fazia na escola. Os outros meninos achavam aquilo tudo muito interessante e faziam questão de participar dos testes, cada um arrumando algum tipo de lousa e sentando-se ao redor da mesa para escrever, pensando muito na resposta de cada uma das questões que Wendy escrevia numa outra lousa e pedia que passassem uns para os outros.

As questões eram bem simples: “Qual era a cor dos olhos de mamãe? Quem era mais alto, mamãe ou papai? Mamãe era loura ou morena? Responda a todas as perguntas, se puder.” “(A) Escreva uma redação com pelo menos 40 palavras: ‘Como passei as minhas férias’, ou ‘Comparação entre a personalidade de mamãe e papai. Faça só uma das duas.” Ou “(1) Descreva o riso de mamãe; (2) Descreva o riso de papai; (3) Descreva o vestido de festa de mamãe; (4) Descreva a casinha de cachorro e quem morava nela”.

Eram perguntas fáceis sobre o dia a dia, e para cada pergunta que você não

conseguisse responder precisava fazer uma cruz. No final, era horrível o número de cruces que até John fazia nas provas dele. O único menino que respondia a todas as perguntas era, claro, Levemente-Estragado, e ninguém tinha mais esperança do que ele de tirar sempre o primeiro lugar. Acontece que as respostas que ele dava eram todas ridículas, e ele sempre dava um jeito de acabar por último, uma coisa muito triste.

Já Peter nunca participava. Primeiro, não se interessava por mãe nenhuma além de Wendy, e depois era o único menino da ilha que não sabia ler nem escrever: nem uma palavra, nem uma letrinha. Estava acima desse tipo de coisa.

Aliás, todas as perguntas eram sempre escritas no passado. Qual *era* a cor dos olhos de mamãe, mamãe *era* loura ou morena, e assim por diante. É porque a própria Wendy também tinha começado a esquecer...

Aventuras, como vamos ver, aconteciam todos os dias; mas a essa altura Peter tinha inventado, com a ajuda de Wendy, uma brincadeira nova que ele achava fascinante até perder totalmente o interesse por ela, o que, como já contei, sempre acontecia. A ideia era fingir que nunca participavam de aventuras, e levavam a vida que John e Michael haviam tido desde bebês: ficar sentados jogando uma bolinha para cima, trocar empurrões, sair para um passeio e voltar sem ter matado nem mesmo um urso-pardo. Ver Peter sentado num banquinho sem fazer nada era uma visão e tanto; ele não conseguia deixar de transparecer um ar muito solene nessas horas, de tão engraçado que lhe parecia ficar quieto no mesmo lugar. E depois se gabava de que tinha saído para dar uma volta por motivo de saúde. Por vários sóis, essas eram as mais novas aventuras que ele vivia; e John e Michael tinham de fingir que também achavam aquilo tudo maravilhoso; de outro modo, Peter ralharia com eles.

Muitas vezes ele saía sozinho, e quando voltava você nunca sabia direito se ele tinha ou não vivido alguma aventura. Às vezes ele se esquecia tão completamente de tudo que não tinha o que contar mas então, quando você saía, encontrava o corpo. Por outro lado, ele podia contar muitas coisas sobre o que tinha acontecido e, quando você saía, não achava o corpo de jeito nenhum. Às vezes voltava para casa com a cabeça machucada, e então Wendy cuidava dele e lavava a ferida com água morna, enquanto ele contava alguma história de tirar o fôlego. Mas, sabe como é, ela nunca ficava totalmente convencida. Ainda assim, eram muitas as aventuras que ela sabia terem sido verdadeiras, porque ela própria participou delas, e outras que ainda eram verdadeiras pelo menos em parte, porque os outros meninos participaram delas e confirmavam que era tudo verdade. Para descrever cada uma das aventuras iríamos precisar de um livro da grossura de um dicionário, e o melhor que podemos fazer é dar só um exemplo de como você podia passar uma hora na ilha. A dificuldade é qual escolher. Escolhemos a batalha com os peles-vermelhas no Desfiladeiro da Morte? Foi um combate sangrento, e especialmente interessante por demonstrar uma das

peculiaridades de Peter: bem no meio de uma luta, às vezes ele resolvia trocar de lado. No desfiladeiro, justamente, quando a vitória ainda não estava definida, inclinado às vezes para um lado, às vezes para o outro, Peter de repente decidiu:

– Hoje eu sou pele-vermelha; e você, Assobio?

E Assobio respondeu:

– Pele-vermelha; e você, Bicudo?

E Bicudo respondeu:

– Pele-vermelha; e você, Gêmeo?

E assim por diante. Todos viraram peles-vermelhas; e é claro que isso teria decidido a batalha se os verdadeiros peles-vermelhas, fascinados pelos métodos de Peter, não tivessem resolvido na mesma hora virar meninos perdidos, fazendo começar tudo de novo, com mais ferocidade que nunca.

E o resultado mais extraordinário dessa aventura foi que – mas ainda não decidimos qual aventura nós vamos narrar... Talvez a melhor de todas seja o ataque noturno dos peles-vermelhas à casa debaixo da terra, quando vários deles ficaram entalados nas árvores e precisaram ser puxados para fora igual a rolhas de garrafa de vinho. Ou podíamos contar como Peter salvou a vida de Lírio Selvagem na Lagoa das Sereias, transformando a indiazinha em sua aliada.

Ou podíamos falar do bolo que os piratas assaram para os meninos perdidos comerem e morrerem envenenados, e de como iam deixando o bolo nos lugares mais bem escolhidos, mas Wendy nunca deixava os seus meninos comerem, de modo que com o tempo o bolo foi perdendo os atrativos e ficou duro como pedra. Acabou sendo usado como o míssil, e o Capitão Gancho, no escuro, acabou tropeçando e caindo de cara nele.

Ou ainda podíamos falar das aves que eram amigas de Peter, especialmente a Ave do Nunca, que construía seu ninho num galho que dava para a lagoa. Um dia seu ninho caiu na água, com a ave sempre chocando os ovos, e Peter ordenou que ela não fosse perturbada. É uma bela história, e no final vemos como uma ave pode demonstrar sua gratidão, mas se formos contar esse caso teremos de contar toda a história da lagoa, o que seria igual, claro, a contar duas aventuras em vez de uma. Uma aventura mais rápida, e igualmente emocionante, foi a tentativa de Sininho, com a ajuda de algumas fadas de rua, de carregar Wendy adormecida e deixá-la deitada em cima de uma imensa folha flutuante no mar, para que chegasse ao continente. Felizmente a folha não aguentou o peso e Wendy, depois de acordar achando que era hora do banho, voltou nadando para a margem. Ou ainda podíamos escolher o dia em que Peter enfrentou os leões, riscando um círculo em volta de si mesmo com uma flecha no chão e desafiando as feras a pisar na linha, ficando horas e horas à espera, enquanto Wendy e os outros meninos acompanhavam do alto das árvores sem ousar respirar, mas mesmo assim nenhuma das feras ousou aceitar o desafio.

Qual dessas aventuras devemos escolher? A melhor maneira é pegar uma moeda e tirar cara ou coroa.

Joguei, e quem ganhou foi a lagoa. Quase me dá vontade de que tivesse ganho o desfiladeiro, ou o bolo, ou a folha da Sininho. Claro que eu podia jogar de novo, e transformar o cara ou coroa numa melhor de três. Mas pensando bem, talvez o mais certo seja contar mesmo a história da lagoa.

A LAGOA DAS SEREIAS

8

Se você fechar os olhos e estiver com sorte, às vezes pode ver uma grande mancha sem contornos definidos e de lindas cores claras suspensa na escuridão; logo depois, se você aperta os olhos com mais força, a mancha começa a tomar forma, e as cores ficam tão nítidas que com mais uma piscadela apertada elas parecem pegar fogo. Mas logo antes de incendiarem, você vê a lagoa. Não dá para chegar mais perto que isso de terra firme, é só um momento maravilhoso; se fosse possível produzir dois desses momentos, você ainda conseguiria ver as ondas e ouvir o canto das sereias.

Os meninos muitas vezes passam dias compridos de verão nesta lagoa, nadando ou boiando a maior parte do tempo, brincando com as sereias na água e assim por diante. Nem por isso você deve achar que as sereias eram amigas deles; pelo contrário, uma das queixas mais frequentes de Wendy era que, no tempo todo que passou na ilha, nunca ouviu uma palavra simpática de alguma delas. Quando chegava de mansinho à beira da lagoa conseguia ver as sereias perto da margem, especialmente na Ponta dos Renegados, onde elas adoravam tomar banho de sol, penteando os cabelos com gestos lentos que acabavam deixando Wendy irritada; ou às vezes entrava na água como que andando na ponta dos pés, chegando até bem pertinho delas, mas assim que elas viam a menina mergulhavam na mesma hora, quase atingindo Wendy com seus rabos de peixe, não por acaso, mas de propósito.

Tratavam todos os meninos da mesma forma, menos – é claro – Peter, que batia papo com elas na Ponta dos Renegados por horas a fio, e se sentava em seus rabos de peixe quando elas ficavam muito atrevidas. E ainda deu a Wendy um dos pentes que elas usavam.

O pior momento para avistar as sereias é na Lua Nova, quando elas soltam gritos estranhos e terríveis; mas a lagoa nessas horas é sempre perigosa para os mortais. Até chegar a noite de que agora vou falar, Wendy nunca tinha visto a lagoa à luz da lua, menos por medo (porque Peter sempre ia com ela) do que por obediência à regra rigorosa de, como todo mundo, ir para cama sempre às sete. Mas durante o dia muitas vezes ia até a lagoa logo depois que chovia e o sol aparecia, hora em que as sereias surgem numa quantidade incrível para brincar com as bolhas que elas mesmas produzem. E as bolhas multicoloridas criadas na água tingida pelo arco-íris elas tratam como bolas, que jogam alegremente de uma para outra com suas caudas, tentando mantê-las na curva do arco-íris enquanto não estouram. Os gols ficam nas duas pontas do arco-íris, e as goleiras só podem usar as mãos. Às vezes centenas de sereias jogam ao mesmo tempo na lagoa, uma visão deslumbrante.

Mas toda vez que as crianças tentavam entrar no lago acabavam sozinhas, pois

as sereias desapareciam na mesma hora. Ainda assim, podemos provar que ficavam assistindo ao jogo dos invasores, e às vezes até roubavam as suas melhores ideias. John, por exemplo, inventou um modo novo de passar a bolha, usando a cabeça em vez da mão, que as goleiras das sereias copiaram. Foi a marca que John deixou na Terra do Nunca.

Também devia ser uma bela visão, a das crianças descansando por meia hora numa pedra depois do almoço. Wendy fazia questão dessa sesta, em que todos precisavam descansar de verdade, mesmo quando o almoço fosse de faz de conta. Então se estendiam lá ao sol, com os corpos brilhando, enquanto Wendy, com ares de importante, tomava conta de todos sentada ao lado deles.

Foi num desses dias, em que estavam todos na Ponta dos Renegados. As pedras da ponta não eram muito mais largas que a cama grande em que todos dormiam, mas é claro que os meninos sabiam exatamente o jeito de não ocupar muito espaço, e cochilavam, ou pelo menos ficavam lá deitados sem abrir os olhos, beliscando o vizinho quando achavam que Wendy não estava olhando. Ela estava muito ocupada cerzindo.

Enquanto ela costurava, a lagoa sofreu uma mudança. A superfície se arrepiou, o sol sumiu e sombras se espalharam pelas águas, que ficaram geladas. Wendy não conseguia mais enxergar nem o buraco para enfiar a linha na agulha, e quando levantou os olhos a lagoa, que até então era um lugar muito divertido, tinha assumido um ar ameaçador e desagradável.

Não era a noite que tinha chegado, ela sabia, mas alguma outra coisa tão escura quanto a noite. Não, pior ainda. Não era nada que tivesse chegado, só mandado aquele arrepio das águas pelo mar, para dizer que estava chegando. O que poderia ser?

Logo ela se lembrou de todas as histórias que tinha ouvido sobre a Ponta dos Renegados, chamada assim porque era ali que comandantes cruéis mandavam amarrar os marinheiros que condenavam a morrer afogados. Eles se afogavam quando a maré subia, porque aí ela cobria as pedras da ponta.

E é claro que ela devia ter acordado os meninos na mesma hora; não só por causa daquela coisa desconhecida que vinha chegando, mas porque não deviam mais continuar deitados na pedra, que estava gelada. Só que Wendy era uma mãe muito jovem, e não sabia que isso pode fazer mal; para ela, o mais importante era a obediência à regra da meia hora de descanso depois do almoço. Assim, mesmo tomada pelo medo e por uma certa vontade de ouvir vozes masculinas, não acordou ninguém. Mesmo quando ouviu o som abafado de remos, com o coração na boca, não acordou ninguém. Continuou ao lado deles para cumprirem o descanso completo. Não foi muita coragem da Wendy?

A sorte dos meninos é que um deles farejava o perigo mesmo dormindo. Peter saltou de pé, tão imediatamente acordado quanto um cachorro, e com um grito

de aviso despertou os demais.

E ficou imóvel, com uma das mãos em concha ao redor da orelha.

– Os piratas! – avisou ele.

Os outros se aproximaram. Um sorriso estranho apareceu no rosto de Peter, e Wendy estremeceu ao ver o menino sorrir daquele jeito. Enquanto aquele sorriso não sumiu ninguém teve coragem de falar com ele; só ficaram todos atentos, prontos para obedecer. E a ordem veio, seca e direta.

– Mergulhar!

Houve uma confusão de pernas saltando, e imediatamente a lagoa pareceu deserta. A Ponta dos Renegados se estendia vazia e solitária nas águas inóspitas, como se ela própria fosse um barco abandonado.

O bote se aproximou. Era o barco a remo dos piratas, com três figuras a bordo: os piratas Smee e Barracuda, e a terceira nada menos do que Lírio Selvagem. Vinha com as mãos e os pés amarrados, e sabia o destino que estava à sua espera: ser deixada nas pedras para morrer. Para o seu povo, o afogamento era um fim mais terrível que a morte pelo fogo ou pela tortura, porque o livro da tribo não falava de nenhum caminho através da água que levasse aos Campos de Caça Felizes. Ainda assim, o rosto dela estava impassível: ela era a filha do chefe, e pretendia morrer como filha do chefe, nada mais.

Tinha sido apanhada subindo a bordo do navio pirata com uma faca entre os dentes. O navio não tinha sentinelas, e o Capitão Gancho sempre se gabava de que o som de seu nome bastava para tomar conta de um raio de muitos quilômetros em volta da embarcação. Agora, o destino da indiazinha tornaria essa fama ainda maior; era mais um gemido que ia se juntar aos ecos tenebrosos que aquele nome já provocava durante a noite.

Nas trevas que trouxeram com eles, os dois piratas só viram as pedras quando bateram nelas.

– Vire o leme, seu palerma! – xingou uma voz com sotaque irlandês, que era de Smee. – Chegamos na pedra. Agora, então, só falta amarrar a pele-vermelha na ponta, e deixar ela aqui para se afogar.

Pertinho da ponta, mas escondidas, duas cabeças apareciam à flor d'água, a de Peter e a de Wendy. Wendy estava chorando, porque era a primeira tragédia a que assistia na vida. Peter já havia presenciado muitas tragédias, mas já tinha esquecido de todas. Enquanto Wendy sentia pena de Lírio Selvagem, ele ficou foi danado por serem dois contra uma, e resolveu que iria salvar a princesa índia. O mais fácil seria esperar a partida dos piratas, mas Peter era o tipo de pessoa que nunca escolhia o caminho mais fácil.

Como não houvesse muita coisa que pudesse fazer, decidiu imitar a voz do Capitão Gancho.

– Olá do barco, seus patifes! – chamou ele. A imitação era perfeita.

– O capitão! – disseram os piratas, trocando olhares de surpresa.

– Ele deve estar vindo a nado atrás de nós – disse Barracuda, depois de ter olhado em volta e não ter visto nada.

– Estamos amarrando a pele-vermelha na ponta da pedra! – gritou de volta Smee.

– Soltem a menina! – foi a resposta inesperada.

– Soltar?

– Isso mesmo! Cortem as cordas e deixem a indiazinha ir embora.

– Mas, capitão...

– Agora mesmo, estão me ouvindo? – gritou Peter. – Ou enterro o meu gancho nas suas panças!

– Que estranho... – murmurou Smee.

– Melhor fazer o que o capitão está mandando – disse Barracuda, nervoso.

– Está bem – disse Smee, e cortou as cordas que prendiam Lírio Selvagem. Na mesma hora, rápida como um peixe, ela passou entre as pernas de Barracuda e mergulhou na água.

Claro que Wendy estava muito admirada com a esperteza de Peter; mas também sabia que ele devia estar envaidecido, provavelmente iria querer cantar de galo e revelar que tinha sido ele o autor da ordem. Na mesma hora, então, estendeu a mão para cobrir a boca de Peter. Mas parou no meio do caminho, porque todos ouviram as palavras “Olá do barco!” ressoando na lagoa, na voz do Capitão Gancho – e dessa vez quem falava não era Peter.

Peter até podia estar pensando em se gabar, mas em vez disso sua boca formou um assobio mudo de surpresa.

– Olá do barco! – o grito voltou a soar.

E então Wendy entendeu. O Gancho de verdade também estava na lagoa.

Vinha nadando para o bote, e logo depois que os homens levantaram um lampião, para lhe servir de guia, ele chegou. À luz do lampião, Wendy viu o gancho se cravar na lateral do barco; viu seu rosto malvado e moreno quando saiu gotejante da água e, tremendo, sentiu vontade de nadar para bem longe, mas Peter não mexia um músculo. Vibrava de tanta energia, e também de vaidade.

– Ah, eu sou maravilhoso. Sou mesmo maravilhoso! – murmurou ele para a menina. E, apesar de concordar, ela ficou muito satisfeita ao ver que ninguém mais além dela tinha escutado o que ele dizia.

Ele fez um sinal para ela prestar atenção.

Os dois piratas estavam muito curiosos para saber por que o capitão tinha ido atrás deles, mas ele preferiu se sentar, com a cabeça apoiada no gancho, numa posição de profunda melancolia.

– Capitão, está tudo bem? – perguntaram-lhe timidamente, mas ele só

respondeu com um gemido.

- Ele está suspirando – disse Smee.
- E suspirou de novo – disse Barracuda.
- E suspirou pela terceira vez – disse Smee.
- O que houve, capitão?

E então, finalmente, ele respondeu em tom exaltado.

– Está tudo acabado – falou ele. – Os meninos arranjaram uma menina para ser a mãe deles.

Apesar de todo o seu medo, Wendy ficou inchada de orgulho.

- Ah, que dia terrível! – exclamou Barracuda.
 - O que é mãe? – perguntou Smee, que não podia ser mais ignorante.
- Wendy ficou tão admirada que exclamou:

– Ele não sabe!

Depois disso, a menina sempre soube que, se pudesse ter um pirata de estimação, havia de ser Smee.

Peter puxou Wendy para debaixo d'água, porque o Capitão Gancho tinha levantado a cabeça, gritando:

– O que foi isso?

– Não ouvi nada – disse Barracuda, levantando o lampião e iluminando as águas e, enquanto olhavam, os piratas viram uma imagem estranha. Era o ninho de que já falei antes, boiando na lagoa, com a Ave do Nunca chocando seus ovos.

– Está vendo? – disse o Capitão Gancho em resposta a Smee. – Aquela ave é mãe de verdade! Que lição! O ninho caiu na água, mas a mãe abandona os seus ovos? Nunca!

Sua voz rachou de emoção, como se por um momento ele rememorasse os dias inocentes em que – mas afastou essa fraqueza para o lado com o seu gancho.

Smee, muito impressionado, ficou olhando para a ave enquanto o ninho passava à deriva, mas Barracuda, mais desconfiado, comentou:

– Se ela é mãe, talvez esteja aqui para ajudar Peter.

O Capitão Gancho fez uma careta.

– Justamente – disse ele. – É esse o meu medo.

E foi despertado dessa infelicidade pela voz ansiosa de Smee.

– Capitão – perguntou ele – não podemos raptar essa mãe dos meninos e transformá-la em nossa mãe?

– Que ideia excelente! – exclamou Gancho, e na mesma hora o plano foi tomando forma em sua mente privilegiada. – Podemos capturar todos os meninos e levar para o navio: os meninos, fazemos andar na prancha, e Wendy

fica sendo a nossa mãe!

De novo Wendy perdeu o controle.

– Nunca! – gritou ela.

– O que foi isso?

Mas os três não enxergavam nada. Acharam que fosse uma folha, arrastada pelo vento.

– Vocês concordam, meus valentes?

– E trocamos um aperto de mão para fechar o negócio – disseram os dois.

– Pois aqui está o meu gancho. Vamos fazer um juramento.

Todos juraram. A essa altura os três estavam reunidos nas pedras da Ponta dos Renegados, e de repente o Capitão Gancho se lembrou de Lírio Selvagem.

– Onde está a pele-vermelha? – perguntou de repente.

Às vezes ele era dado a brincadeiras, e os outros dois acharam que fosse um desses momentos.

– Está tudo certo, capitão – veio a resposta tranquila de Smee. – Nós soltamos a indiazinha.

– Soltaram? – berrou o Capitão Gancho.

– Mas foram ordens suas... – gaguejou Smee.

– O senhor mesmo nos deu a ordem, quando estava na água – explicou Barracuda.

– Por seiscentos milhões de barris de enxofre! – trovejou o Capitão Gancho. – Que trapaça é essa?

Estava roxo de raiva, mas viu que os outros acreditavam no que diziam e ficou muito espantado.

– Rapazes – disse ele, tremendo um pouco – eu nunca dei essa ordem.

– É mais do que estranho – respondeu Smee, e nenhum deles sabia o que fazer.

O Capitão Gancho levantou a voz, mesmo estando um pouco trêmula.

– Espíritos que assombam esta lagoa hoje à noite! – gritou ele. – Estão me ouvindo?

Claro que Peter devia ter ficado quieto, mas quem disse que conseguia? E respondeu na mesma hora, sempre imitando a voz do capitão:

– Por seiscentos milhões de caramujos, claro que estou!

Naquele momento supremo, o Capitão Gancho nem vacilou, mas Smee e Barracuda se abraçaram, aterrorizados.

– Quem é você, desconhecido? – perguntou Gancho. – Diga o seu nome!

– Sou o Capitão Gancho, comandante do *Hiena dos Mares*.

– Não pode ser! Não pode ser! – gritou Gancho, com voz rouca.

– Por seiscentos milhões de demônios! – respondeu a voz. – Repita o que disse

e eu jogo a minha âncora na sua cabeça!

O Capitão Gancho tentou ser mais gentil e cativante.

– Se você é o Capitão Gancho – perguntou ele, quase em tom humilde – responda então: quem sou eu?

– Um bacalhau – respondeu a voz. – Nada mais que um bacalhau.

– Bacalhau! – ecoou o Capitão Gancho sem expressão na voz. E foi então, mas só então, que seu espírito começou a fraquejar. Viu que seus homens se afastavam dele.

– Quer dizer que fomos comandados esse tempo todo por um bacalhau? – murmuravam os dois. – Que duro golpe para o nosso orgulho!

Eram os piratas dele que, transformados em cachorros, agora ameaçavam morder de volta. Ainda assim, mesmo transformado numa figura trágica, o Capitão Gancho não lhes deu muita atenção. Contra aqueles fatos tão terríveis, precisava não da confiança deles, mas da sua própria. Sentiu que seu orgulhoso ego ameaçava desmoronar.

– Não vá me abandonar agora, seu covarde! – sussurrou ele em voz rouca.

Na sua natureza sombria existia alguma coisa de feminino, como em todos os grandes piratas, e graças a isso às vezes tinha boas intuições.

– Gancho – perguntou ele –, você tem alguma outra voz?

Peter não conseguia resistir a uma brincadeira, e respondeu atrevido, na sua própria voz:

– Tenho!

– E outro nome?

– Sim, senhor.

– Mineral? – perguntou Gancho.

– Não.

– Vegetal?

– Não.

– Animal?

– Sim.

– Homem?

– Não! – respondeu Peter com desprezo.

– Menino?

– Sim!

– Menino comum?

– Não!

– Menino fora do comum?

E, para tristeza de Wendy, a resposta de Peter foi “Sim”.

– Está na Inglaterra?

– Não.

– Está aqui?

– Sim.

O Capitão Gancho ficou completamente desconcertado.

– Agora perguntem alguma coisa vocês – disse para os outros dois, enxugando a testa.

Smee pensou bastante.

– Não me ocorre pergunta nenhuma – disse ele com tristeza.

– Não conseguem adivinhar! Não conseguem adivinhar! – zombou Peter. – Vocês desistem?

Claro que, no seu orgulho, estava levando o jogo longe demais, e nisso os outros viram a sua chance.

– Desistimos, desistimos! – responderam, ansiosos.

– Então está bem – gritou ele. – Sou Peter Pan!

Pan!

Num momento o Capitão Gancho se recuperou, e Smee e Barracuda voltaram a ser seus fiéis asseclas.

– Agora está no papo! – gritou Gancho. – Vamos para a água! Smee, Barracuda, manobrem o bote. Eu quero Peter, vivo ou morto!

Pulou no barco enquanto falava, e no mesmo instante ouviu-se a voz alegre de Peter:

– Estão prontos, meninos?

– Sim, senhor – veio a resposta, de vários pontos da lagoa.

– Então caíam em cima dos piratas!

A luta foi curta e furiosa. O primeiro a tirar sangue foi John, que com valentia subiu no bote e atacou Barracuda. Travaram um combate feroz, em que John desarmou o sinistro pirata. Barracuda se atirou na água e John pulou atrás dele. O bote, sem piloto, saiu perdido à deriva.

Aqui e ali alguma cabeça apontava na água, e se via um reflexo prateado seguido de um grito ou um gemido. Na confusão, alguns dos combatentes feriram companheiros de luta. O famoso saca-rolhas de Smee acertou Assobio na quarta costela, mas ao mesmo tempo ele próprio era espetado por Crespo. Mais longe da ponta, Barracuda dava trabalho a Levemente-Estragado e aos Gêmeos.

Mas durante esse tempo todo, onde andava Peter? À procura de caça mais graúda.

Os outros eram todos meninos corajosos, e não podem ser criticados por

recuarem diante do comandante dos piratas. Sua garra de metal criava um círculo à sua volta, do qual todos fugiam como peixes assustados.

Mas um dos meninos não se deixava assustar pelo comandante: um dos meninos não tinha medo de entrar naquele círculo.

Estranhamente, não foi na água que começaram a lutar. Gancho subiu nas pedras para respirar, e nesse momento Peter chegou pelo outro lado. As pedras estavam lisas e escorregadias, e os dois mais se arrastavam do que andavam. Nenhum sabia da presença do outro. Avançando, cada um deles, ao procurar um lugar para se segurar, encontrou o braço do outro: surpresos, levantaram a cabeça ao mesmo tempo; seus rostos quase se tocaram; e foi assim que começou.

Alguns dos maiores heróis já confessaram que, pouco antes do combate, tiveram um lampejo de medo. E, fosse esse o caso de Peter naquele momento, eu seria o primeiro a admitir. Afinal, aquele era o único homem que metia medo no próprio Long John Silver. Mas Peter não tinha medo, e seu sentimento era um só: alegria. E foi com satisfação que cerrou seus belos dentinhos. Com a rapidez do pensamento, tirou a faca do cinto de Gancho e já estava prestes a enfiá-la no peito do pirata quando viu que estava num ponto mais alto dos rochedos que o seu adversário. Não seria justo se aproveitar dessa vantagem. E deu a mão ao pirata para ajudá-lo a subir também.

Foi então que Gancho golpeou.

E não foi a dor do golpe que deixou Peter tonto, mas a mágoa por sua deslealdade e injustiça. E ele se viu à mercê do capitão. Só conseguia ficar olhando, horrorizado. Toda criança se sente assim da primeira vez que é tratada de maneira injusta. Tudo que espera dos pais quando chega ao mundo é um tratamento justo. Depois da primeira injustiça, pode até voltar a gostar deles, só que nunca mais volta a ser a mesma criança. Ninguém se recupera da primeira injustiça que sofre – só mesmo Peter Pan. Foi vítima de muitas injustiças, mas sempre se esqueceu. E deve ser esta a maior diferença entre ele e todo o resto.

Assim, quando foi vítima daquela deslealdade, era como se fosse a primeira vez. E em resposta ele só conseguiu ficar olhando de volta, sem ação. E foi ferido duas vezes pela mão de ferro.

Poucos minutos depois, os outros meninos viram o Capitão Gancho na água, nadando o mais depressa que podia de volta para o navio; mas não havia alegria no rosto perverso, só o medo mais puro, porque o crocodilo vinha logo atrás dele. Em ocasiões normais, os meninos poderiam ter nadado atrás dos dois, torcendo pelo crocodilo; mas naquele momento não souberam direito o que fazer, porque tinham perdido tanto Peter quanto Wendy, e andavam ao redor de toda a lagoa procurando e chamando os nomes dos dois. Encontraram o bote largado e voltaram para casa nele, gritando enquanto remavam:

– Peter! Wendy!

Mas a única resposta que ouviram foi o riso de zombaria das sereias.

– Devem estar nadando de volta, ou voando – concluíram os meninos.

Não estavam muito nervosos, porque confiavam muito em Peter. E riam encabulados porque iam chegar atrasados para a hora de dormir; e tudo por culpa da própria Mãe Wendy!

Quando suas vozes pararam de produzir ecos, só ouviram o silêncio gelado que caiu sobre a lagoa, e então um grito fraco.

– Socorro! Ajudem aqui!

Dois figuras miúdas tentavam subir nas pedras; a menina tinha desmaiado, e era carregada pelo menino. Com um último esforço, Peter puxou Wendy para cima das pedras e caiu deitado ao lado dela. E, no momento exato em que perdia os sentidos, viu que a maré subia. Entendeu que logo se afogariam, mas não conseguiu fazer mais nada.

Enquanto ficaram ali estendidos lado a lado, uma sereia pegou Wendy pelos pés e começou a puxá-la devagarzinho para dentro da água. Peter, sentindo que Wendy se afastava dele, acordou num instante e conseguiu puxá-la de volta bem a tempo. Mas precisou lhe contar a verdade:

– Estamos nas pedras, Wendy – disse ele. – Mas elas estão diminuindo. Daqui a pouco vão ser totalmente cobertas pela água.

Ela não entendeu bem.

– Então precisamos ir embora – disse ela, quase animada.

– Sim – respondeu ele com voz fraca.

– Vamos nadando ou voando, Peter?

Ele precisava contar a ela.

– Você acha que consegue nadar ou voar até a ilha, Wendy, sem a minha ajuda?

Ela admitiu que estava cansada demais.

Ele gemeu.

– O que foi? – perguntou ela, na mesma hora muito preocupada com ele.

– Não posso ajudar, Wendy. Gancho me feriu. Não vou conseguir voar e nem nadar.

– Está dizendo que nós dois vamos nos afogar?

– Veja como a água está subindo.

Cobriram os olhos com as mãos para afastar aquela visão. Acharam que dali a pouco deixariam de existir. Enquanto estavam sentados assim, alguma coisa roçou em Peter bem de leve, como um beijo de passagem, e ficou parada, como se perguntasse timidamente se podia ajudar em alguma coisa.

Era o rabo de uma pipa, que Michael tinha feito poucos dias antes. Soltou-se da mão do menino e veio voando até eles.

– A pipa de Michael – disse Peter sem se interessar, mas no momento seguinte agarrou seu rabo e puxou a pipa na sua direção.

– Ela fez Michael levantar voo – exclamou ele – por que não poderia levar você?

– Nós dois!

– Não aguenta dois; Michael e Crespo bem que tentaram.

– Então vamos tirar a sorte – disse Wendy, cheia de coragem.

– Eu e você? Uma dama? Nunca! – E Peter já tinha amarrado o rabo da pipa na cintura de Wendy. Ela se agarrou a Peter; recusava-se a ir embora sem ele; mas com um “Adeus, Wendy” ele a empurrou para longe da ponta de pedras; e dali a poucos minutos ela tinha subido e estava longe das suas vistas. Peter ficou sozinho na lagoa.

A ponta de pedra estava muito reduzida; dali a pouco tudo afundaria. Fracos raios de luz vieram avançando devagar pela água; e aos poucos foi-se ouvindo o som ao mesmo tempo mais musical e mais triste do mundo: o canto das sereias para a lua.

Peter não era exatamente como os outros meninos; mas finalmente sentiu medo. Um tremor se alastrou pelo seu corpo, como uma ondulação que se espalha pelo mar; mas no mar uma ondulação é seguida por outra até serem centenas, e Peter só sentiu a primeira. No momento seguinte estava novamente de pé, ereto na pedra, com aquele sorriso no rosto e um tambor pulsando dentro dele. E o tambor dizia:

– Morrer vai ser uma aventura e tanto.

AVE DO NUNCA

9

O último som que Peter ouviu antes de ficar totalmente sozinho foi o das sereias que se recolhiam uma a uma aos seus quartos, no fundo do mar. Ele estava longe demais para ouvir as portas se fechando; mas todas as portas das cavernas de coral onde elas vivem tocam uma sineta quando são abertas ou fechadas (como em todas as casas chiques do continente), e as sinetas ele ouvia.

As águas continuaram a subir, e já começavam a molhar seus pés. Para passar o tempo até que elas se fechassem sobre ele, Peter ficou observando a única coisa que ainda se movia na lagoa. Achou que fosse um pedaço de papel boiando, talvez uma parte da pipa, e se perguntou quanto tempo aquilo ainda levaria para chegar até a margem.

Em seguida ele reparou com algum estranhamento que aquela coisa estava boiando nas águas da lagoa sem dúvida com alguma finalidade, pois avançava na direção contrária à da maré e, às vezes, conseguia avançar bastante. Toda vez que ela ganhava da correnteza, Peter, que sempre torcia pelo lado mais fraco, não conseguia deixar de aplaudir; aquele pedaço de papel era muito corajoso.

Mas a verdade é que não era pedaço de papel nenhum: era a Ave do Nunca, fazendo esforços desesperados, com o ninho e tudo, para alcançar Peter. Batendo as asas do modo que tinha aprendido quando seu ninho caiu nas águas, ela conseguia mais ou menos conduzir a sua estranha embarcação e, quando Peter finalmente reconheceu quem ela era, já estava quase exausta. Vinha salvar o menino e entregar-lhe o seu ninho, embora os seus ovos ainda estivessem lá. Não sei bem porque essa ave agia assim, pois é verdade que ele tinha sido muito bom com ela, mas às vezes também se divertia lhe atormentando. Só posso imaginar que, como a sra. Darling e as outras que tinham filhos como ela, a ave se derretia toda ao ver que ele ainda tinha todos os dentes de leite.

Avisou a Peter por que estava vindo, e ele, em resposta, perguntou o que ela tinha vindo fazer ali, mas claro que nenhum dos dois entendia a língua do outro. Nos contos de fada, as pessoas e os animais conversam o tempo todo, e bem que agora eu podia fingir que esta história era igual, e dizer que Peter entendeu perfeitamente a Ave do Nunca e lhe respondeu com toda a clareza. Mas sempre é melhor falar a verdade, e só quero contar o que realmente aconteceu: não só nenhum dos dois entendia o que o outro dizia como ainda perderam totalmente os bons modos.

– Eu - quero - que - você - entre - no - ninho – disse a ave, falando o mais devagar e claro que conseguia. – Ai - você - pode - ir - para - a - margem, mas - estou - tão - cansada - que - não - consigo - chegar - mais - perto, então - você - precisa - nadar - até - aqui.

– Que algazarra é essa? – respondeu Peter. – Por que você não deixa o ninho flutuar à revelia, como sempre?

– Eu - quero - salvar - você – continuou a ave, e repetiu isso várias vezes. Então Peter também tentou falar bem devagar, separando bem as palavras.

– Por - que - você - está - berrando - tanto? – e assim por diante.

A Ave do Nunca ficou irritada; são bichos que perdem a cabeça com facilidade.

– Passarinho inútil e idiota! – gritou ela – Por que você não faz o que eu digo?

Peter achou mesmo que ela estivesse xingando, e por via das dúvidas respondeu exaltado:

– É você!

E então, curiosamente, os dois ficaram furiosos e trocavam as mesmas palavras:

– Cale a boca!

– Cale a boca!

Ainda assim, a ave estava determinada a salvar Peter se pudesse, e com um último esforço empurrou o ninho até que ele esbarrasse nas pedras. Então ela levantou voo, abandonando os ovos, para deixar sua intenção bem clara.

E aí finalmente Peter compreendeu, apanhou o ninho e fez um aceno de gratidão para a ave enquanto ela batia asas acima dele. Mas ela não ficou pairando no céu para ouvir os agradecimentos do menino, nem para observar Peter entrar no ninho: era para ver o que ele faria com os seus ovos.

Eram dois ovos brancos e bem grandes, e Peter segurou um de cada vez em sua mão, pensando no que fazer. A ave cobriu o rosto com as asas para não presenciar o fim dos seus ovos; mas não conseguiu deixar de espiar pelo meio das penas.

Não me lembro se já contei que havia um toco de madeira enfiado na pedra por algum bucaneiro do passado para marcar o local onde enterrou um tesouro. As crianças tinham descoberto a arca cheia de joias, e quando sentiam vontade de fazer alguma boa maluquice jogavam para cima cintilantes moedas de ouro, diamantes, pérolas e dobrões de prata na direção das gaivotas, que mergulhavam atrás deles como se fossem comida e depois saíam voando para longe, reclamando daquela peça que os meninos lhes pregaram. O toco de pau ainda estava no mesmo lugar, e nele Barracuda tinha pendurado o seu chapéu, feito de um tecido de lona à prova d'água e que tinha uma aba bem larga. Peter pôs os ovos dentro desse chapéu, que soltou boiando na lagoa. Flutuava que era uma beleza.

Na mesma hora a Ave do Nunca entendeu o que ele planejava, e gritou que ele era um menino maravilhoso. Infelizmente, Peter deu uma de medo, concordando com ela. Em seguida entrou no ninho, tirou sua camisa e a posicionou como se fosse uma vela. Na mesma hora a ave desceu sobre o

chapéu batendo as asas, e tornou a se instalar para chocar os ovos. Saiu boiando numa direção, e Peter foi levado na direção oposta, todos os dois bem satisfeitos.

Claro que quando Peter chegou à margem, ele puxou sua embarcação para um local seco onde a ave pudesse encontrá-la com facilidade; mas o chapéu fez tamanho sucesso que ela abandonou completamente o ninho. O chapéu ficou navegando de um lado para o outro até acabar esfrangalhado, e muitas vezes Barracuda vinha até a beira da lagoa e, com grande pesar, ficava vendo a ave chocando os ovos no seu chapéu. Como ela não vai mais aparecer na história, só vale a pena dizer aqui que, hoje, todas as Aves do Nunca constroem o ninho na forma daquele chapéu, com uma aba larga onde os filhotes saem para tomar ar fresco.

Foi grande a alegria quando Peter chegou à casa debaixo da terra, quase na mesma hora que Wendy, que tinha sido carregada pela pipa para cá e para lá. Todos os meninos tinham suas aventuras para contar, mas talvez a maior de todas fosse terem passado muito da hora de dormir. E com isso ficaram tão animados que fizeram muitas coisas extraordinárias para permanecer acordados por ainda mais tempo, como até pedir curativos. Mas Wendy, apesar de muito feliz por ver todos sãos e salvos de volta em casa, ficou escandalizada quando viu como era tarde e gritou, num tom que só podia ser obedecido:

– Todo mundo para a cama!

No dia seguinte, porém, ela foi muito carinhosa com todos os meninos, e fez curativos em cada um. E todos brincaram, até a hora de dormir, mancando de um lado para o outro ou apoiando um dos braços numa tipoia.

UM
ANILAR
FELIZ

10

Um resultado importante da batalha da lagoa foi que os peles-vermelhas acabaram amigos dos meninos. Peter tinha salvo Lírio Selvagem de um destino terrível, e agora não havia nada que ela e os seus guerreiros não aceitassem fazer por ele. Passavam a noite inteira acorados na terra que ficava acima das cabeças dos meninos, vigiando a casa subterrânea e esperando o grande ataque dos piratas que, obviamente, não podia ser adiado por muito mais tempo. Mesmo durante o dia eles ficavam por lá, fumando o cachimbo da paz e dando até a impressão de que esperavam que alguma coisa fosse oferecida para comer.

Chamavam Peter de Grande Pai Branco, prostrando-se diante dele; e ele adorava a cerimônia, que por isso mesmo não lhe fazia muito bem.

– O Grande Pai Branco – dizia ele aos peles-vermelhas com um tom de grão-senhor, enquanto eles rastejavam aos seus pés – fica feliz de ver os guerreiros protegendo sua tenda dos piratas.

– Mim Lírio Selvagem – respondia a linda criatura. – Peter Pan salva Lírio, Lírio amiga dele até fim da vida. Mim não deixa pirata atacar.

Ela era bonita demais para se sujeitar a esse papel, mas Peter achava que merecia, e respondia sempre falando de cima para baixo.

– Muito bem. Peter Pan falou.

Sempre que ele dizia “Peter Pan falou”, esperava que todo mundo parasse de falar e aceitasse o fim da conversa com a maior humildade. Mas os peles-vermelhas não eram tão respeitosos assim com os outros meninos, e os tratavam como se fossem simplesmente outros guerreiros da tribo. Para eles, só cumprimentos comuns; e o que aborrecia os meninos era que Peter dava a impressão de achar aquilo muito justo.

Por dentro Wendy concordava um pouco com eles, mas era uma dona de casa leal, e não iria admitir queixas contra o pai de todos.

– Seu pai é quem sabe – ela respondia sempre, independente do que pensava. Em sua opinião, aliás, ela não devia ser tratada pelos peles-vermelhas como uma índia da tribo.

Chegamos agora à noite que ficaria conhecida por eles como a Noite das Noites, por causa das aventuras acontecidas e de tudo o que ocorreria depois. Durante todo o dia, como se ele próprio tivesse passado seu tempo acumulando forças em silêncio, quase nada ocorreu, e agora os peles-vermelhas, enrolados nos seus cobertores, estavam a postos junto às entradas da casa, enquanto, debaixo da terra, as crianças jantavam. Todas menos Peter, que tinha saído para saber que horas eram. A maneira de saber o horário certo na ilha era encontrar o crocodilo e ficar esperando perto dele até o relógio dar as horas.

A refeição daquela noite, por acaso, era um chá de faz de conta, e todos os

moradores da casa estavam reunidos em volta da tábua, com fome e com a boca cheia d'água. Na verdade, com toda a conversa e as queixas dos meninos, a barulheira, como disse Wendy, era francamente ensurdecedora. Claro que ela não se incomodava com o barulho, mas mesmo assim não deixava que os meninos agarrassem as coisas na mesa de qualquer jeito, desculpando-se depois com o pretexto de que Assobio tinha esbarrado no braço deles na hora de se servirem. A regra geral era que não podiam bater de volta durante a refeição, consultando sempre Wendy sobre a questão em disputa: bastava o menino envolvido levantar o braço direito com modos, e dizer “Quero me queixar de Fulano”. Entretanto, o que acontecia geralmente era que todos esqueciam do combinado, ou então começavam a exagerar.

– Silêncio! – gritou Wendy, quando pela vigésima vez teve de dizer que não podiam falar todos ao mesmo tempo. – A sua xícara está vazia, querido Levemente?

– Ainda não, mamãe – respondia Levemente, depois de olhar para uma caneca imaginária.

– Ele ainda nem começou a tomar o leite – interrompeu Bicudo.

O que era denunciar outro menino, e Levemente-Estragado aproveitou a oportunidade.

– Quero me queixar do Bicudo! – exclamou na mesma hora.

Mas John tinha levantado a mão primeiro.

– O que foi, John?

– Posso me sentar na cadeira de Peter, já que ele saiu?

– Sentar na cadeira do seu pai, John! – Wendy ficou escandalizada. – Claro que não!

– Ele não é meu pai de verdade – respondeu John. – Nem mesmo sabia como é que o pai da gente faz, antes que eu explicasse.

O que era uma revolta.

– Queremos nos queixar de John – disseram os Gêmeos.

Assobio levantou a mão. Era o mais humilde de todos; na verdade, era o único humilde. Por isso, Wendy sempre o tratava com gentileza.

– Imagino – disse Assobio sem muita confiança – que não posso ser o pai.

– Não, Assobio.

Mas depois que Assobio começava, o que nem sempre acontecia, ele costumava teimar em continuar.

– Já que eu não posso ser o pai – disse ele, contrariado – acho que Michael não vai me deixar ser o bebê...

– Não – respondeu Michael, já instalado no bercinho.

– E já que eu não posso ser o bebê – continuou Assobio, cada vez mais

insistente – será que eu podia ser um dos Gêmeos?

– De maneira nenhuma – responderam os Gêmeos. – Ser irmão gêmeo é muito difícil.

– E já que eu não posso ser nada importante – prosseguiu Assobio – algum de vocês quer ver o truque que eu aprendi?

– Não! – responderam todos.

E só então, finalmente, ele desistiu.

– A verdade é que eu não tinha mesmo muita esperança – confessou ele.

E as queixas começaram para todo lado.

– Levemente está tossindo na mesa.

– Os Gêmeos estão jogando maçãs um no outro.

– Crespo está comendo batata-doce e pão ao mesmo tempo.

– Bicudo está falando com a boca cheia.

– Quero me queixar dos Gêmeos.

– Quero me queixar de Crespo.

– Quero me queixar de Bicudo.

– Ora, ora, ora! – dizia Wendy. – Às vezes as crianças dão bem mais trabalho que alegrias.

Mandou que todos se levantassem da mesa e sentou-se com a cesta de costura: vários pares de meias e todas as calças que, como sempre, estavam com furos no joelho.

– Wendy – reclamou Michael –, estou grande demais para dormir num bercinho.

– Preciso de alguém num berço – disse ela, quase com raiva – e você é o menor daqui. Um berço é uma coisa que dá tanta paz a uma casa...

Enquanto ela costurava, os meninos brincavam à sua volta; um grupo tão feliz de rostos alegres e pernas dançantes, banhado à luz romântica da lareira. A cena tinha se tornado muito familiar na casa debaixo da terra, mas esta é a última vez que vamos vê-la.

Ouviu-se um passo acima da casa, e Wendy, podem ter certeza, foi a primeira a reconhecer.

– Crianças, estou ouvindo os passos do seu pai. Ele vai querer que vocês estejam esperando por ele na porta.

Acima da terra, os peles-vermelhas se curvaram diante de Peter.

– Fiquem de olhos abertos, meus guerreiros. Peter Pan falou.

E então, como tantas vezes antes, os meninos, alegres, foram recebê-lo ao pé da sua árvore. Como tantas vezes antes, mas nunca mais depois.

Ele tinha trazido nozes e castanhas para os meninos, além da hora certa para

Wendy.

– Peter, assim você vai deixar esses meninos mal acostumados – ralhou

Wendy.

– Está bem, minha velha – disse Peter, pendurando a arma.

– Fui eu que contei a ele que todos os pais chamam as mães de “minha velha” – sussurrou Michael para Crespo.

– Quero me queixar de Michael – disse Crespo na mesma hora.

O primeiro Gêmeo se aproximou de Peter.

– Papai, quero dançar.

– Pode dançar, meu rapaz – disse Peter, que estava de muito bom humor.

– Mas queremos que você dance também.

Peter era realmente o melhor dançarino de todos, mas fingiu que ficava chocado.

– Eu? Meu velho esqueleto vai chacoalhar todo...

– E mamãe também.

– O quê? – gritou Wendy. – A mãe de uma família tão grande, dançando?

– Mas é noite de sábado – insinuou Levemente.

E era realmente noite de sábado – pelo menos podia ser, porque fazia muito tempo que não sabiam qual era o dia da semana. Mas sempre que queriam fazer alguma coisa diferente diziam que era noite de sábado, e então faziam.

– É bem verdade que é noite de sábado, Peter – disse Wendy, cedendo.

– Um casal de respeito como nós, Wendy...

– Mas é só aqui, com a nossa família.

– Verdade, verdade.

Então resolveram que podiam dançar, mas só depois de todo mundo vestir o pijama.

– Ah, minha velha – disse Peter só para Wendy, aquecendo-se perto do fogo e olhando para ela enquanto cerzia o calcanhar de uma meia –, nada é melhor do que passar a noite só com você, depois da trabalhadeira do dia, descansando junto do fogo com os pequenos por perto.

– É bom mesmo, Peter – concordou Wendy, que não podia ter gostado mais daquelas palavras. – Peter, acho o nariz de Crespo igualzinho ao seu.

– E Michael é a sua cara.

Ela se aproximou dele e pôs a mão no seu ombro.

– Peter, querido – disse ela –, com uma família grande assim, claro, já não sou mais bonita como antes, mas você não quer que eu mude, ou quer?

– Não, Wendy.

E ele realmente não queria que nada mudasse, mas olhou para ela com um ar

meio incomodado; sabem como? Piscando, como se não soubesse direito se estava dormindo ou acordado.

– Peter, o que foi?

– Só estava pensando – disse ele, um pouco alarmado. – É só de faz de conta, não é, que eu sou pai deles?

– Oh, claro – disse Wendy muito empertigada.

– Sabe – disse ele, em tom de desculpas –, eu ia me sentir tão velho se fosse pai deles de verdade.

– Mas eles são nossos filhos, Peter, seus e meus.

– Mas não de verdade, não é, Wendy? – perguntou ele ansioso.

– Se você não quiser, não – respondeu ela.

E ouviu-se claramente o suspiro de alívio do menino.

– Peter – perguntou Wendy, tentando falar com a voz firme –, o que você sente por mim, exatamente?

– O carinho de um filho muito fiel, Wendy.

– Foi o que eu achei – respondeu ela, e foi sentar-se sozinha na outra ponta da sala.

– Você é tão diferente – disse ele, francamente intrigado – e Lírio Selvagem é do mesmo jeito. Ela está sempre querendo ser alguma coisa minha, mas diz que não é minha mãe.

– Não, na verdade não é – respondeu Wendy exagerando um pouco no tom. Agora ficamos sabendo por que ela tinha tanta má vontade com os peles-vermelhas.

– Então o que é?

– Uma dama não pode dizer.

– Ah, deixe estar – disse Peter, um pouco irritado. – Talvez Sininho me conte.

– Ah, sim, Sininho pode contar – respondeu Wendy ironicamente. – Coitada, é uma criaturinha tão abandonada!

E aqui Sininho, que estava no seu quartinho arrumado ouvindo a conversa dos dois, tilintou algum nome feio.

– Ela disse que adora ser uma criaturinha abandonada – traduziu Peter.

E teve uma ideia repentina:

– Quem sabe Sininho quer ser a minha mãe?

– Seu burro idiota! – gritou Sininho furiosa.

Tinha dito aquilo tantas vezes que Wendy não precisava mais de tradução.

– E eu quase concordo com ela – comentou Wendy secamente. Engraçado Wendy falar com segura. Mas ela estava muito cansada, e não sabia direito o que

iria acontecer antes do fim daquela noite. Se soubesse, não ficaria tão nervosa.

Nenhum deles sabia. E talvez fosse melhor mesmo não saber. Graças a essa ignorância, tiveram mais uma hora de alegria; e como iria ser a última hora que passavam na ilha, vamos ficar contentes por ter contido sessenta minutos felizes. Cantaram e dançaram de pijama. E a música que cantavam era deliciosa e irresistível, e nela eles fingiam medo das próprias sombras. Mal sabiam que dali a pouco as sombras se fechariam em torno deles, em trevas que os deixariam encolhidos de pavor. Mas a dança era tão alegre e barulhenta, e tão animada a maneira como empurravam uns aos outros, pulando na cama e para fora dela! Era mais uma guerra de travesseiros que uma dança, e quando eles pararam os travesseiros fizeram questão de mais uma contradança, como pares que sabem que nunca mais vão se encontrar. E as histórias que inventavam uns para os outros, antes da hora da última história do dia, sempre contada por Wendy! Até Levemente-Estragado tentou contar uma história naquela noite, mas o começo era tão incrivelmente monótono que até ele ficou chateado, e disse em tom triste:

– É, esse começo está mesmo muito chato. Vamos fazer de conta que já foi o fim.

E então finalmente todos se deitaram na cama para ouvir a história de Wendy, a história de que mais gostavam entre todas – uma história que Peter, aliás, detestava. Geralmente, quando ela começava a contar essa história, ele dava um jeito de sair da sala, ou então cobria os ouvidos com as mãos. E pode ser que, se ele tivesse feito uma dessas coisas naquela noite, ainda hoje todos eles estivessem na ilha. Mas naquela noite Peter ficou sentado no seu banco; e logo iremos ver o que aconteceu.

A HISTÓRIA DE WENDY

11

– Escutem, então – disse Wendy, sentando-se para contar a sua história, com Michael a seus pés e os sete meninos deitados na cama. – Era uma vez um cavalheiro...

– Eu preferia que fosse uma dama – disse Crespo.

– E eu preferia que fosse um rato branco – disse Bicudo.

– Silêncio – ralhou a mãe deles. – E uma dama também, e...

– Mãe – interrompeu o primeiro Gêmeo – quer dizer que a dama também estava na história, não é? Ela não morria, não é?

– Claro que não.

– Ainda bem que ela não morria – disse Assobio. – E você, John, também acha bom?

– Claro que sim.

– E você, Bicudo?

– Bastante.

– E vocês, Gêmeos?

– Sem a menor dúvida.

– Santa paciência – suspirou Wendy.

– Vamos fazer um pouco menos de barulho – ordenou Peter, determinado a dar uma boa oportunidade a Wendy, por mais que aquela história, na sua opinião, fosse uma bobagem.

– O nome do cavalheiro – continuou Wendy – era sr. Darling, e o nome da dama, sra. Darling.

– Eu conheci esses dois – disse John, só para amolar os outros.

– E acho que eu também conheci – disse Michael, meio que duvidando.

– Eles eram casados, sabiam? – explicou Wendy. – E o que vocês acham que eles tinham?

– Vários ratinhos brancos! – exclamou Bicudo, inspirado.

– Não.

– Muito difícil de adivinhar – disse Assobio, que conhecia a história de cor.

– Quietos, Assobio. Eles tinham três descendentes.

– O que é descendente?

– Ora, você é um descendente, Gêmeo.

– Ouviu bem, John? Eu sou um descendente!

– Descendentes são filhos – explicou John.

– Santa paciência – suspirou Wendy. – Bom, esses três descendentes tinham uma governanta chamada Nana; mas o sr. Darling ficou zangado com ela e

prende Nana com uma corrente no quintal; e aí as crianças saíram voando.

– Essa história é ótima – interrompeu Bicudo.

– Saíram voando – continuou Wendy – até a Terra do Nunca, onde moram os meninos perdidos.

– Sabia que era isso! – interrompeu Crespo, muito animado. – Não sei como, mas sabia que era isso que acontecia.

– Wendy ... – perguntou Assobio. – Você sabe se algum dos meninos se chamava Assobio?

– Sim.

– Estou numa história! Viva, estou numa história, Bicudo!

– Fique quieto. Agora, quero que vocês pensem nos sentimentos dos infelizes pais quando viram todos os seus filhos voando para longe.

– Oh! – exclamaram todos, embora os sentimentos dos infelizes pais não lhes passassem nem de longe pela cabeça.

– Pensem só nas camas vazias!

– Oh!

– Que coisa mais triste! – disse o primeiro Gêmeo alegremente.

– Não vejo como essa história pode acabar bem – disse o segundo Gêmeo. – E você, Bicudo?

– Estou até tremendo.

– Se vocês soubessem como é grande um amor de mãe – disse Wendy, em tom triunfal – não teriam medo nenhum.

E agora chegava a parte que Peter mais odiava.

– Eu gosto do amor de mãe – disse Assobio, dando com o travesseiro em Bicudo. – E você, gosta do amor de mãe, Bicudo?

– Até demais – respondeu Bicudo, devolvendo o golpe.

– O principal – disse Wendy em tom de explicação – é que a nossa heroína sabia que a mãe dela sempre deixaria a janela aberta para as crianças poderem voltar. E assim elas passaram anos fora, se divertindo muito.

– E um dia elas voltaram?

– Agora – respondeu Wendy, preparando-se para a parte que exigia um esforço maior – vamos dar uma espiada no futuro.

E todos os meninos torceram o corpo do jeito que fica mais fácil espiar o futuro.

– Vários anos se passaram. E quem é essa dama de idade incerta que surge na entrada da Estação de Londres?

– Oh, Wendy, quem é? – gritou Bicudo, tão curioso como se não soubesse a resposta.

– Será que... sim... não... será que não é... a bela Wendy?

– Oh!

– E quem são as duas figuras nobres e fortes junto dela, agora crescidos e homens feitos? Podem ser John e Michael? São eles, sim!

– Oh!

– “Estão vendo, queridos irmãos?”, diz Wendy, apontando para cima, “a janela ainda está aberta. Ah, agora vamos receber a recompensa por nossa fé sublime no amor da nossa mãe”. E os três voavam e entravam pela janela, indo encontrar a mãe e o pai, e nem sei descrever a felicidade da cena, que deixaremos debaixo de um véu.

E este era o fim da história, de que os meninos gostavam tanto quanto da própria bela narradora. Tudo exatamente como devia ser. Nós batemos asas para o mundo, pessoas sem coração como todas as crianças – mas é tão interessante, não é mesmo? Aí temos um tempo só para nós e depois, quando voltamos a precisar de atenção especial, retornamos nobremente à procura dela, na certeza de que não seremos recebidos com pancadas, e sim com abraços.

E tão grande era a fé dos meninos no amor das mães que achavam que podiam continuar mais algum tempo com um comportamento insensível.

Mas um deles sabia que não; e quando Wendy acabou, ele soltou um gemido profundo.

– O que foi, Peter? – perguntou a menina, correndo para ele, com medo de que estivesse passando mal. Apalhou carinhosamente seu peito. – Onde está doendo, Peter?

– Não é esse tipo de dor – respondeu Peter, em tom sombrio.

– Então de que tipo é?

– Wendy, está errado o que você diz a respeito das mães.

Todos se reuniram assustados à volta de Peter, tão alarmante era a sua agitação. E com toda a franqueza, ele contou a todos o que até então nunca tinha revelado.

– Muito tempo atrás – começou ele – eu achava, como vocês, que a minha mãe ia sempre deixar a janela aberta para mim; então fiquei longe por muitas e muitas luas, antes de um dia voltar voando. Mas a janela estava trancada, porque a minha mãe tinha se esquecido totalmente de mim, e um outro menininho já dormia na minha cama.

Não sei direito se era verdade, mas Peter achava que sim; e os outros ficaram preocupados.

– Tem certeza que todas as mães são assim?

– Tenho.

Quer dizer então que a verdade sobre as mães era aquela. Que monstros!

Ainda assim, melhor pensar duas vezes; e ninguém entende tão depressa como uma criança que chegou a hora de mudar de ideia.

– Wendy, vamos para casa! – gritaram John e Michael ao mesmo tempo.

– Vamos – respondeu ela, abraçando os dois.

– Mas logo hoje à noite? – perguntaram os meninos perdidos, meio desarvorados. A ideia deles, no fundo do que achavam ser o coração, é que qualquer pessoa pode viver perfeitamente bem sem mãe – só as mães acham que não.

– Agora mesmo – respondeu Wendy, decidida, porque uma coisa horrível tinha passado pela sua cabeça: “Pode ser que a mamãe esteja achando que nós três morreremos”.

Esse medo fez com que Wendy nem levasse em conta os sentimentos de Peter, ainda assim bem fáceis de adivinhar, quando disse a ele secamente:

– Peter, você toma as devidas providências?

– Se você quiser – respondeu ele, num tom frio, como se ela só tivesse pedido que ele lhe passasse as nozes.

Nem para dizer que iria sentir saudade dele! Se Wendy não se incomodava de ir embora, ele ia lhe mostrar uma coisa: também não dava a mínima.

Mas claro que ligava, e muito. E ficou com tanta raiva dos adultos – que, como sempre, iam estragar tudo – que assim que entrou na sua árvore respirou bem depressa de propósito, umas cinco inspirações e expirações por segundo. E fez isso porque, na Terra do Nunca, todo mundo acredita que morre um adulto no mundo cada vez que você respira; e Peter, por vingança, estava matando o máximo que podia no mínimo de tempo.

Depois de dar as instruções necessárias aos peles-vermelhas, ele voltou para casa, onde uma coisa horrível tinha começado a acontecer na sua ausência. Tomados pelo pânico de perderem Wendy, os meninos perdidos avançavam para ela com expressões de ameaça.

– Agora vai ser pior do que era antes que ela chegasse! – gritavam eles.

– Não vamos deixar ela ir embora!

– Vamos guardar Wendy como nossa prisioneira!

– Isso mesmo, uma corrente nos pés dela!

Naquele perigo, ela soube, por intuição, a quem recorrer.

– Assobio, me ajude! – exclamou ela. – Estou pedindo para você.

Não é estranho? Apelava logo para Assobio, o mais bobo de todos.

Mas dessa vez Assobio respondeu em grande estilo. Deixou de lado seu jeito bobo e falou, num tom muito digno:

– Sou só o Assobio – disse ele – e ninguém aqui me dá muita importância. Mas posso machucar seriamente o primeiro que não tratar Wendy com um comportamento de lorde inglês.

Puxou a adaga, e em nenhum outro momento o sol da sua vida teve um brilho tão intenso. Os outros meninos ficaram inseguros e não fizeram nada. E então Peter voltou, e puderam ver na mesma hora que ele não daria nenhum apoio àquela ideia. Não era do feitio dele obrigar garota nenhuma a ficar contra a vontade na Terra do Nunca.

– Wendy – disse ele, andando de um lado para o outro – pedi aos peles-vermelhas que guiassem vocês na travessia da floresta, já que voar deixa você tão cansada.

– Obrigada, Peter.

– E depois – continuou ele, na voz tranquila e seca de quem costuma ser obedecido – Sininho conduz vocês na travessia do mar. Vá acordar Sininho, Bicudo.

Bicudo precisou bater duas vezes antes de a fadinha responder, mesmo que na verdade estivesse o tempo todo sentada na cama, acompanhando com atenção os acontecimentos.

– Quem é você? Que atrevimento é esse? Vá embora! – respondeu ela.

– Você precisa levantar, Sino – avisou Bicudo – e sair com Wendy numa viagem.

Claro que Sininho tinha ficado muito feliz ao saber que Wendy ia embora; mas estava decidida a não servir de guia naquela jornada, o que disse, só que usando palavras mais grosseiras. Depois, fingiu que tinha voltado a dormir.

– Ela disse que não vai – exclamou Bicudo, embasbacado com aquela insubordinação. E Peter caminhou pisando duro na direção do quarto da fadinha.

– Sino – avisou ele –, se você não se levantar e se vestir agora mesmo eu vou abrir essas cortinas, e aí todo mundo vai ver você de camisola!

O que fez a fadinha pular da cama imediatamente, perguntando:

– Quem disse que eu não ia me levantar?

Enquanto isso, os meninos todos olhavam com expressões muito perdidas para Wendy, agora equipada para a viagem ao lado de John e de Michael. A essa altura estavam muito abatidos, não simplesmente pela perda da menina, mas também porque sentiam que ela seguia ao encontro de uma coisa boa para a qual eles não tinham sido convidados. E qualquer novidade, como sempre, era muito atraente para todos.

Achando que os meninos estivessem tomados por sentimentos mais nobres, Wendy se derreteu toda.

– Meus queridos – disse ela –, se vocês todos quiserem vir, estou quase certa de

que consigo convencer meu pai e minha mãe a adotarem vocês.

O convite, na verdade, era dirigido especialmente a Peter; mas cada um dos meninos só estava pensando em si mesmo, e na mesma hora todos pularam de alegria.

– Mas não vão achar que é menino demais? – perguntou Bicudo no meio de um pulo.

– Ah, não – respondeu Wendy, que tinha um raciocínio muito rápido. – Basta arrumar mais umas camas na sala de visitas; e elas podem ser escondidas por biombo nas primeiras quintas-feiras do mês.^[3]

– Peter, podemos ir? – imploraram todos.

Tinham certeza de que, se eles fossem, ele também iria, mas na verdade nem ligavam tanto assim. Afinal, as crianças estão sempre prontas, quando uma novidade se oferece, a abandonar as pessoas de que mais gostam.

– Está bem – respondeu Peter com um sorriso amargo; e na mesma hora foram todos correndo pegar as suas coisas.

– E agora, Peter – disse Wendy, achando que tinha dado um jeito em tudo – vou lhe dar o seu remédio antes de irmos.

Ela adorava dar remédio aos meninos, e tudo indica que exagerava na dose. Claro que era só água, tirada de uma cabaça, e ela sempre sacudia bem o recipiente e depois contava as gotas com todo o cuidado, o que sempre lhes conferia uma certa qualidade medicinal. Naquela ocasião, porém, não chegou a dar o remédio a Peter, porque assim que acabou de preparar sua dose viu no rosto dele uma expressão que a deixou de coração partido.

– Pegue as suas coisas, Peter – pediu ela, tremendo.

– Não – Peter respondeu, fingindo indiferença. – Não vou com vocês, Wendy.

– Venha, Peter.

– Não.

Para demonstrar que a partida dela não lhe causava nenhum efeito, Peter saiu saltitando de um lado para o outro da casa, enquanto tocava alegremente a sua flauta. E para tudo ela precisava correr atrás dele, o que não deixava de ser humilhante.

– Procurar a sua mãe – argumentou ela.

Mas, se Peter ainda tinha mãe, não sentia mais nenhuma falta dela. Podia passar perfeitamente sem mãe. Já tinha pensado muito no assunto, de que só via o lado negativo.

– Não, não – disse ele a Wendy em tom decidido. – Talvez ela diga que eu cresci. Só quero continuar menino para sempre, sem parar de me divertir.

– Mas, Peter...

– Não.

Então ela precisou contar aos outros.

– Peter não vem com a gente.

Peter não ia? Todos olharam para ele com o rosto vazio e com as trouxas no ombro, amarradas numa vara. A primeira coisa que pensaram foi que, se Peter não ia, devia ter mudado de ideia, e não deixaria que eles fossem também.

Mas Peter era orgulhoso demais para isso.

– Se vocês encontrarem as suas mães – disse ele, em tom amargo – espero que gostem delas.

O cinismo daquela afirmação produziu uma sensação geral de desconforto, e a maioria dos meninos começou a dar a impressão de ter ficado em dúvida. Afinal de contas, dizia a expressão no rosto deles, não seria maluquice essa história de voltar?

– Pronto, e agora – continuou Peter – sem muita história, e sem choro. Adeus, Wendy – e estendeu a mão para ela com um ar bem-humorado, como se já fosse mesmo a hora de todos partirem porque ele tinha mais o que fazer.

E Wendy precisou apertar a mão dele, pois nada indicava que ele pudesse preferir um dedal.

– E você vai se lembrar de trocar as roupas de baixo, Peter? – perguntou ela, bem perto dele. Ela sempre fazia questão de lembrar que todos precisavam trocar a roupa de baixo.

– Vou.

– E vai tomar o seu remédio?

– Vou.

Então, parece, era só isso: e seguiu-se um silêncio desconfortável. Mas Peter não era de chorar na frente dos outros.

– Está pronta, Sininho? – perguntou ele.

– Sim, senhor.

– Então vá na frente.

Sino subiu pela árvore mais próxima. Mas ninguém seguiu o seu exemplo, pois foi nesse exato momento que os piratas lançaram um ataque terrível contra os peles-vermelhas. Acima da cabeça deles, onde antes tudo estava tão tranquilo, o ar era cortado por berros e pelo tinido de espada contra espada. Debaixo da terra, o silêncio era profundo. Bocas se abriram e ficaram abertas. Wendy caiu de joelhos, mas seus braços estavam estendidos para Peter. Os braços de todos estavam estendidos para ele, como que empurrados pelo vento naquela direção; todos lhe pediam em silêncio que não os abandonasse. Quanto a Peter, tomou a espada, a mesma com que achava ter matado o pirata Barbacoa, e o chamado da batalha brilhava nos seus olhos.

RAPTO DAS CRIANÇAS

12

O ataque dos piratas foi uma surpresa completa: prova segura de que o Gancho, um malfeitor sem escrúpulos, tinha agido de maneira desleal. Pois surpreender uma tribo de peles-vermelhas numa luta limpa está totalmente fora do alcance de qualquer homem branco.

De acordo com todas as leis não escritas da guerra com os índios, são sempre os peles-vermelhas que atacam e, com a astúcia que é a marca do seu povo, sempre pouco antes do amanhecer, hora em que sabem que a coragem dos brancos costuma estar no ponto mais baixo. Os brancos, enquanto isso, sempre improvisam uma barricada no lugar mais alto de um terreno ondulado, o mais perto possível de um riacho: acampar longe da água significa a morte. E lá ficam eles à espera do ataque, os mais inexperientes segurando os revólveres do jeito errado enquanto mastigam pedaços de palha, e os veteranos dormindo calmamente até pouco antes do amanhecer. Por toda a noite escura, batedores nativos se esgueiram como serpentes em meio à relva, sem deslocar uma folha de grama sequer. Os arbustos que atravessam se fecham atrás deles tão discretamente quanto a areia em que mergulha uma toupeira. Não se ouve som algum, salvo quando eles produzem suas imitações perfeitas do uivo solitário do coioite. O chamado é respondido por outros guerreiros; alguns deles uivam até melhor que os próprios coioites, incapazes de produzir seu chamado com o mesmo talento. E assim se passam as horas frias da madrugada, e o prolongado suspense é terrível para o cara-pálida que precisa enfrentar aquilo pela primeira vez. Já para os mais experientes, esses uivos de gelar o sangue, e o silêncio ainda mais apavorante, não passam de sinais da passagem das horas.

Gancho sabia perfeitamente que era assim que tudo deve acontecer. Se ele mudou a ordem natural das coisas, não se pode dizer que tenha sido por ignorância.

Os índios, por sua vez, tinham confiança equivocada na honra do inimigo, e todas as ações deles durante a noite contrastavam profundamente com a deslealdade dos adversários. Não deixaram de fazer nada que fosse parte das tradições da tribo. Com todos os sentidos extremamente aguçados, que provocam tanto a admiração quanto o pavor dos civilizados, souberam que os piratas tinham desembarcado na ilha desde o momento em que o primeiro deles pisou num galho seco. Em pouquíssimos segundos, começaram os uivos de coioite. Cada palmo de terreno entre o local onde Gancho desembarcou as suas forças e a casa debaixo das árvores tinha sido percorrido em absoluto silêncio pelos guerreiros, que calçavam seus mocassins com os saltos para a frente. E só encontraram uma encosta com um riacho ao lado, de modo que o Capitão Gancho não teria escolha: era lá que precisaria se instalar e passar a noite, esperando até os momentos logo antes do amanhecer. Depois que tudo ficou assim esclarecido nos

menores detalhes, graças à sua astúcia quase diabólica, os peles-vermelhas se enrolaram nos seus cobertores e, com os modos fleumáticos que são para eles o bem mais valioso de todo guerreiro bem formado, se acocoraram junto às entradas da casa dos meninos, esperando o frio momento de enfrentar a morte branca.

E ali, sonhando apesar de acordados com as refinadas torturas a que submeteriam o Capitão Gancho assim que o dia raiasse, os selvagens confiantes foram atacados pelo traiçoeiro pirata. Pelos relatos posteriores dos poucos nativos que sobreviveram à carnificina, o bucaneiro nem deveria ter parado ao pé da colina, ainda que, à luz cinzenta do amanhecer, não pudesse ter deixado de enxergar a elevação: desde o início, a ideia de esperar pelo ataque dos selvagens não parecia ter ocorrido em momento algum ao seu espírito sutil. E tampouco refreou as suas forças até a noite ter quase chegado ao fim: atacou na mesma hora, sem qualquer tática além de ir com tudo para cima do inimigo. E o que poderiam fazer os infelizes guerreiros peles-vermelhas, mestres em todas as artimanhas da guerra menos essa, senão contra-atacar desmotivados e indefesos, expondo-se fatalmente à visão dos atacantes ao mesmo tempo em que emitiam um patético e derradeiro uivo de coite?

Em torno da audaz Lírio Selvagem aglomerava-se uma dúzia dos seus mais bravos guerreiros, que aos poucos foram vendo que os pérfidos piratas ganhavam terreno. Caiu dos seus olhos o véu que insistia em só lhes mostrar a vitória. Nunca mais torturariam um inimigo bem amarrado a uma estaca. Para eles, agora, o destino eram os felizes campos de caça aonde se chega após a morte, eles sabiam. Ainda assim, lutaram bravamente, cumprindo o dever de descendentes dos seus ancestrais. E mesmo a essa altura conseguiram formar uma falange que teria sido difícil de romper se agissem depressa, mas as tradições do seu povo não deixavam que se comportassem desse modo. Está escrito que o nobre selvagem nunca pode reagir com surpresa diante da presença do branco. Assim, por mais espanto que o surgimento repentino dos piratas possa ter causado, ficaram algum tempo imóveis, sem mexer um músculo: como se o inimigo tivesse aparecido a convite deles. E só então, depois que a tradição já tinha sido cumprida da maneira mais elegante, é que pegaram suas armas e cortaram o ar com seus gritos de guerra – mas já era tarde.

Não é nosso papel descrever o que foi mais um massacre do que uma batalha. E assim pereceu boa parte da flor da tribo dos índios. Nem todos morreram sem a devida contrapartida, pois junto com Lobo Magro tombou Alf Mason, que nunca mais voltaria a assolar os domínios espanhóis; e entre outras baixas dos piratas estavam o temido Ratazana, Jimmy Enxofre e o Alsaciano. Jimmy Enxofre foi colhido pela machadinha do terrível Pantera, que num arranco final abriu caminho em meio aos piratas, seguido por Lírio Selvagem e alguns

remanescentes da tribo.

Até que ponto se pode culpar o Capitão Gancho pela tática usada no ataque só um historiador poderá decidir. Se tivesse esperado no alto da colina até a hora certa, o mais provável é que ele e seus homens fossem massacrados, o que precisamos levar em conta no nosso julgamento. O que talvez devesse ter feito era comunicar a seus adversários que tinha a intenção de adotar um método novo. Por outro lado, essa iniciativa, eliminando o elemento de surpresa, teria anulado todo o valor da estratégia, motivo pelo qual a questão é tão difícil. Mas não há como evitar uma certa admiração relutante diante da sagacidade de manobra tão ousada, e o feroz talento com que foi levada a cabo.

E quais eram os sentimentos do pirata por si mesmo, naquele momento triunfal? Seus comandados mal sabiam, pois enquanto recuperavam o fôlego e limpavam seus sabres mantinham-se a uma distância segura do temido gancho, contemplando com seus olhos implacáveis aquele homem fora do comum. Devia estar exaltado, mas não era o que o seu rosto mostrava; sempre enigmático, solitário e sombrio, ele se mantinha distante de seus comandados, tanto em espírito como fisicamente.

E a tarefa daquela noite ainda não estava encerrada, porque não eram os peles-vermelhas que eles tinham vindo destruir. Os índios eram apenas as abelhas que precisavam afastar com fumaça, para poderem chegar ao mel. Quem ele queria era Pan – Peter, Wendy e todo o bando, mas especialmente Pan.

Peter era um menino pequeno, e nos perguntamos por que esse homem lhe tinha tanto ódio. É bem verdade que ele tinha jogado uma parte do braço de Gancho para o crocodilo; mas nem isso, ou a insegurança cada vez maior que a perseguição do crocodilo produzia na vida do pirata, explica uma sede de vingança tão implacável e maligna. A verdade é que Peter tinha alguma coisa que levava o comandante dos piratas à loucura. Não era a sua coragem, não era sua bela aparência, e nem era...

E não há o que ficar procurando, porque sabemos perfeitamente o que era, e temos de contar aqui. Era a petulância de Peter, aquele seu jeito convencido.

Este comportamento atacava os nervos do Capitão; provocava cócegas no seu gancho de metal, e à noite não lhe dava sossego, como se fosse um inseto. Enquanto Peter vivesse, aquele homem atormentado se sentiria como um leão com a jaula invadida por uma andorinha.

A questão, agora, era descobrir o jeito de descer pelas árvores, ou fazer os homens descerem. Correu os olhos cobiçosos pelos seus capangas, procurando os mais magrinhos. Todos se encolhiam para escapar daquele olhar, pois sabiam que o capitão não hesitaria um instante em enfiar qualquer um à força naqueles buracos, e forçar sua descida com as pancadas de uma estaca.

Enquanto isso, o que acontecia com os meninos? Estávamos com eles quando

ouvimos o primeiro tinido das armas, e os deixamos transformados, por assim dizer, em estátuas de pedra, todos com os braços estendidos para Peter num apelo. E voltamos a eles no momento em que fecham as bocas, e deixam os braços cair junto ao corpo. O pandemônio acima das suas cabeças chegou ao fim quase tão inesperadamente quanto começou, passando como uma rajada de vento forte. Mas eles sabem que, com essa passagem, seu destino mudou por completo.

Que lado terá vencido?

Os piratas, escutando ansiosos no oco de cada árvore, ouviram que cada um dos meninos fazia a mesma pergunta e, infelizmente, também ouviram a resposta de Peter.

– Se os peles-vermelhas tiverem vencido – disse ele – logo vão tocar o grande tambor; é sempre o primeiro sinal de vitória.

Smee tinha achado o tambor, e naquele momento estava sentado em cima dele.

– Pois nunca mais vão ouvir o toque deste tambor – murmurou ele, sem que ninguém escutasse pois, claro, o capitão tinha ordenado silêncio absoluto.

Para seu espanto, viu o Capitão Gancho lhe fazer um sinal para tocar o tambor; e lentamente Smee compreendeu a incrível astúcia maligna daquela ordem. E é provável que nunca aquele homem simples tenha admirado tanto o Capitão Gancho.

Smee bateu duas vezes no instrumento, e depois parou para ouvir.

– O grande tambor! – os facinoras ouviram Peter gritar. – A vitória foi dos índios!

Os meninos, que um triste destino aguardava, responderam com muitos vivas que soaram como música para os corações perversos acima deles, e quase imediatamente se despediram novamente de Peter. Aqueles adeuses deixaram os piratas intrigados, mas todo o resto foi abafado pela satisfação vil que sentiram ao saber que seus inimigos estavam a ponto de subir pelas árvores. Trocaram caretas que passavam por sorrisos, e esfregaram as mãos. Rapidamente e em silêncio, o Capitão Gancho deu suas ordens: um pirata junto de cada árvore, e os restantes formando uma fila, a dois passos uns dos outros.

**QUEM
ACREDITA
EM
FADAS?**

13

Quanto mais depressa nos livrarmos desse horror, melhor. O primeiro a sair da sua árvore foi Crespo. Caiu direto nos braços de Cecco, que o jogou para Smee, que o jogou para Barracuda, que o passou para Bill Imundo, que o passou para Macarrão, e assim ele foi sendo transferido de pirata em pirata até cair aos pés do pirata negro. Todos os meninos foram puxados para fora das suas árvores da mesma forma violenta, e vários deles voavam pelos ares ao mesmo tempo, como fardos de mercadorias passados de mão em mão.

Um tratamento diferente foi dado a Wendy, a última a sair. Com uma cortesia irônica, o Capitão Gancho tirou o chapéu numa reverência e, oferecendo-lhe seu braço, acompanhou a menina até o lugar onde os outros já estavam sendo amarrados e amordaçados. E fez um ar tão educado, tão terrivelmente polido, que Wendy ficou fascinada demais para gritar. Afinal, ela era só uma garota.

Talvez vá estragar toda a continuação dizer que, por um momento, o Capitão Gancho deixou Wendy encantada, o que só revelamos porque esse comportamento dela acabou produzindo estranhas consequências. Se ela, orgulhosa, tivesse largado o braço do pirata (e adoraríamos poder escrever que foi assim), teria sido jogada de mão em mão como os outros, e nesse caso é provável que o Capitão Gancho não estivesse presente na hora em que os meninos estavam sendo amarrados. Se não estivesse lá, não teria descoberto o segredo de Levemente; sem o segredo, não teria como planejar seu sórdido atentado contra a vida de Peter.

Os meninos eram amarrados de modo a não poderem sair voando, bem dobrados, com os joelhos perto das orelhas. Para esta operação, o pirata negro tinha cortado uma corda em nove pedaços iguais. E tudo corria bem até chegar a vez de Levemente-Estragado, quando descobriram que ele era como um desses embrulhos irritantes em que você gasta todo o barbante que tem e, ainda assim, fica sem duas pontas soltas para amarrar o nó. Os piratas, na sua raiva, davam pontapés no menino, da mesma forma como você poderia dar um chute no pacote difícil de embrulhar (se bem que, na verdade, devia chutar era o rolo de barbante). E, por mais estranho que pareça, foi o Capitão Gancho quem mandou parar com aquela violência. Sua boca estava entortada por um sorriso maldoso de triunfo. Enquanto seus homens suavavam, porque toda vez que puxavam a corda de um lado Levemente se soltava pelo outro, a mente privilegiada do Capitão Gancho tinha ido muito além das aparências, à procura não dos efeitos, mas das causas. E aquela sua satisfação mostrava que tinha encontrado o que buscava. Levemente, muito pálido de medo, percebeu que o Capitão Gancho tinha descoberto o seu segredo, que era o seguinte: nenhum menino tão gorducho poderia passar pelo oco de uma árvore, que só daria passagem a um homem de tamanho médio com a ajuda de uma alavanca. O pobre Levemente, agora o

mais infeliz dos meninos, pois tinha medo profundo de Peter, se arrependia muito do que tinha feito. Totalmente viciado em beber água sempre que tinha sede, tinha inchado até ficar bem redondo e, em vez de tentar diminuir a barriga para passar pela árvore, ele, sem os outros saberem, tinha alargado a abertura da sua árvore para poder entrar.

E o Capitão Gancho adivinhou o suficiente dessa história para se convencer que, dessa vez, Peter estava finalmente no papo; mas nenhuma palavra desse plano sinistro que agora se formava nas grutas subterrâneas de sua mente saiu de seus lábios; simplesmente fez um sinal, indicando que os cativos deviam ser levados para o navio, e que ele preferia ficar só.

Como carregar os prisioneiros? Enroscados nas suas cordas, podiam ser rolados ladeira abaixo como barris ou carretéis, mas boa parte do caminho atravessava um charco. Mais uma vez, a mente genial de Gancho superou todas as dificuldades. Indicou que usassem a casinha como meio de transporte. As crianças foram jogadas dentro dela, quatro piratas mais fortes levantaram a casa nos ombros, os outros fizeram uma fila logo atrás e, cantando o terrível coro dos piratas, a estranha procissão saiu pela floresta. Não sei se alguma das crianças chorou; se tiver chorado, o som há de ter sido encoberto pela cantoria dos malfeitores. Mas à medida que a casinha desaparecia na floresta, um corajoso e delgado fio de fumaça continuava a sair da chaminé, como num desafio ao Capitão Gancho.

Gancho viu a fumaça, o que não foi bom para Peter. A visão secou qualquer resto de compaixão que ainda houvesse no peito furioso do pirata.

A primeira coisa que ele fez ao se ver sozinho na noite que caía depressa foi avançar pé ante pé até a árvore de Levemente, e verificar se ele conseguiria passar por ela. Em seguida, gastou muito tempo refletindo, com seu temido chapéu pousado na relva – para que a brisa leve que soprava pudesse refrescar seus cabelos. Por mais sombrios que fossem seus pensamentos, seus olhos azuis tinham a suavidade de uma flor. Atento, ficou tentando escutar algum som das profundezas, mas tudo estava em silêncio, tanto abaixo como acima dele: a casa subterrânea parecia só mais uma toca vazia naquelas paragens. O menino estaria dormindo, ou esperando por ele ao pé da árvore de Levemente, com a adaga na mão?

O único meio de saber era descendo. O Capitão Gancho tirou a capa, que pousou de mansinho no chão, e em seguida, mordendo os lábios até fazer surgir neles um sangue grosso, entrou na árvore. Era um homem de coragem; mas por um momento precisou parar e enxugar a testa, que gotejava como uma vela acesa há tempo demais. Depois, em silêncio, deixou-se cair, rumo ao desconhecido.

Chegou são e salvo ao pé da passagem, e ficou novamente parado, mordendo

os lábios e quase sem fôlego. À medida que seus olhos se acostumavam ao escuro, vários objetos da casa debaixo das árvores foram tomando forma – mas o único que atraía seus olhos cobiçosos, havia tanto procurado e agora finalmente encontrado, era a cama. E nela estava deitado Peter Pan, profundamente adormecido.

Sem ideia da tragédia que se desenrolava acima de sua cabeça, Peter, depois que as outras crianças foram embora, tinha continuado a tocar alegremente sua flauta: sem dúvida uma tentativa bastante esforçada de provar que não ligava a mínima. Em seguida, decidiu que não iria tomar seu remédio, só para deixar Wendy chateada. Depois se deitou na cama, por cima da colcha, para aborrecê-la ainda mais, porque ela sempre cobria todo mundo com a colcha: afinal, nunca se sabe se o tempo não vai esfriar durante a noite. Em seguida ele quase caiu no choro; mas percebeu o quanto Wendy iria ficar indignada se em vez disso ele começasse a rir, e então, muito orgulhoso, caiu na gargalhada – e adormeceu enquanto ainda ria.

Às vezes, mas não muitas, ele tinha sonhos mais incômodos que os dos outros meninos. Precisava de horas para se livrar desses pesadelos, mesmo chorando de fazer dó. E eram sonhos, acho eu, que tinham a ver com o mistério da sua existência. Nessas ocasiões, Wendy sempre tirava Peter da cama, e sentava o menino no colo dela, consolando-o com palavras inventadas na hora. Depois que Peter se acalmava, tornava a pô-lo na cama antes que ele acordasse de todo, para evitar que soubesse da situação de fraqueza por que tinha passado. Mas dessa vez Peter caiu direto num sono sem sonhos. Um dos seus braços pendia para fora da cama, uma perna estava dobrada, e a parte inacabada de seu riso ficou perdida na boca, que permaneceu aberta, mostrando suas pequenas pérolas.

E assim, indefeso, ele foi encontrado pelo Capitão Gancho. O pirata ficou parado, em silêncio, ao pé da árvore que terminava dentro da casa, bem em frente ao seu inimigo. Será que algum sentimento de compaixão passou por seu peito impiedoso? O homem não era totalmente mau; gostava de flores (pelo que me disseram) e de música suave (parece que ele próprio tocava cravo com algum talento); e vamos admitir de uma vez, ficou profundamente comovido com a natureza idílica da cena. Dominado pela melhor parte de si, ele teria hesitado e voltado a subir pela árvore, mas houve uma coisa que não deixou.

E essa coisa foi o ar impertinente de Peter, mesmo no sono. A boca aberta, o braço pendente, o joelho dobrado: tudo isso formava a tal ponto a personificação da impertinência que não conseguimos imaginar uma cena parecida que, em outro momento, apresentasse a olhos tão sensíveis o quanto essa atitude tem de insuportável. E foi isso que endureceu o coração de Gancho. Mesmo que a sua raiva o partisse em mil pedaços, cada um deles iria ignorar qualquer hesitação e pular na mesma hora em cima do garoto adormecido.

Embora a luz de um lampião brilhasse frouxamente perto da cama, o Capitão Gancho permanecia na sombra, e no primeiro passo sorrateiro que deu à frente esbarrou num obstáculo, a porta da árvore de Levemente, que não preenchia toda a abertura do tronco, de modo que o pirata vinha olhando por cima dela. Apalpando a porta à procura do trinco, o pirata descobriu, já furioso, que ele ficava bem lá embaixo, fora de seu alcance. Para seu cérebro perturbado, era como se aquela expressão irritante no rosto e no corpo de Peter estivesse ficando claramente mais intensa, o que fazia o pirata sacudir a porta e tentar arrombá-la com o peso de seu corpo. Será que no fim das contas o inimigo conseguiria fugir dele?

Mas o que seria aquilo? O vermelho dos olhos de Gancho percebeu o frasco de remédio de Peter numa prateleira bem fácil de alcançar. Na mesma hora entendeu o que era, e viu também que o menino adormecido estava em seu poder.

Para nunca ser capturado vivo, o Capitão Gancho sempre levava consigo um veneno terrível, que ele próprio tinha fabricado combinando os pozinhos guardados em todos os anéis ociosos de envenenadores que já tinham caído em suas mãos. Jogou todos numa panela que pôs para ferver, produzindo um líquido amarelo desconhecido pela ciência, provavelmente o veneno mais violento que já existiu no mundo inteiro.

E cinco gotas dessa droga ele pingou na caneca de Peter. Sua mão tremia, mais de triunfo que de vergonha. Enquanto contava as gotas ele evitava encarar o menino que dormia, mas não para que a piedade não atrapalhasse seus planos; simplesmente para não derramar nada. Depois lançou um olhar maldoso e prolongado à sua vítima e, dando meia-volta, voltou a se esgueirar com dificuldade pela passagem da árvore acima. Quando emergiu no alto, parecia o próprio espírito do mal deixando seu covil. Ajustando o chapéu no ângulo mais sinistro, enrolou-se na capa, segurando uma das pontas à frente para esconder-se completamente na noite, em cuja hora mais escura se encontrava, e saiu caminhando por entre as árvores, murmurando coisas estranhas para si mesmo.

Peter continuava a dormir. A luz bruxuleou e acabou se apagando, deixando a casa às escuras; mas o menino não acordou. O crocodilo devia marcar mais ou menos dez horas quando Peter despertou de repente e sentou-se na cama, sem saber o que o tinha acordado. Alguém batia baixinho e com cuidado na porta da sua árvore.

Baixinho e com cuidado, mas em todo aquele silêncio eram pancadas sinistras. Peter estendeu a mão no escuro até sentir o cabo de sua adaga. E então falou:

– Quem está batendo?

Por muito tempo não teve resposta. Depois, mais batidas.

– Quem é?

Nenhuma resposta.

Ficou assustado – mas acontece que Peter adorava sentir medo. Em dois pulos chegou até a porta. Ao contrário da porta de Levemente, a sua ocupava toda a abertura, de maneira que não tinha como ver nada do outro lado, e nem a pessoa que batia podia ver do lado de dentro.

– Só vou abrir se você responder – exclamou Peter. Só então ouviu a voz de sua visitante, e era uma adorável voz de sino.

– Deixe eu entrar, Peter.

Era Sininho, e rapidamente ele destrancou a porta. Ela entrou voando, muito agitada, o rosto muito vermelho e o vestido manchado de lama.

– O que houve?

– Ah, você nunca iria imaginar – disse ela, e deu três chances para ele adivinhar.

– Conte logo! – gritou Peter, e numa única frase arrumada de qualquer jeito, tão comprida como as fitas que os mágicos desenrolam para fora da boca, ela contou toda a história da captura de Wendy e dos meninos.

O coração de Peter deu um salto ao ouvir a narrativa. Wendy amarrada, e levada para o navio pirata! Logo ela, que gostava das coisas bem arrumadinhas!

– Vou salvar Wendy! – exclamou ele, pulando para pegar suas armas. Nisso, pensou em alguma coisa que pudesse fazer e que fosse agradar a menina. Podia, por exemplo, tomar o remédio!

Sua mão pegou a bebida fatal.

– Não! – gritou Sininho, que tinha ouvido o Capitão Gancho resmungando sobre o que havia feito enquanto corria pela floresta.

– Por que não?

– Está envenenado!

– Envenenado? Mas quem poderia ter envenenado o meu remédio?

– O Capitão Gancho!

– Deixe de bobagens! Como é que Gancho iria descer até aqui?

Infelizmente, Sininho não tinha resposta para esta pergunta, porque nem ela sabia do segredo da árvore de Levemente. Ainda assim, as palavras do Capitão Gancho não deixavam nenhuma dúvida. O remédio de Peter estava envenenado.

– Além disso – completou Peter, acreditando mesmo no que dizia – em nenhum momento eu dormi.

E levantou a caneca. Agora, não havia mais tempo para discussão: era hora de tomar uma atitude. Com um de seus movimentos mais rápidos, Sininho se enfiou entre os lábios de Peter e a bebida e tomou o veneno todo, até a última gota.

– Mas Sininho, que história é essa de tomar todo o meu remédio?

Ela não respondeu. Já rodopiava no ar, e começava a cair.

– O que houve com você? – exclamou Peter, com um medo repentino.

– Estava envenenado, Peter – respondeu ela baixinho. – E agora eu vou morrer.

– Ó, Sininho, você tomou o remédio para me salvar?

– Foi.

– Mas por quê, Sininho?

As asas da fadinha mal sustentavam o seu peso, mas em resposta ela pousou no ombro dele e deu uma mordida carinhosa no queixo do menino. Sussurrou no ouvido dele:

– Seu burro idiota! – e depois, indo num voo tremido até o quarto dela, se estendeu na cama.

O rosto de Peter ocupou quase toda a abertura do quartinho da fada quando ele se ajoelhou ao lado dela, desesperado. A cada momento a luz de Sininho ficava mais fraca; e ele sabia que, assim que ela se apagasse, a fada deixaria de existir. Sininho gostou tanto das lágrimas dele que estendeu seu lindo dedinho e deixou que corresse por cima dele.

A voz de Sininho estava tão fraca que, num primeiro momento, ele não conseguia distinguir as suas palavras. E então ele entendeu. Ela dizia que podia ficar boa de novo se as crianças acreditassem em fadas.

Peter abriu os braços, desanimado. Não havia mais nenhuma criança por lá, e era plena noite. Mas depois ele se dirigiu a qualquer criança que pudesse estar sonhando com a Terra do Nunca, e que assim estaria mais perto dele do que você pode imaginar. Meninos e meninas de pijama ou camisola, e indiozinhos pelados dormindo em cestas penduradas nas árvores.

– Vocês acreditam? – perguntou ele.

Sininho sentou-se na cama depressa para descobrir qual seria o seu destino.

Achou que ouvia algumas crianças dizendo que sim, mas não teve certeza completa.

– O que você acha? – perguntou ela a Peter.

E então Peter gritou para as outras crianças:

– Se você acredita, bata palmas! Não deixe a Sininho morrer.

Muitas crianças bateram palmas.

Outras não.

E houve ainda uns monstros que vaiaram.

As palmas pararam de repente, como se muitas e muitas mães tivessem entrado nos quartos de seus filhos para ver o que estaria acontecendo: mas Sininho já estava salva. Primeiro ficou com a voz mais forte; em seguida pulou

da cama, e logo já voava pela casa, mais alegre e atrevida do que nunca. Nem lhe passou pela cabeça agradecer às crianças que disseram que acreditavam em fadas, mas bem que ficou com vontade de pegar alguma das que tinham vaiado.

– E agora, vamos salvar Wendy!

A Lua flutuava num céu muito nublado quando Peter saiu da sua árvore, equipado com as armas e vestindo pouca roupa, pronto para partir em sua perigosa missão. Não era o tipo de noite que ele teria escolhido para um ataque. Resolveu ir voando, não muito alto mas perto do chão, para que nada escapasse aos seus olhos. Mas naquela noite sinistra voar baixo significaria atravessar a copa das árvores com sua sombra, o que poderia perturbar os pássaros ou chamar a atenção de algum inimigo pelo caminho.

Agora se arrependia de ter dado nomes tão estranhos para os pássaros da ilha; por causa desses nomes, eles tinham ficado selvagens, criaturas de trato muito difícil.

Sua única saída era seguir em frente à moda dos peles-vermelhas, o que felizmente ele fazia com perfeição. Mas em que direção, já que não sabia ao certo se as crianças tinham sido levadas para o navio pirata? Uma neve ligeira tinha caído, cobrindo todas as pegadas, e um silêncio mortal tomava conta de toda a ilha, como se por algum tempo a Natureza se calasse diante da carnificina horrenda que tinha acabado de presenciar. Peter tinha ensinado aos meninos parte dos modos da floresta que ele próprio havia aprendido com Lírio Selvagem e Sininho e sabia que, mesmo naquela hora de dificuldade, as crianças não haveriam de esquecer o que aprenderam. Levemente-Estragado, se tivesse uma oportunidade, deixaria sua marca nas árvores, por exemplo. Crespo jogaria sementes no chão, e Wendy deixaria o lenço em algum ponto importante do caminho. Mas para enxergar esses sinais ele precisaria esperar o nascer do Sol, e não queria perder nem mais um minuto. O mundo de cima tinha chamado, mas não lhe oferecia nenhuma ajuda.

O crocodilo passou por ele, e mais nenhuma criatura viva, som nenhum, nenhum movimento. Ainda assim, Peter sabia perfeitamente que a morte súbita podia estar à sua espera na árvore seguinte, ou ser provocada por um ataque pelas costas.

E ele fez um juramento terrível: “Dessa vez, ou Gancho ou eu”.

Agora ele rastejava para a frente como uma cobra; e, mais uma vez de pé, atravessou correndo um trecho banhado de luar: com um dedo nos lábios e a adaga de prontidão. Sentia-se terrivelmente feliz.

NAVIO PIRATA

14

Uma luzinha verde acesa na Baía da Caveira, que fica perto da embocadura do Rio dos Piratas, marcava o local onde o navio de Gancho, o *Hiena dos Mares*, estava ancorado; era um navio horrendo do casco à ponta dos mastros, onde tudo era imundo e muito feio, como um chão de lama coberto de penas pisadas. Era um canibal dos oceanos, e na verdade nem precisava daquela luz de vigia, pois flutuava a salvo de qualquer ataque, defendido só pelo horror que o nome causava.

Jazia envolto no seu manto de trevas, que nenhum som do navio conseguia atravessar para alcançar as margens. Mas poucos ruídos se ouvia, e o único barulho relativamente agradável era o som do mecanismo da máquina de costura de bordo, usada por Smee, sempre esforçado e obediente: era assim a essência do monótono e triste Smee. Nem entendo por que ele era uma figura tão patética, só talvez por ser tão pateticamente inconsciente de como era na realidade. Mas mesmo os homens mais fortes não conseguiam olhar muito tempo para ele sem sentir uma imensa tristeza, e mais de uma vez, nas noites de verão, ele tinha feito brotar a fonte das lágrimas do Capitão Gancho. E disso, como de quase tudo mais, Smee não tinha a menor ideia.

Alguns dos piratas estavam debruçados na amurada, bebendo em meio aos miasmas da noite; outros estavam esparramados entre os barris do convés, participando de jogos de dados e cartas; e os quatro homens exaustos que tinham carregado a casinha estavam escarrapachados no deque, onde mesmo dormindo rolavam de um lado ou para o outro na medida certa para que o gancho do capitão, de passagem, não se cravasse mecanicamente neles.

O Capitão caminhava de um lado para o outro no convés, mergulhado nos seus pensamentos. Era um homem insondável. Vivía a hora do seu maior triunfo. Peter tinha saído para sempre de seu caminho, e todos os outros meninos estavam a bordo do navio, sendo preparados para andar na prancha. Era uma das façanhas mais impressionantes do pirata, desde os dias em que tinha conseguido derrotar o infame Barbacoa; e, sabendo como sabemos a maneira que se comporta um homem cheio de vaidades, será que ficamos mesmo surpresos ao encontrar o pirata indócil, andando de um lado para o outro no convés do navio, inchado de orgulho pelo seu sucesso?

Mesmo o gancho de ferro pendia sem ação, como se soubesse que não fazia parte integral do que o atacante tanto desejava. Isolado assim, qualquer outro homem teria caído ao chão com os olhos bem fechados; mas o cérebro privilegiado do Capitão Gancho continuava funcionando, e ao seu comando o pirata saiu engatinhando pelo convés para o mais longe que podia do som do relógio. Os piratas, cheios de respeito, abriam caminho para a sua passagem, e

foi só quando chegou à amurada que ele disse alguma coisa:

– Me escondam! – pediu com voz rouca.

Os piratas começaram a formar uma parede à sua volta; todos os olhos evitavam ver o que estava subindo a bordo. Ninguém sequer pensava em lutar contra ele. Era o Destino.

Só quando o Capitão Gancho ficou totalmente encoberto a curiosidade desenferrujou as pernas dos meninos, que correram até a amurada do navio para ver o crocodilo subindo. E então tiveram a maior surpresa, naquela Noite de todas as Noites; pois quem estava vindo ajudá-los não era o crocodilo. Era Peter!

Ele lhes fez um sinal dizendo que não emitissem som nenhum que pudesse despertar a desconfiança dos piratas. E continuou fazendo tique-taque.

**"DESSA VEZ,
OU
GANCHO
OU EU"**

15

Pela vida afora, coisas estranhas acontecem a todos nós, e levamos algum tempo para perceber que aconteceram. Por exemplo, podemos descobrir de uma hora para outra que estávamos surdos de um ouvido sem nem saber por quanto tempo; digamos meia hora. Pois a mesma experiência ocorreu com Peter naquela noite. Quando vimos o menino pela última vez, ele atravessava a ilha com um dedo nos lábios e a adaga em punho. Tinha visto o crocodilo passar sem perceber nada de especial naquilo, mas depois de algum tempo descobriu que o bicho não fazia mais tique-taque. Num primeiro momento achou muito esquisito, mas logo concluiu, corretamente, que a corda do relógio devia ter acabado.

Sem desperdiçar seu tempo em pensar nos possíveis sentimentos de uma criatura que perdia de modo abrupto a sua companhia mais próxima e constante, na mesma hora Peter começou a pensar em como poderia usar aquela perda em seu favor. E foi então que decidiu sair ele mesmo tiquetaqueando, para que as feras acreditassem que era o crocodilo e deixassem ele passar sem lhe fazer mal. Peter tiquetaqueava lindamente, mas aquilo teve um resultado que ele não esperava: o crocodilo, quando ouviu o som, também saiu seguindo Peter. Só não sei se na esperança de recuperar o que tinha perdido ou só como amigo, acreditando que ele próprio estava voltando a fazer tique-taque. E nunca hei de saber, porque, como todos os escravos de ideias fixas, o crocodilo era um animal muito burrão.

Peter chegou à margem do lago sem nenhum problema, e seguiu em frente. Suas pernas entraram na água como se nem percebessem que agora estavam num outro elemento. É assim que muitos animais passam da terra para a água, mas nenhum outro ser humano que eu conheça faz isso também. Enquanto ele nadava, só pensava uma coisa: “Dessa vez, ou Gancho ou eu”. Já vinha tiquetaqueando havia tanto tempo que agora já fazia tique-taque sem nem pensar. E se pensasse teria parado, porque subir ao navio com a ajuda do tique-taque, apesar de ser uma ótima ideia, nem tinha passado pela sua cabeça.

Pelo contrário, pensou que tinha subido pelo costado do barco sem fazer barulho nenhum, como um camundongo; e ficou espantado ao ver os piratas encolhidos diante dele protegendo o Capitão Gancho, tão assustado como se ele estivesse ouvindo o crocodilo.

O crocodilo! Assim que Peter se lembrou, escutou o som do tique-taque. Num primeiro momento, achou que viesse do crocodilo, e olhou depressa para trás. Então lembrou que era ele quem vinha fazendo o som, e num instante entendeu toda a situação. “Como eu sou esperto”, pensou na mesma hora, e fez um sinal para os meninos, dizendo que não aplaudissem alto.

Foi nesse momento que o contramestre do navio, Ed Tey nte, subiu do porão e chegou ao convés. E agora, leitor, marque com o seu relógio o tempo da

sequência dos fatos. Peter atacou com uma estocada certeira e profunda. John cobriu a boca do infeliz pirata com as mãos para abafar o gemido dele. E quatro meninos aparam o pirata para não deixar que sua queda fizesse barulho. Peter deu um sinal, e o corpo foi jogado na água. Ouviu-se o som de alguma coisa caindo na água, e depois só o silêncio. Quanto tempo levou?

– Um! (Levemente tinha começado a contar.)

Ao mesmo tempo, Peter, na ponta dos pés, se escondeu na cabine do navio; porque mais de um pirata já tinha juntado coragem para olhar em volta. Agora voltaram a escutar a respiração entrecortada uns dos outros, o que mostrava que o mais terrível dos sons tinha parado.

– Ele foi embora, capitão – disse Smee, limpando os óculos. – Está tudo calmo de novo.

Muito lentamente, Gancho deixou a cabeça aparecer em meio às rendas da gola, escutando com tanta atenção que teria ouvido o menor eco do tique-taque. Nada. Diante da certeza de que o som havia acabado, se levantou com firmeza, ficando totalmente de pé.

– Então chegou a hora de andar na prancha! – gritou ele enfurecido, detestando os meninos mais do que nunca porque agora tinham visto o seu momento de covardia. E começou o canto ameaçador:

*Ho-ho, a prancha é estreita,
E você anda até o final.
Até que ela acaba, você cai na água,
E, lá no fundo, babau!*

Para aterrorizar os prisioneiros ainda mais, mesmo perdendo um pouco a dignidade, ele dançava por uma prancha imaginária, fazendo caretas para as crianças durante a dança. Quando acabou a música, ainda perguntou:

– E que tal umas lambadas antes de andar na prancha?

Os meninos caíram de joelhos.

– Não, não! – gritaram com tanto pavor que fizeram os piratas sorrir.

– Vá pegar o chicote, Imundo – disse o capitão. – Está na cabine.

A cabine! E Peter estava na cabine! Os meninos se entreolharam.

– Sim, senhor – disse Imundo alegremente, e entrou na cabine.

Os meninos o seguiam com os olhos; e mal perceberam que o Capitão Gancho tinha recomeçado a cantar, agora acompanhado pelos outros piratas:

*Ho-ho, a marca das lambadas
Das cordas do chicote.
Quando elas se abrem nas suas costas –*

Mas o último verso nunca vamos ouvir, pois de repente a canção foi interrompida por um berro terrível vindo da cabine. O som ecoou por todo o navio antes de cessar. E em seguida todos ouviram um canto de galo que foi perfeitamente entendido pelos meninos, mas para os piratas era quase mais sinistro do que o berro.

– O que foi isso? – gritou o Capitão Gancho.

– Dois – disse Levemente, em tom solene.

O italiano Cecco hesitou por um instante e em seguida entrou na cabine. E saiu cambaleando, com ar apalermado.

– O que houve com Bill Imundo, seu cão? – sibilou o Capitão Gancho, chegando bem perto dele.

– O que houve é que ele morreu apunhalado – respondeu Cecco, em tom oco.

– Bill Imundo está morto! – exclamaram os piratas espantados.

– Dentro da cabine está uma escuridão de fundo de poço – tentou explicar Cecco, quase sem conseguir falar. – Mas alguma coisa horrível está lá dentro: foi essa coisa que vocês ouviram soltar esse canto de galo.

A felicidade dos meninos, e os olhares baixos dos piratas, foram percebidos ao mesmo tempo pelo Capitão Gancho.

– Cecco – disse ele com sua voz mais fria – volte lá e me traga aqui esse galinho.

Cecco, o mais valente dos valentes, encolheu-se na frente do capitão, gritando:

– Não, não, não!

Mas o Capitão Gancho falava baixinho, na direção da sua garra de metal:

– Você quis dizer que estava indo, Cecco? – perguntou ele num tom suave.

E Cecco foi, depois de abrir os braços em desespero. Não se ouvia mais nada, agora estavam todos prestando atenção. Mais uma vez, um berro de dor e:

– Cocorocó!

Ninguém disse nada, só Levemente:

– Três – continuou ele.

O Capitão Gancho reuniu seus cães com um gesto:

– Por seiscentos bilhões de peixes podres! – trovejou ele. – Quem de vocês me traz esse galinho?

– Vamos esperar Cecco sair da cabine – resmungou Barracuda, e os outros repetiram a mesma coisa.

– Acho que ouvi você dizer que se oferecia como voluntário, Barracuda – disse Gancho, novamente com a voz mais suave.

– Não, por seiscentos trovões! – respondeu Barracuda.

– Meu gancho acha que você disse sim – disse o Capitão, aproximando-se dele.

– E você não acha melhor, Barracuda, agir de acordo com o que o gancho quer?

– Prefiro ser enforcado a entrar ali – teimou Barracuda, e novamente teve o apoio dos outros piratas.

– Ah, é um motim? – perguntou Gancho, na voz mais agradável de todos os tempos. – Chefiado por Barracuda.

– Capitão, piedade! – choramingou Barracuda, que agora tremia da cabeça aos pés.

– Aqui, Barracuda, a minha mão – disse o Capitão Gancho, estendendo a garra de metal.

Barracuda correu os olhos em volta, à procura de alguma ajuda, mas não tinha mais o apoio de ninguém. Enquanto ele recuava Gancho avançava, agora com a brasa vermelha brilhando nos olhos. Com um grito de desespero, o pirata pulou por cima do canhão e se atirou no mar.

– Quatro – disse Levemente.

– E agora – perguntou o Capitão Gancho com toda a cortesia – algum outro dos senhores pensa em continuar com o motim? – Agarrando um lampião, ergueu a garra num gesto de ameaça. – Pois eu mesmo vou lá buscar esse tal galo – disse ele, e entrou correndo na cabine.

“Cinco”. Como Levemente queria dizer esta palavra! Chegou a lamper os lábios para se preparar, mas o Capitão Gancho saiu da cabine, trôpego e sem o lampião.

– Alguma coisa apagou o fogo – disse ele, um pouco assustado.

– Alguma coisa! – ecoou Mullins.

– E o que houve com Cecco? – perguntou Macarrão.

– Tão morto quanto Barracuda – respondeu secamente o Capitão Gancho.

Sua relutância em voltar para a cabine deixou todos os piratas muito mal impressionados, e tornaram a se formar sons de motim. Todos os piratas são supersticiosos, e Chumbo Grosso gritou:

– Dizem que o sinal mais seguro de que um navio está amaldiçoado é quando existe a bordo uma pessoa a mais do que os outros sabem! E nem é uma pessoa...

– E eu ouvi falar – resmungou Mullins – que esse tal é sempre o último a subir no navio. Ele tinha rabo, capitão?

– E dizem – disse outro, olhando com ar maldoso para o Capitão Gancho – que quando esse diabo aparece, ele sempre tem a cara do homem mais cruel a bordo.

– Ele tinha um gancho, capitão? – perguntou Chumbo Grosso em tom insolente. E um pirata depois do outro repetia as palavras:

– O navio está perdido.

Nessa hora, os meninos não conseguiram deixar de dar um viva. O Capitão Gancho tinha esquecido os seus prisioneiros, mas quando se virou para eles seu rosto voltou a se iluminar.

– Rapazes – disse ele para os seus comandados –, tive uma ideia. Abram a porta da cabine e empurrem esses meninos lá para dentro. Eles que enfrentem esse tal galo numa luta de vida ou morte. Se matarem o frangote, melhor para nós; se o bicho matar todos eles, não ficamos pior do que antes.

Pela última vez, os piratas admiraram o Capitão Gancho como cães, e obedeceram exatamente às ordens deles. Os meninos, fingindo que resistiam, foram empurrados para dentro da cabine, e os piratas bateram a porta atrás deles.

– Agora vamos ficar escutando – gritou o Capitão Gancho, e todos prestaram atenção. Mas ninguém se atrevia a olhar para a porta. Só uma pessoa, Wendy, amarrada ao mastro esse tempo todo. E ela não tentava escutar berros nem o canto de galo: só esperava o ressurgimento de Peter.

E nem precisou esperar muito. Na cabine, Peter encontrou o que tinha vindo buscar: a chave das correntes que prendiam os meninos. E eles saíram da cabine armados com tudo que puderam encontrar. Primeiro, fazendo um sinal para que se escondessem, Peter cortou as cordas que prendiam Wendy, e depois nada podia ser mais fácil que todos saírem voando juntos; mas uma coisa impedia a revoada, um juramento: “Dessa vez, ou Gancho ou eu”.

Então, depois de soltar Wendy, Peter disse no ouvido dela que fosse se esconder com os outros, e ele próprio tomou o lugar da menina no mastro, com a capa em volta do corpo, fingindo que era ela. Em seguida, respirou bem fundo e soltou um canto de galo.

Para os piratas, o som indicava que os meninos tinham sido mortos dentro da cabine; entraram em pânico. O Capitão Gancho tentou atíçar seus homens, mas como se fossem mesmo cães eles responderam mostrando os dentes, e ele entendeu que se vacilasse naquele momento, num piscar de olhos todos pulariam em cima dele.

– Rapazes – disse ele, pronto para a bajulação ou para a violência, conforme a necessidade, mas sem demonstrar fraqueza em momento algum –, andei pensando bem. Alguém a bordo está trazendo má sorte para o navio.

– Isso mesmo! – rosnaram eles. – Um sujeito com um gancho no lugar da mão.

– Não, rapazes, não; é a garota! Mulheres a bordo sempre trouxeram má sorte para os navios piratas! Quando ela for embora, garanto que damos um jeito no navio.

Alguns deles lembravam que o famoso pirata Flint dizia a mesma coisa.

– Sempre vale a pena tentar – disseram, um tanto em dúvida.

– Juguem a menina na água! – gritou o Capitão Gancho, e os piratas correram para a figura embrulhada na capa.

– Agora ninguém vai poder salvar você, mocinha! – sibilou Mullins em tom de zombaria.

– Eu sei de uma pessoa – respondeu a figura encapuzada.

– E quem pode ser?

– Peter Pan, o vingador! – foi a resposta terrível; e ao mesmo tempo que falava, Peter arrancou a capa. Foi então que todos entenderam quem vinha atacando os piratas na cabine, e duas vezes o Capitão Gancho tentou dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Naquele momento de terror, acho que seu bravo coração perdeu a força.

Mas finalmente ele gritou:

– Enfiem a espada nele até o fundo! – mas sem muita convicção.

– Vamos, meninos! Atacar! – souou a voz de Peter; e dali a um momento o tinido do metal das armas que se entrechocavam ressoava por todo o navio.

Se os piratas tivessem ficado juntos, é certo que teriam vencido. Mas o ataque veio quando estavam dispersos, e saíram correndo para todos os lados, golpeando às cegas, cada um se achando o último sobrevivente do bando. Homem por homem eles eram mais fortes; mas só lutavam na defensiva, o que permitiu aos meninos caçar em duplas e escolher bem os seus alvos. Alguns dos facínoras pularam no mar; outros se esconderam em cantos escuros, onde foram encontrados por Levemente, que não lutava, só corria de um lado para o outro com um lampião que usava para iluminar o rosto dos piratas, que ficavam meio cegos com a luz e eram transformados em presa fácil para as espadas ensanguentadas dos outros meninos. Quase não se ouvia nada além do tinir das armas, um grito ocasional ou o barulho de um corpo caindo na água, além de Levemente sempre contando, sem alterar a voz: cinco - seis - sete - oito - nove - dez - onze.

Acho que todos os outros já tinham sido derrotados quando um grupo de meninos enfurecidos cercou o Capitão Gancho, que parecia rodeado por alguma defesa mágica, mantendo sempre os atacantes fora desse círculo de fogo. Tinham acabado com os seus cães, mas aquele homem, sozinho, ainda era adversário suficiente para todos eles. Várias vezes os meninos fecharam o cerco, mas a cada uma delas ele conseguia novamente abrir espaço. Tinha fisgado com seu gancho um dos garotos, que usava como escudo, quando um dos outros, depois de atravessar Mullins com a espada, entrou na refrega.

– Guardem as espadas, meninos! – ordenou o recém-chegado. – Este pirata é meu.

E assim, Gancho se viu finalmente face a face com Peter. Os outros meninos recuaram e formaram um círculo em torno dos dois.

Os inimigos passaram um longo tempo olhando fixamente um para o outro; o Capitão Gancho tremendo de leve, e Peter com seu estranho sorriso no rosto.

– Quer dizer, Pan – disse finalmente o Capitão Gancho – que o tempo todo era você.

– Isso mesmo, Gancho – veio a resposta ativa –, o tempo todo era eu.

– Menino atrevido e insolente! – respondeu Gancho – Prepare-se para o seu fim.

– Homem horrendo e sinistro! – falou Peter – Chegou a sua hora!

E sem dizer mais nada eles começaram a lutar, e por algum tempo não havia vantagem para nenhum dos lados. Peter era um espadachim fora do comum, e aparava os golpes de Gancho com uma rapidez fulminante; muitas e muitas vezes ele respondeu a uma finta do capitão com uma estocada que ultrapassava a defesa do adversário mas, como sua lâmina era mais curta, não chegava a ele, e o aço não feria a carne do inimigo. Gancho, só um pouco inferior a Peter na esgrima, mas de pulso bem mais ágil, forçava Peter a recuar com a violência de seus ataques, esperando ser capaz de terminar tudo de um momento para o outro com seu golpe predileto, que Barbacoa lhe havia ensinado muitos anos antes nas costas do Brasil; mas para seu espanto, todas as tentativas eram desviadas pela espada de Peter. Então o pirata tentou encurtar a distância e dar um golpe de morte com o gancho de ferro, que durante todo esse tempo se agitava solto no ar. Mas Peter se abaixou, se esquivando da garra e, atacando com ferocidade, atingiu o Capitão Gancho nas costelas. Ao ver seu próprio sangue, cuja cor peculiar, você deve se lembrar, ele achava particularmente repulsiva, a espada caiu da mão do Capitão Gancho e ele se viu à mercê de Peter.

– Agora! – gritaram todos os meninos, mas com um gesto de grandeza Peter convidou o adversário a pegar novamente a sua espada.

E foi o que o Capitão Gancho fez na mesma hora, mas com a sensação trágica de que Peter é que estava agindo de maneira adequada.

Até então ele imaginava estar lutando com um simples inimigo, mas agora começou a ter suspeitas mais sombrias.

– Pan, quem é você, o que você é? – gritou ele com voz rouca.

– Eu sou a juventude! Eu sou a alegria! – respondeu Peter sem nem pensar muito. – Eu sou um passarinho que acaba de sair do ovo!

O que, claro, nem fazia sentido, mas serviu para o pobre Gancho como prova de que Peter nem sabia o quê ou quem ele era – o máximo, em matéria de atitude adequada.

– Ao ataque! – gritou ele em desespero.

Agora ele lutava como uma clava humana, e cada golpe de sua terrível espada podia ter cortado ao meio qualquer homem ou menino que acertasse; mas Peter

flutuava à volta do pirata como se, pouco a pouco, o próprio vento o soprasse para fora da zona de perigo. E de novo e de novo contra-atacava.

Agora o Capitão Gancho lutava sem mais esperança. Aquele peito exaltado não ansiava mais pela vida. Só uma coisa ele desejava com todas as forças: ver Peter caído em posição inadequada, antes que esfriasse para sempre.

Abandonando o duelo, o pirata correu para o paiol de pólvora e acendeu o pavio.

– Daqui a dois minutos – avisou ele – o navio vai voar em mil pedaços.

E agora, pensou ele, vamos ver se Peter não perde a linha.

Mas subitamente Peter apareceu na porta do paiol de pólvora, trazendo nas mãos o pavio aceso, que jogou calmamente na água.

E Gancho, estava sendo adequado? Por mais que fosse um homem fora de rumo, podemos afirmar com alegria, mesmo sem simpatizar com ele, que no final das contas honrou as tradições da sua estirpe. Os outros meninos voavam à sua volta, zombando e rindo dele; e enquanto avançava trôpego pelo convés, golpeando para todo lado sem acertar ninguém, seu espírito nem estava mais lá. Tinha voltado para os campos de jogo de um passado distante, ganhando algum prêmio por seu esforço ou assistindo a uma partida do alto do muro de honra da escola. Usava os sapatos certos, usava o colete certo, a gravata certa e as meias certas.

Capitão Gancho, *James Hook*, figura de anti-herói mas não em toda sua forma, adeus.

Pois chegamos ao seu momento derradeiro.

Vendo Peter avançar lentamente para ele com a adaga levantada, o Capitão Gancho pulou por cima da amurada para cair nas águas do mar. Mas não sabia que o crocodilo estava à sua espera; pois paramos de propósito o relógio para ele não perceber a presença do monstro: um pequeno sinal de respeito da nossa parte na hora do seu fim.

E ele ainda teve um último triunfo, que acho que não podemos lhe recusar. Ao se equilibrar por um instante no alto da amurada, olhando por cima do ombro para Peter, que voava em seu encaixe, o pirata ainda fez um gesto dizendo ao menino que, em vez de voar, devia usar os pés. O que fez Peter atingir o capitão com um pontapé, em vez de uma estocada.

E finalmente o Capitão Gancho teve a recompensa que mais queria:

– Um golpe nada adequado! – gritou ele com desprezo para Peter, caindo satisfeito na goela do crocodilo.

E este foi o fim do Capitão Gancho.

– Dezessete! – anunciou Levemente.

Mas a conta não estava exata. Quinze criminosos pagaram sua pena naquela

noite, mas dois escaparam e chegaram até a margem: Barracuda, para ser capturado pelos peles-vermelhas, que o transformaram em ama-seca de todos os bebês da tribo, final mais que melancólico para um pirata; e Smee, que a partir de então saiu vagando pelo mundo com seus óculos, ganhando alguns trocados aqui e ali com a história de que era o único homem no mundo que metia medo no Capitão Gancho.

Wendy, claro, tinha ficado de fora da luta, mas sempre observando Peter com os olhos muito brilhantes. Agora que a batalha tinha acabado, ela voltava a ser importante. Distribuiu elogios iguais a todos os meninos, e estremeceu da maneira mais graciosa quando Michael lhe mostrou o lugar onde tinha matado um dos inimigos. Em seguida, levou todos para a cabine do Capitão Gancho e apontou para o relógio do pirata, pendurado num prego. E o relógio dizia: “uma e meia”!

Aquela hora tardia era quase o pior de tudo. Wendy pôs todos os meninos para dormir nos beliches dos piratas o mais depressa que podia, podem acreditar. Todos menos Peter, que ficou caminhando de um lado para o outro pelo convés até finalmente cair adormecido ao lado do canhão. Naquela noite, ele teve um de seus sonhos, e chorou adormecido por muito tempo, enquanto Wendy o segurava num abraço bem apertado.

**A
VOLTA
PARA
CASA**

16

Quando o sino tocou duas vezes naquela madrugada, todos chacoalharam o esqueleto para fora da cama, porque o mar estava forte e Assobio, o novo contramestre, estava no meio deles, mascando tabaco e com uma corda na mão para servir de chicote. Todos vestiam roupas de pirata cortadas na altura do joelho, fizeram a barba com capricho e subiram para o convés com um autêntico andar de marinheiro, arregaçando as calças.

Nem preciso dizer quem era o capitão do navio. Bicudo e John eram o primeiro e o segundo imediatos. Havia uma mulher a bordo. O resto era bucha de canhão, e morava no castelo da proa. Peter já tinha se amarrado ao timão; mas não parava de dar ordens a todos, e fez um curto discurso dizendo que esperava que cumprissem o dever com valentia, apesar de serem a pior ralé de todos os portos de piratas. Disse ainda que, se tentassem se amotinar, ele acabaria com todos. Suas palavras exageradas e falsas falavam a linguagem que os marujos entendem, e todos responderam com sonoros vivas. Depois bastaram algumas ordens secas para darem meia-volta com o navio, tomando o rumo do continente.

O Capitão Pan calculou, depois de consultar os mapas de bordo, que se aquele bom tempo durasse chegariam às ilhas dos Açores em torno do dia 21 de junho, depois do que poderiam ganhar tempo voando pelo resto do caminho.

Alguns dos meninos queriam que o navio virasse honesto, outros eram a favor de que continuasse na pirataria; mas o capitão tratava a todos como cães, e eles não se atreviam a falar o que pensavam, nem mesmo com cada um só dizendo uma parte. Ali, a única resposta segura era a obediência automática. Levemente-Estragado foi condenado a uma dúzia de chibatadas por ter respondido com ar abobado quando recebeu a ordem de sondar a profundidade. A impressão de todos era que Peter só era honesto com Wendy, para não deixá-la ressabiada, mas que a mudança podia ocorrer assim que ficasse pronta a nova roupa que, contra sua vontade, a menina estava costurando para Peter a partir dos trajes mais extravagantes do Capitão Gancho. Depois disso, correu entre os meninos um rumor de que, na primeira noite em que pôs essas roupas, Peter passou muito tempo sentado na cabine, com a piteira de dois charutos do Capitão Gancho numa das mãos enquanto a outra mão estava fechada em punho, menos o dedo indicador, que ele mantinha curvado em riste no ar, como um gancho.

Em vez de continuarmos acompanhando o navio, entretanto, agora precisamos ir até a casa solitária de onde três dos nossos personagens levantaram voo tanto tempo atrás. É um absurdo esse abandono tão prolongado do Número 14. Mesmo assim, temos certeza que a sra. Darling nunca reclamaria. Se tivéssemos voltado antes, olhando para ela com simpatia e compaixão, é provável que ela houvesse

começado a chorar.

– Que bobagem, não se incomode comigo... Volte para lá, e continue de olho nas crianças.

Enquanto as mães forem assim, os filhos vão continuar a se aproveitar delas, não tenham dúvida.

Mesmo agora, só nos aventuramos a entrar no quarto das crianças porque os seus legítimos ocupantes já estão a caminho de casa; só corremos um pouco à frente deles para ver se as camas estão sendo devidamente arrumadas e se o sr. e a sra. Darling não vão sair à noite. Somos simples criados. E por que suas camas deveriam estar bem-arrumadas, já que saíram delas com tanta pressa, sem um pingo de gratidão? Não seria bem feito para eles se, quando voltassem, descobrissem que seus pais tinham saído para passar o fim de semana no campo? Seria a lição de moral de que eles andam precisando desde que conhecemos os três. Só que, se arquitetássemos as coisas dessa maneira, a sra. Darling nunca haveria de nos perdoar.

Uma coisa eu adoraria poder fazer: contar a ela, do jeito dos autores das histórias, que as crianças já estavam voltando, que na verdade iam chegar na quinta-feira da outra semana. E isso estragaria completamente a surpresa que Wendy, John e Michael estão querendo fazer. São planos completos que eles vêm fazendo a bordo do navio: felicidade da mãe, grito de alegria do pai, pulos de Nana no ar para ser a primeira a abraçar os três – que na verdade deviam estar pensando era em se esconder. Que delícia, estragar tudo dando a notícia antes da hora! Assim, quando eles chegarem em grande estilo, a sra. Darling podia não oferecer um beijo a Wendy, e o sr. Darling podia resmungar de mau humor:

– Droga, lá vêm esses garotos de novo!

De qualquer maneira, nem se fizéssemos isso íamos ganhar qualquer agradecimento. A esta altura já conhecemos um pouco a sra. Darling, e podemos ter certeza de que ela ralharia muito conosco se tirássemos esse pequeno prazer dos seus filhos.

– Mas querida senhora, ainda faltam dez dias até a quinta-feira da semana que vem. Dando a notícia agora, podemos lhe poupar dez dias de infelicidade!

– Sim, mas a que preço! Roubando dez minutos de alegria dos meus filhos!

– Bem, se a senhora for olhar por esse lado...

– E por que outro lado eu poderia olhar para essa história?

Vocês precisam entender que essa mulher não tinha muitos brios. Eu pretendia dizer coisas excelentes a respeito dela. Mas ela é o tipo de mulher que não me agrada, e não vou fazer nenhum elogio a uma pessoa que na verdade eu desprezo. Ninguém precisa lhe avisar para preparar tudo, porque já está tudo pronto. Todas as camas estão feitas e com lençóis limpos, ela nunca sai de casa e, vejam bem, a janela está aberta. Conforme se vê, ela não precisa muito de nós,

e podíamos voltar logo para o navio. No entanto, já que estamos aqui, não custa nada ficar mais um pouco e dar uma olhada. É só isso mesmo que fazemos, ficamos olhando. E na verdade ninguém nos quer por perto. Então vamos só continuar assistindo e dizendo coisas meio desagradáveis, na esperança de que alguma delas possa deixar alguém magoado.

A única mudança que se pode ver no quarto onde as crianças dormem é que, entre as nove da manhã e as seis da tarde, a casinha de cachorro não fica mais lá. Depois que as crianças bateram asas e foram embora, o sr. Darling resolveu que a culpa toda tinha sido dele, por ter prendido Nana. Na verdade, desde o início da história, Nana mostrou que tinha muito mais juízo do que ele. Como já vimos, claro que ele era um sujeito meio bobo: a verdade é que, se não fosse totalmente careca, poderia até passar por um menino. Mas também tinha um senso de justiça muito nobre, além de uma coragem de leão na defesa do que achava justo. Depois da fuga das crianças, e depois de repensar em tudo com o máximo de cuidado, ele caiu de quatro e rastejou para dentro da casinha de cachorro. E toda vez que a sra. Darling insistia em chamar o marido para sair, a resposta era sempre a mesma, triste mas firme:

– Não, meu tesouro, aqui é o meu lugar.

No amargor de seu remorso, ele jurava que só deixaria a casinha de cachorro no dia em que os seus filhos voltassem. Dava pena, claro; mas tudo que o sr. Darling fazia era mesmo exagerado. Não fosse assim, ele acabaria desistindo em pouco tempo. E nunca houve um homem mais humilde que o sr. George Darling, antes tão orgulhoso, sentado de noite em sua casinha de cachorro, conversando com a mulher sobre os filhos e sobre as muitas qualidades daquelas crianças.

E muito tocante também era o imenso respeito com que ele agora tratava Nana. Não deixava a cachorra entrar na casinha, mas em todo o resto procurava adivinhar todas as vontades dela.

Todo dia de manhã, a casinha de cachorro, junto com o sr. Darling, entrava num táxi, que levava os dois para o escritório, voltando para casa toda tarde, da mesma maneira, às seis. E podemos ver a firmeza de caráter desse homem se lembrarmos quanta atenção ele sempre dava ao que os vizinhos podiam pensar. E esse mesmo homem agora atraía a atenção de todos a cada movimento. Por dentro devia ser uma verdadeira tortura. Ainda assim ele mantinha um ar altivo, mesmo quando os mais jovens caçoavam da casinha, e sempre tirava o chapéu com toda a cortesia para todas as senhoras que espiavam dentro dela.

Podia ser uma atitude quixotesca, mas era magnífica. Em pouco tempo todos ficaram sabendo do sentido profundo daquele gesto, e o coração do público se comoveu. Multidões seguiam o táxi, aplaudindo com vontade. Lindas garotas subiam a bordo para pedir um autógrafa. Entrevistas apareciam nos melhores jornais e a mais alta sociedade convidava o sr. Darling para jantares. E tomavam

o cuidado de acrescentar no convite: “Sinta-se à vontade para vir em sua casinha de cachorro”.

Na aguardada quinta-feira da semana seguinte, eis a sra. Darling no quarto das crianças, esperando George chegar: uma mulher de olhos muito tristes. Agora que vemos mais de perto e nos lembramos da alegria que ela antigamente irradiava, sumida depois que perdeu os filhos, descubro que, no fim das contas, não vou conseguir dizer coisas ruins sobre ela. Afinal, ela não pode fazer nada se as crianças de que gosta tanto são umas pestes. Olhem só como ela acabou de adormecer na poltrona. O canto da sua boca, o lugar que sempre chama primeiro a atenção, está com uma expressão quase de raiva. Sua mão inquieta nunca se afasta do peito, como se ela sentisse alguma dor. Há quem goste mais de Peter ou quem goste mais de Wendy: eu gosto mais é da sra. Darling. Vamos imaginar, só para deixar a pobre mais feliz, que murmuramos no seu ouvido, enquanto ela dorme, que os encenqueiros logo chegarão de volta. E estão mesmo a uns três quilômetros da janela, e voando depressa, mas só precisamos sussurrar que eles estão a caminho. Agora...

E não devíamos ter sussurrado, porque na mesma hora a sra. Darling se levanta de um salto, chamando os nomes dos três; e, no quarto, além dela, só está a Nana.

– Ah, Nana, sonhei que os meus queridinhos estavam de volta.

Nana fica com os olhos úmidos, mas só pode apoiar de mansinho a pata no colo da dona; e assim estavam as duas sentadas, lado a lado, quando a casinha de cachorro chegou de volta do trabalho. Quando o sr. Darling põe a cabeça de fora para beijar a mulher, podemos ver que seu rosto está mais abatido do que antes, só que com uma expressão mais suave.

Entregou o chapéu para Liza, que recebeu o patrão com ar de desdém; pois não tem imaginação, e é incapaz de entender por que o homem agia daquele jeito. Do lado de fora, as pessoas que tinham acompanhado o táxi na volta para casa ainda aplaudiam, e ele, naturalmente, não deixava de sentir algum orgulho.

– Escutem só – disse ele. – É muito gratificante.

– Bando de crianças... – resmungou Liza.

– Hoje havia vários adultos – respondeu ele, corando um pouco; mas quando a criada fez um ar mais severo, balançando a cabeça numa veemente negativa, ele não se queixou. O sucesso social não deixou o sr. Darling mal-acostumado, e sim mais gentil. Por algum tempo, ainda ficou com a metade do corpo para fora da casinha de cachorro, conversando sobre este sucesso com a sra. Darling e tranquilizando a esposa com um aperto na mão quando ela lhe disse:

– Espero que isso tudo não suba à sua cabeça.

– Só se eu fosse um homem mais fraco – respondeu ele. – Mas minha nossa, se eu fosse um homem mais fraco!...

– Mas George – perguntou ela em tom tímido –, você continua arrependido, não é?

– Cheio de remorso, querida! Não vê o meu castigo? Morar na casinha de cachorro!

– Mas é um castigo, não é, George? Tem certeza de que você não está gostando?

– Nada disso, meu amor!

E podem ter certeza de que ela lhe pediu desculpas; e então, cheio de sono, ele se enrodilhou dentro da casinha.

– Não quer tocar para eu dormir? – pediu ele. – No piano do quarto ao lado?

E enquanto a mulher se dirigia para o quarto do piano, ele acrescentou, sem pensar direito:

– E feche essa janela. Estou sentindo uma corrente de ar.

– Oh, George, nunca me faça este pedido. A janela precisa ficar aberta para eles o tempo todo. Sempre, sempre.

E agora foi a vez do marido pedir desculpas. Ela foi até o piano, começou a tocar e dali a pouco ele tinha adormecido; enquanto ele dormia, Wendy, John e Michael entraram voando no quarto.

Ah, quem dera! Só escrevemos assim porque era o combinado quando deixamos o navio; mas alguma coisa deve ter acontecido depois, porque quem entrou voando não foram eles, mas Peter e Sininho.

E as primeiras palavras de Peter explicam tudo:

– Rápido, Sino – sussurrou ele. – Feche a janela e passe a tranca. Isso mesmo. Agora nós dois saímos pela porta e, quando Wendy chegar, vai achar que a mãe trancou os filhos do lado de fora. E aí vai voltar para mim.

E agora eu entendo o que até aqui me deixava tão curioso: por que Peter Pan, depois de exterminar os piratas, não tinha retornado diretamente para a ilha, deixando que Sininho guiasse as crianças na volta para o continente. Já vinha fazendo esse plano desde o início!

Em vez de se arrepender pelo seu mau comportamento, ele dançava de alegria. Em seguida, foi espiar no quarto ao lado para ver quem estava tocando. E sussurrou para Sininho:

– É a mãe de Wendy. Uma bela senhora, mas não tão bonita quanto a minha mãe. Ela tem a boca cheia de dedais, mas não tantos quanto os lábios da minha mãe.

Claro que ele não sabia de nada sobre a mãe; mesmo assim, volta e meia se gabava das qualidades dela.

Peter não conhecia a música que ela estava tocando, e que se chamava *Lar, doce lar*. Mas entendeu que o piano dizia “Volte, Wendy! Volte, Wendy!”, o

tempo todo. E disse baixinho, em triunfo:

– A senhora nunca mais vai ver Wendy, moça, porque a janela está trancada!

Tornou a espiar, para ver por que a música tinha parado; e então viu que a sra. Darling tinha apoiado a cabeça no piano, e que duas lágrimas ameaçavam cair de seus olhos.

– Ela quer que eu destranque a janela – pensou Peter. – Mas eu não vou, não vou mesmo.

Tornou a espiar, e as lágrimas ainda ameaçavam cair, ou outras duas já tinham tomado o lugar das anteriores.

– Ela gosta muito de Wendy – pensou ele com seus botões.

E então ficou bravo com a sra. Darling, que não entendia por que não podia ficar com Wendy. Quando a razão era muito simples:

– É que eu também gosto dela. E ela não pode ser de nós dois.

Mas aquela mulher não achava a menor graça na situação, o que deixava Peter infeliz. Parou de olhar para ela, mas mesmo assim não conseguia tirá-la da cabeça. Andava de um lado para o outro e fazia caretas, mas sempre que parava era como se ela estivesse dentro dele, batendo na porta.

– Ah, está bem – disse ele finalmente, e engoliu em seco antes de destrancar a janela. – Vamos embora, Sininho – falou, inconformado com as leis da natureza. – Não queremos nada com essa bobagem de mãe – e saiu voando pela janela.

E foi assim que no fim das contas Wendy, John e Michael encontraram a janela aberta à sua espera – o que, aliás, era bem mais do que mereciam. Pousaram no chão do quarto sem a menor vergonha do que tinham feito; e o mais novinho dos três já tinha até se esquecido de casa.

– John – disse ele, olhando em volta com um ar intrigado –, acho que já estive aqui antes.

– Claro que sim, seu bobo. A sua antiga cama é aquela ali.

– É mesmo! – disse Michael, mas sem muita convicção.

– Vejam só! – exclamou John. – A casinha de cachorro! – e saiu correndo para olhar dentro dela.

– Talvez Nana esteja aí – disse Wendy.

Mas John deu um assobio.

– Essa não! – disse ele. – Tem um homem aqui dentro.

– É o papai! – disse Wendy.

– Deixe eu ver o papai – pediu Michael, ansioso, e ficou olhando por muito tempo. – Nem é tão grande quanto o pirata que eu matei – disse ele, com um tom de tanta decepção que eu só posso dizer que era uma sorte que o sr. Darling estivesse dormindo. De outro modo, iria ficar muito triste se fossem essas as primeiras palavras que ouvisse de seu pequeno Michael.

Wendy e John ficaram espantados ao ver o pai na casinha do cachorro. E John perguntou, como se não confiasse mais na sua própria memória:

– Será que ele sempre dormiu na casinha de cachorro?

E Wendy respondeu, preocupada e com a voz trêmula.

– John, pode ser que a gente não se lembre da vida antiga tão bem quanto achava.

Os dois ficaram gelados. E foi bem feito!

E John, o pequeno patife, ainda disse:

– É muito descuido da nossa mãe não estar aqui na hora em que voltamos.

E foi nesse momento que a sra. Darling recomeçou a tocar.

– É a mamãe! – gritou Wendy, e foi espiar.

– É mesmo! – disse John.

– Quer dizer que você não é a minha mãe de verdade, Wendy? – perguntou Michael, que já estava morrendo de sono.

E Wendy exclamou, com sua primeira pontada genuína de remorso:

– Ufa! Já estava mesmo na hora de voltarmos para casa.

– Vamos entrar de mansinho – sugeriu John – e cobrir os olhos dela com as mãos.

Mas Wendy, percebendo que precisavam dar aquela notícia de maneira mais tranquila, teve uma ideia melhor.

– Vamos nos enfiar quietinhos na cama, e estar lá quando ela entrar, como se nunca tivéssemos ido embora.

E assim, quando a sra. Darling voltou ao quarto dos meninos para ver se o marido já estava dormindo, todas as camas estavam ocupadas. As crianças ficaram esperando o seu grito de alegria, mas ele não veio. Ela viu os meninos, mas não acreditou que pudessem estar lá. É que nos seus sonhos via tanto os meninos no quarto que achava que algum deles tinha dado um jeito de continuar.

Sentou-se na poltrona ao lado da lareira, onde antigamente segurava seus bebês no colo.

Eles não entenderam o que estava acontecendo, e um medo gelado caiu sobre os três.

– Mamãe! – gritou Wendy.

– Esta é a Wendy – disse ela, mas ainda tinha certeza de que estava sonhando.

– Mamãe!

– Este é o John – disse ela.

– Mamãe! – gritou Michael, que agora tinha reconhecido a mãe.

– E este é o Michael – disse ela, e estendeu os braços no ar, pensando nas três crianças egoístas que nunca mais haveria de abraçar.

Mas como não? Logo estava abraçando Wendy, John e Michael, que saíram das suas camas e correram para a mãe.

– George, George! – gritou ela quando recuperou a fala.

E o sr. Darling acordou para participar daquela felicidade, e Nana ainda entrou correndo no quarto. Não podia haver uma cena mais linda; mas só quem assistiu foi um menino diferente, que olhava pela janela. Ele vivia aventuras e alegrias que as outras crianças nem imaginam. Mas o que via pela janela era a única satisfação que nunca poderia ter.

**QUANDO
WENDY
CRESCER**

17

Espero que vocês queiram saber o que aconteceu com os outros meninos. Estavam esperando no andar de baixo, perto da porta, para dar tempo a Wendy de explicar quem eram; e então, depois de contarem até quinhentos, eles se movimentaram. Subiram pelas escadas, porque acharam que dariam uma impressão melhor do que se chegassem voando. Todos se enfileiraram na frente da sra. Darling, com os chapéus na mão e percebendo agora que talvez fosse melhor não estarem usando aquelas roupas de pirata. Não disseram nada, mas seus olhos pediam que ela aceitasse a todos. Deveriam olhar também para o sr. Darling, mas se esqueceram inteiramente.

Claro que a sra. Darling disse na mesma hora que ficava com todos; mas o sr. Darling se mostrou curiosamente desanimado, e todos puderam ver que ele considerava seis um pouco demais. E comentou com Wendy:

– Só posso dizer que você nunca faz as coisas pela metade.

Uma observação mal-humorada, que os Gêmeos acharam ser dirigida a eles.

O primeiro Gêmeo era um sujeito orgulhoso, e perguntou, muito corado:

– O senhor acha que vamos ser além da conta? Se for o caso, podemos ir embora.

– Papai! – gritou Wendy, chocada.

Ainda assim, o sr. Darling continuava sombrio. Sabia que aquele comportamento era indigno, mas não conseguia se controlar.

– Podemos dormir dois em cada cama – sugeriu Bicudo.

– Eu mesma sempre corto o cabelo deles – emendou Wendy.

– George! – interrompeu a sra. Darling, aflita de ver o seu marido se mostrar ao mundo daquela maneira tão desfavorável.

Então ele prorrompeu em lágrimas, e revelou a verdade. Ficava tão feliz quanto ela de receber os meninos, disse ele, só achava que deviam ter pedido também a aprovação do marido, em vez de olhar para ele como se fosse um zero à esquerda na sua própria casa.

– Pois eu não acho que ele seja um zero à esquerda – exclamou Assobio na mesma hora. – Você acha que ele seja um zero à esquerda, Crespo?

– Eu não. Você acha que ele seja um zero à esquerda, Levemente?

– De jeito nenhum. Gêmeo, o que é que você acha?

Para resumir, nenhum dos meninos achava que o sr. Darling fosse um zero à esquerda. Ele ficou absurdamente agradecido, e disse que daria um jeito de arranjar espaço para todos eles na sala de visitas, se eles coubessem.

– Havemos de caber, pode deixar – garantiram eles.

– Então venham comigo – exclamou ele em tom alegre. – A verdade é que eu

nem sei se temos uma sala de visitas, mas fingimos que temos, e no fim das contas dá tudo no mesmo. Upalalá!

E saiu dançando pela casa. Todos os meninos também gritaram “upalalá!” e saíram dançando atrás dele, à procura da tal sala de visitas, que nem sei se encontraram. De qualquer maneira, devem ter encontrado uns bons cantos pela casa, porque todos couberam perfeitamente.

Quanto a Peter, ainda esteve com Wendy mais uma vez antes de sair voando de volta. Não veio exatamente até a janela, mas roçou nela de passagem, para que a menina pudesse abrir se quisesse falar com ele. E ela queria.

– Oh, Wendy, adeus – disse Peter.

– Ora, você está indo?

– Estou.

– Mas você não acha, Peter – disse ela, procurando bem as palavras –, que você poderia gostar de conversar com os meus pais sobre um certo assunto especial?

– Não.

– Sobre mim, Peter?

– Não.

A sra. Darling veio até a janela, pois naquele momento estava vigiando Wendy de perto. Contou a Peter que tinha decidido adotar todos os outros meninos, e que gostaria de adotá-lo também.

– E a senhora me mandaria para uma escola? – perguntou ele, como o sempre sagaz.

– Sim.

– E depois para um escritório?

– Imagino que sim.

– E com o tempo eu fico adulto e viro um homem?

– Bem depressa.

– Não quero ir para a escola e aprender essas coisas de cerimônia – disse ele, exaltado. – Não quero virar adulto. Ó, mãe da Wendy, imagine se um dia eu acordasse e sentisse as pontadas de uma barba!

– Peter – chamou Wendy, sempre tentando tranquilizar o menino –, eu adoraria ver você de barba.

E a sra. Darling estendeu os braços para ele, mas Peter não aceitou o convite.

– Fique aí mesmo, moça, ninguém vai me agarrar e me transformar em adulto.

– Mas onde você vai viver?

– Com Sininho, na casa construída para Wendy. As fadas puseram a casa no

alto das copas das árvores, onde elas dormem de noite.

– Que lindo! – exclamou Wendy, tão encantada que a sra. Darling apertou um pouco o seu braço.

– Eu achava que todas as fadas tivessem morrido – disse a sra. Darling.

– Sempre nascem novas – explicou Wendy, que agora entendia bem do assunto. – Quando um bebê ri pela primeira vez, nasce uma fada nova. Como toda hora estão nascendo novos bebês, novas fadas sempre nascem também. Vivem em ninhos no alto das árvores; as de cor violeta são meninos, as de cor branca são meninas, e as azuis são umas bobas que não sabem o que são.

– Vou me divertir muito – continuou Peter, olhando para Wendy.

– E eu vou me sentir muito sozinha de noite – respondeu ela. – Sentada ao lado do fogo.

– Eu vou ficar com a Sininho.

– Você sabe que a Sininho não basta para você, nem de longe – lembrou ela, com uma certa maldade.

– Linguaruda de uma figa! – respondeu Sininho de algum lugar perto da esquina.

– Não faz diferença – disse Peter.

– Ora, Peter, você sabe que faz diferença.

– Então venha comigo para a casinha.

– Posso ir, mamãe?

– Claro que não! Agora você voltou para a nossa casa, e não vai embora de novo.

– Mas ele precisa tanto de uma mãe.

– E você também, meu amor.

– Ah, está certo – disse Peter, como se o convite a Wendy fosse só por boa educação.

Mas a sra. Darling viu que a boca do menino tremia, e fez-lhe uma bela oferta: todo ano deixaria Wendy passar uma semana com ele, para fazer uma grande faxina na casinha a cada primavera. Wendy preferia um acordo mais permanente, e achava que a primavera ainda demoraria muito para chegar. Mas a promessa da sra. Darling bastou para fazer Peter ir embora contente. Ele não tinha noção do tempo, e sua vida era cheia de aventuras perto das quais tudo que acabei de contar a vocês não serviria nem de troco. Acho que por saber disso, as últimas palavras de Wendy para ele foram um pedido:

– Você não vai me esquecer, não é, Peter, antes da primavera?

Claro que Peter garantiu que não, antes de sair voando. E levou com ele o beijo da sra. Darling. Aquele beijo, que não era para mais ninguém, Peter roubou com a maior facilidade. Engraçado. Mas ela parecia satisfeita.

Claro que todos os meninos entraram para a escola; a maioria na terceira série, menos Levemente-Estragado, que entrou primeiro para a segunda e, depois, para a primeira. Antes de completarem uma semana na escola, todos perceberam que tinha sido uma bobagem não terem ficado na ilha. Mas agora era tarde demais, e logo foram se acostumando com a vida das pessoas totalmente comuns, como você, eu ou qualquer outro. É triste contar que, aos poucos, foram perdendo o poder de voar. Nos primeiros tempos Nana ainda amarrava as pernas deles ao pé da cama para não saírem flutuando no meio da noite; e uma das brincadeiras de que eles mais gostavam, durante o dia, era fingir que caíam ao soltar as barras de segurança dos ônibus. Mas aos poucos foram parando de esticar a corda que os prendia nas camas, e descobriram que, na verdade, se machucavam quando largavam a barra do ônibus. Dali a pouco, não conseguiam mais voar nem para recuperar um chapéu levado pelo vento. Falta de prática, era o que eles diziam. Mas a verdade é que foi porque eles deixaram de acreditar.

Michael continuou acreditando por mais tempo que os outros meninos, mesmo que todos zombassem dele. E é por isso que ele estava com Wendy quando Peter veio ao encontro dela, no final do primeiro ano. Ela saiu voando com Peter usando o avental que tinha feito de folhas e frutas da Terra do Nunca, e seu único medo era que ele notasse como tinha ficado curto nela. Mas Peter nunca reparou, de tanto que tinha para contar sobre si mesmo.

Ela esperava longas conversas com ele sobre os tempos antigos, mas novas aventuras tinham expulsado as antigas da memória do menino.

– Quem é o Capitão Gancho? – perguntou ele com interesse quando ela falou do seu arqui-inimigo.

– Você não lembra – perguntou ela, espantada – de como você matou o capitão e salvou as vidas de todos nós?

– Depois que eu mato os maus me esqueço deles – respondeu Peter em tom despreocupado.

Quando ela perguntou, cheia de dúvidas, se por acaso Sininho não iria se aborrecer com a volta dela, Peter perguntou:

– E quem é Sininho?

– Ora, Peter! – disse ela, chocada. Mas mesmo depois que ela explicou, ele não se lembrou de nada.

– É que são tantas fadas – respondeu ele. – Imagino que ela tenha deixado de existir.

E eu imagino que ele tinha razão, porque as fadas realmente não vivem muito. Só que são tão pequeninas que cada instante, para elas, parece um tempo bem longo.

Wendy ficou triste também ao ver que o ano passado, para Peter, era como o

dia de ontem, enquanto para ela aquele ano de espera tinha parecido interminável. Mas o menino continuava tão fascinante como sempre, e os dois fizeram uma adorável faxina completa na casinha da copa das árvores.

No ano seguinte ele não veio. Ela esperou usando um avental novo, porque o antigo nem cabia mais; mas Peter não veio.

– Pode ser que ele esteja doente – disse Michael.

– Você sabe que ele nunca adoce.

Michael chegou bem perto dela e disse baixinho, estremecendo:

– Pode ser que essa pessoa nem exista, Wendy!

E Wendy teria chorado, se Michael já não estivesse chorando.

Peter veio para a faxina da primavera seguinte; e o mais estranho é que nem sabia que tinha pulado um ano.

E esta foi a última vez que a menina Wendy viu Peter. Por mais algum tempo, pensando nele, ela tentava não sentir as dores do crescimento. E ainda sentiu que estava sendo infiel a Peter quando recebeu um prêmio de conhecimentos gerais na escola. Mas os anos se passavam sem trazer de volta o menino descuidado.

Quando os dois tornaram a se encontrar Wendy já estava casada, e Peter para ela não era mais que um grão de poeira na caixa onde guardava os seus brinquedos. Wendy tinha ficado adulta. E você nem precisa ficar com pena dela. Ela era do tipo que gosta de crescer. No final das contas, crescia, por vontade própria, um pouco mais depressa que as outras meninas.

Todos os meninos, a essa altura, também tinham crescido e encontrado um destino, de maneira que nem preciso dizer muita coisa sobre eles. Qualquer dia, você pode ver os Gêmeos, Bicudo e Crespo indo para o escritório, cada um com sua pasta e seu guarda-chuva. Michael é condutor de locomotiva. Levemente-Estragado se casou com uma nobre, e por isso se tornou um lorde. Estão vendo aquele juiz de peruca,^[4] saindo por uma porta de ferro? Antigamente era conhecido como Assobio. E o homem de barba que não sabe nenhuma história para contar aos filhos já foi John.

Wendy se casou vestida de branco, com uma fita cor-de-rosa na cintura. É estranho pensar que Peter não tenha pousado em plena igreja para protestar contra aquele casamento.

Mais anos se passaram, e Wendy teve uma filha. O que não devia ser escrito com tinta, mas com pingos de ouro.

Ela se chamava Jane, e sempre teve o olhar curioso daqueles que querem saber de tudo, como se desde o momento em que chegou ao continente já estivesse pronta para fazer suas perguntas. Quando tinha idade para perguntar, era quase sempre sobre Peter Pan. Adorava as histórias de Peter, e Wendy contava todas de que se lembrava, no mesmo quarto que um belo dia tinha

deixado voando.

Agora o quarto era de Jane, porque o pai dela tinha comprado a casa a prestação, com juros de três por cento ao ano, do pai de Wendy, que não gostava mais de escadas. A sra. Darling, a essa altura, já estava morta e esquecida.

Agora eram só duas camas no quarto das crianças, a cama de Jane e a da babá. E nada de casinha de cachorro, porque Nana também tinha desaparecido. Morreu de velhice, e no final era muito difícil o convívio com a cachorra, que continuava convencida de que ninguém além dela sabia lidar direito com crianças.

Uma vez por semana, a babá de Jane tirava a noite de folga; e nesses dias era a própria Wendy quem punha a menina na cama. Era a hora das histórias. Jane teve a ideia de cobrir as cabeças da mãe e dela mesma com o lençol, criando uma cabana, e sussurrar na escuridão:

– O que estamos vendo agora?

– Acho que não estou vendo nada hoje à noite – respondeu Wendy, com uma sensação de que, se Nana estivesse lá, não deixaria ninguém conversar mais.

– Está sim, está sim! – disse Jane. – Está vendo o tempo em que você era pequena!

– Mas já faz tanto tempo, querida... – disse Wendy. – Ai ai, como o tempo voa!

– Voa mesmo? – perguntou a menina esperta. – Do mesmo jeito que você voou quando era menina?

– Do mesmo jeito que eu voei? Sabe, Jane, às vezes eu me pergunto se cheguei mesmo a voar.

– Claro que voou!

– Bons tempos, em que eu sabia voar!

– E por que não sabe mais voar, mamãe?

– Porque virei adulta, meu anjo. Quando as pessoas crescem, esquecem como se voa.

– E por que elas esquecem?

– Porque não são mais alegres, inocentes e sem coração. Só consegue voar é quem é alegre, inocente e sem coração.

– E como é ser alegre, inocente e sem coração? Bem que eu queria ser assim!

Ou pode ser que Wendy admitisse estar vendo alguma coisa.

– Acho – disse ela – que estou vendo esse mesmo quarto aqui.

– Acho que é sim – disse Jane. – Continue!

E então embarcam na grande aventura da noite, quando Peter Pan entra voando, à procura da sua sombra.

– Como ele era bobo! – exclamou Wendy. – Tentou colar a sombra com sabão, e quando não conseguiu começou a chorar, o que me acordou, e eu costurei a sombra para ele.

– Você deixou de contar um pedaço – interrompeu Jane, que já conhecia a história melhor do que a própria mãe. – Quando você viu o menino sentado no chão e chorando, o que você falou?

– Sentei na minha cama e perguntei: “Menino, por que você está chorando?”.

– Isso mesmo, foi bem assim – concordou Jane, respirando fundo.

– E depois todos fomos voando até a Terra do Nunca, as fadas, os piratas, os peles-vermelhas, a lagoa das sereias, a casa debaixo da terra e a casinha que os meninos fizeram.

– Isso mesmo! E do que você gostou mais?

– Acho que gostei mais da casa debaixo da terra.

– Eu sei. Eu também. E qual foi a última coisa que Peter disse para você?

– A última coisa que ele me disse foi: “Só me espere sempre, e alguma noite você vai me ouvir cantando de galo”.

– Isso mesmo.

– Mas, infelizmente, ele se esqueceu de mim – suspirou Wendy, com um sorriso. Agora ela era totalmente adulta.

– E como era o som do canto do galo de Peter? – perguntou Jane uma noite.

– Era assim – respondeu Wendy, e tentou imitar o cocorocó de Peter.

Mas Jane retrucou muito séria:

– Não, não era. Era assim – e cocorocou muito melhor que a mãe.

Wendy ficou um pouco surpresa.

– Minha querida, como é que você sabe?

– Escuto muitas vezes, quando estou dormindo – respondeu Jane.

– Ah sim, muitas meninas escutam esse canto quando dormem, mas eu fui a única que ouvi acordada.

– Que sorte a sua! – disse Jane.

E então, uma noite, aconteceu a tragédia. Era primavera, a história tinha sido contada mais uma vez, e Jane dormia na cama dela. Wendy estava sentada no chão, muito perto do fogo, para poder enxergar e continuar a cerzir as meias, porque não havia outra luz acesa no quarto de Jane. Enquanto estava ali sentada, cosendo, ouviu um canto de galo. Então a janela se abriu de repente, como nos velhos tempos, e Peter pousou no chão.

Estava exatamente igual a sempre, e na mesma hora Wendy viu que ainda tinha todos os dentes de leite.

Era só um garotinho, e ela, uma adulta. Ela se aconchegou perto do fogo, sem

se atrever a se mexer, indefesa e culpada, uma mulher crescida.

– Olá, Wendy – disse ele, sem perceber nenhuma diferença, pois pensava quase sempre só em si mesmo. Com a pouca luz do quarto, o vestido branco que ela usava bem podia ser a camisola que ela vestia na noite em que se viram pela primeira vez.

– Olá, Peter – respondeu ela com voz fraca, encolhendo-se o mais que podia. Alguma coisa dentro dela se debatia e chorava: “Mulher, mulher, me solte!”.

– Olá, onde está John? – perguntou Peter, sentindo de repente falta da terceira cama.

– John não mora mais aqui – ela respirou fundo.

– E Michael está dormindo? – perguntou ele, com um olhar descuidado na direção de Jane.

– Sim – respondeu ela, e agora sentiu que estava sendo falsa também com Jane, além de mentir para Peter.

– Só que não é Michael dormindo ali – emendou depressa, com medo de que algum castigo pudesse acontecer com ela.

Peter olhou para a cama.

– Ora veja! É uma criança nova?

– É.

– Menino ou menina?

– Menina.

Agora ele devia entender. Mas quem disse!

– Peter – disse ela, com a voz falhando. – Você queria que eu sáísse voando com você?

– Claro, foi por isso que eu vim. – E acrescentou, em tom mais sério: – Esqueceu que estamos na época da faxina de primavera?

Ela sabia que não adiantaria nada responder que ele tinha pulado muitos anos e muitas faxinas.

– Não posso ir – desculpou-se ela. – Não sei mais como se voa.

– Eu lhe ensino de novo num instante.

– Não, Peter, não gaste pó de fadas comigo.

Ela tinha se levantado; e agora, finalmente, ele ficou um pouco assustado.

– O que foi? – perguntou ele, se encolhendo.

– Vou acender a luz – disse ela – e então você vai ver com os seus olhos.

Quase pela única vez na sua vida, que eu saiba, Peter sentiu medo.

– Não acenda a luz! – gritou ele.

Wendy passou as mãos pelos cabelos do menino trágico. Não era mais uma menina louca por ele; era uma mulher adulta que sorria daquilo tudo, mas com

os olhos úmidos.

Então ela acendeu a luz, e Peter viu. Deu um grito de dor; e quando a criatura alta e linda se debruçou para levantá-lo nos braços, ele recuou num salto.

– O que aconteceu? – perguntou ele de novo.

Ela precisou lhe contar.

– Estou velha, Peter. Já passei muito dos vinte anos. Eu cresci, muito tempo atrás.

– Mas você prometeu não crescer!

– Não houve jeito, Peter. E eu me casei.

– Não, não pode ser!

– Sim. E a garotinha na cama é minha filha.

– Não, não pode ser!

Mas Peter entendeu que precisava ser assim; e deu um passo na direção da criança adormecida com a adaga em punho. Mas claro que não atacou. Em vez disso, sentou-se no chão e começou a soluçar; e Wendy não sabia como consolar o menino, embora antes soubesse perfeitamente. Agora não passava de uma mulher, e saiu correndo do quarto, tentando pensar.

Peter continuou chorando, e dali a pouco seus soluços despertaram Jane. Ela se sentou na cama, e ficou interessada na mesma hora.

– Menino, por que você está chorando?

Peter se levantou e fez uma reverência diante dela, e da sua cama Jane lhe fez um cumprimento de cabeça.

– Olá.

– Olá.

– Meu nome é Peter Pan – disse ele.

– É, eu sei.

E ele explicou:

– Voltei para buscar a minha mãe e levá-la de volta para a Terra do Nunca.

– É, eu sei – respondeu Jane. – E estava mesmo esperando por você.

Quando Wendy voltou hesitante para o quarto, encontrou Peter sentado ao pé da cama, cantando de galo em plena glória, enquanto Jane, de camisola, voava pelo quarto num êxtase solene.

– Ela é a minha mãe – explicou Peter.

Jane pousou e postou-se ao lado de Peter, tendo no rosto a expressão que o garoto gostava tanto de ver nas mulheres quando olhavam para ele.

– Ele precisa tanto de uma mãe – disse Jane.

– É, eu sei – admitiu Wendy em tom de desânimo. – Ninguém sabe disso tão bem quanto eu.

– Adeus – disse Peter a Wendy.

E levantou voo. Jane, sem nenhuma vergonha, voava ao lado dele: já era o modo que ela preferia para ir de um lugar a outro.

Wendy se precipitou em direção à janela.

– Não, não! – gritou ela.

– É só para a faxina de primavera – disse Jane. – Ele pediu que eu vá fazer faxina todo ano.

– Se pelo menos eu pudesse ir com vocês – suspirou Wendy.

– Mas você sabe que não consegue mais voar – lembrou Jane.

Claro que no final Wendy deixou os dois partirem juntos. Nossa última visão mostra Wendy ao lado da janela, acompanhando com os olhos enquanto os dois vão diminuindo no céu até ficarem do tamanho de duas estrelas.

POSFÁCIO

Jack Zipes

Mesmo sendo famoso por seu principal protagonista, Peter Pan, o romance *Peter e Wendy* é raramente lido hoje em sua forma de livro, se é que já foi muito lido em algum momento. Claro que milhões de crianças (e de adultos) nascidos na segunda parte do século xx conhecem Peter Pan, principalmente porque viram o garoto voando em algum palco, representado por uma mulher, como as magníficas atrizes Eva Le Gallienne, Jean Arthur e Mary Martin, ou porque assistiram à versão em desenho animado de Walt Disney. Na verdade, a maioria dos jovens e dos adultos deve ter sido apresentada a Peter e seus amigos por alguma versão adulterada, um livro da Disney, uma adaptação para tv, produtos com a figura de Peter Pan, alguma montagem local da peça ou *Hook – A volta do Capitão Gancho* [1991], filme de Steven Spielberg. Muitos jamais leram as histórias de J. M. Barrie em *Peter Pan in Kensington Gardens* [1906], no romance *Peter e Wendy* [1911] ou na peça *Peter Pan, o menino que não queria crescer* (cujo texto final é de 1928). O nome J. M. Barrie não lhes diz quase nada. E nem querem saber ao certo quem ele foi. Ainda assim, a história de James Matthew Barrie, o criador de Peter Pan, é fascinante, e pode nos ajudar a entender por que Peter Pan, o menino que se recusa a crescer, continua a cativar a imaginação de tanta gente no mundo inteiro.

Barrie e suas obras sobre Peter Pan sempre foram muito bem cotados nos círculos literários até a década de 1970. Mas os críticos mais recentes da peça, encenada pela primeira vez em 1904, e do romance publicado em 1911, não conseguem evitar colocar na conta de Barrie escapismo, infantilismo além de algum tipo de deleite perverso ao manipular crianças. Quase todos os estudiosos identificam Peter Pan como uma espécie de *Doppelgänger* de Barrie, introduzindo aspectos reveladores da biografia do autor na interpretação de suas obras. Afinal, Barrie era muito baixinho, um homem cheio de caprichos, que muitas vezes conseguia ser generoso e cruel ao mesmo tempo. Imprevisível, vivia ao sabor das mudanças de seu estado de espírito. Tinha grande dificuldade de amar e de ser amado. Vivia essencialmente para sua obra, e morreu sozinho. De modo que não é injustificado perguntar se a figura de Peter Pan – cuja peça Barrie só parou de revisar com a edição oficial de 1928 – não seria uma projeção de sua vida íntima. E, neste caso, não teria incorporado inconscientemente boa parte de seus desejos secretos ao escrever sobre Peter Pan, Wendy, os irmãos Darling e os meninos perdidos? Quem era Wendy? Quem eram esses irmãos e aqueles meninos? Certos críticos afirmam que a relação entre Peter e Wendy reflete uma ligação edipiana mal resolvida entre Barrie e a própria mãe. Outros acusam Barrie de ter explorado cinco meninos que conheceu nos jardins de Kensington, tanto nas obras de ficção quanto na vida real. Sugerem que Barrie pode ter sido pedófilo, ou homossexual disfarçado. A

crítica Jacqueline Rose chegou ao ponto de elaborar, a partir dos textos sobre Peter Pan, um estudo de caso no qual afirma que a literatura infantil como um todo envolve um tratamento abusivo, se não sádico, dos personagens infantis da narrativa, e que essas narrativas engendram representações da infância basicamente destinadas a satisfazer os desejos, impulsos e carências do autor, racionalizando o comportamento das crianças. A literatura infantil, segundo Jacqueline Rose, não se destina ao proveito ou ao deleite das crianças. Na verdade, a manipulação narrativa pode ser associada à maneira como as crianças são usadas, quando não abusadas, pelos adultos no processo de socialização.

Encarados de uma perspectiva biográfica e psicanalítica, as obras que falam de Peter Pan podem trazer de fato uma carga considerável de questões polêmicas. Barrie tinha inúmeros complexos e se preocupava claramente com a conquista e a manutenção do amor de sua mãe, o desenvolvimento de sua aptidão sexual e a demonstração cabal de que era um homem e escritor brilhante. Mas seria um grande erro ler e interpretar suas obras especificamente do ponto de vista de seus conflitos pessoais. A maioria dos leitores do romance ou dos espectadores da peça talvez se sintam cativados por Peter Pan, o menino que nunca cresce e se recusa a integrar-se na sociedade inglesa normal, por muitos motivos além daqueles ligados às questões da vida de Barrie. Num nível cultural mais amplo, encontra-se no personagem rebelde de Peter Pan fortes atrativos que pedem uma atenção mais intensa que os problemas de Barrie, pois Peter Pan é um ícone cultural que se recusa a ser civilizado. Além do mais, Peter defende com vigor seu estilo de vida e, nesse ponto, apresenta semelhanças com outras grandes figuras da literatura infantojuvenil criadas mais ou menos na mesma época – Huckleberry Finn, de *As aventuras de Huckleberry Finn* [1884], e Dorothy, de *O Mágico de Oz* [1900]. No final do romance de Mark Twain, Huck declara que prefere ir para o inferno a ser civilizado, enquanto Dorothy se recusa a voltar para Kansas no sexto livro da série escrita por L. Frank Baum, e permanece no país de Oz pelo resto da vida. O que falar então desses protagonistas, que rejeitam suas sociedades para viver em outros domínios? O que havia no ar nos Estados Unidos e na Inglaterra na virada do século para produzir três das maiores obras da literatura infantojuvenil de todos os tempos? Foram obras de rebeldia? E por que ainda continuam a exercer um papel tão formidável na cultura inglesa e norte-americana em pleno início do século XXI? Mais do que Huck ou Dorothy, Peter Pan continua a voltar perpetuamente, só para dizer toda vez que não pode ficar. Está sempre presente, mas ainda assim nos nega a própria presença mesmo quando consegue nos convencer, durante a encenação da peça, a gritar que acreditamos em fadas.

É sabido que jamais conseguiremos descobrir o significado “essencial” do ícone de Peter Pan. A história por trás do autor das obras de Peter Pan e a história

do significado das obras sobre Peter Pan acabaram fundidas, da mesma maneira como os contos, a peça e o romance sobre Peter Pan inevitavelmente se entrelaçam. No entanto, é importante distinguir a vida de Barrie de suas obras, e notar como se associaram e como precisam ser desemaranhadas e lidas separadamente. Pois Peter Pan não é J. M. Barrie, e Barrie nunca soube ao certo o que Peter representava e o que pretendia exatamente fazer com Peter, Wendy e os meninos.

James Matthew Barrie nasceu na cidadezinha escocesa de Kirriemuir, no dia 9 de maio de 1860. Era o terceiro filho homem, e o nono rebento, de David Barrie, um tecelão, e sua mulher, Margaret Ogilvy. (Na tradição escocesa, as mulheres conservavam o nome de solteira.) Uma outra filha, Maggie, nasceria três anos depois. Embora a família fosse grande e o dinheiro escasso, a família Barrie conservava uma independência ativa e acreditava profundamente no poder da religião e da educação para melhorar sua sorte nesta terra. David Barrie e Margaret Ogilvy também tinham grandes ambições para seus filhos. Todo o dinheiro ganho com a tecelagem destinava-se à educação dos meninos e a uma boa formação cristã para as meninas. Além do mais, precisavam demonstrar lealdade à família, e realmente se ajudaram ao longo das suas vidas. Por exemplo: Alexander (Alec), o irmão mais velho, nascido em 1842, já estava na Universidade de Aberdeen quando Barrie nasceu. Pouco depois de obter o grau de mestre na Academia de Glasgow, ajudou a financiar a educação de seus dois irmãos, e se mostrava sempre disponível para lhes dar conselhos.

Havia, contudo, alguns problemas no lar dos Barrie, típicos de uma família daquela região da Escócia. Mal viam o pai, pois trabalhava muitíssimo, enquanto Margaret Ogilvy mantinha um controle cerrado sobre as crianças para garantir que se mantivessem limpas e diligentes, frequentassem a igreja todo domingo, lessem a Bíblia e se saíssem bem na escola. Embora todas as crianças fossem educadas com imenso cuidado, era evidente que o segundo filho, David, nascido em 1853, era o favorito, e Margaret tinha grande esperança de que ele se tornasse um pastor protestante famoso em toda a Escócia. Em 1866, David foi mandado para a cidade de Bothwell, onde Alexander dirigia uma pequena escola, a fim de se preparar para os exames de admissão às universidades de Glasgow ou Aberdeen. No entanto, pouco antes de seu 14^o aniversário, em 1867, David sofreu um acidente enquanto patinava no gelo e morreu em consequência de uma grave fratura craniana. Sua morte foi particularmente traumática para a mãe. De acordo com o relato posterior de Barrie, registrado na obra *Margaret Ogilvy*, publicada em 1896, ela entrou em depressão profunda e viveu melancólica pelo resto da vida. Embora Barrie tivesse apenas seis anos na ocasião, e só lhe restassem memórias vagas de David, Barrie decide restaurar a saúde e a felicidade da mãe, buscando sucesso na vida. Embora menos estudioso

que seus irmãos mais velhos, Barrie era um leitor ávido. Lia muitas vezes junto com a mãe e se interessava pelo teatro, chegando a brincar de teatrinho para dramatizar cenas do Antigo Testamento. Também gostava de pregar peças e desenvolveu grande amor pelo *cricket*. Seus pais nunca tiveram grandes expectativas em relação ao menino, mas a mãe encontrava consolo em compartilhar histórias com ele, e, como Barrie escreveu: “Eu passava bastante tempo sentado na cama dela, tentando fazê-la esquecer-se dele, em minha maneira tortuosa de interpretar o papel de médico”.

Até certo ponto, o jovem Barrie, que não chegou a abandonar de todo seus modos espontâneos, assumiu a partir desse momento o papel de médico na família – papel que continuaria a desempenhar pelo resto da vida. Barrie adorava a medicina, além de sua mãe. Depois de adulto, fazia o papel de médico em todas as relações, prescrevendo para as pessoas como deviam sentir-se, o que deviam fazer, os remédios que precisavam tomar em certos casos e, basicamente, cuidando da ordem geral das vidas. Mas, primeiro, ele precisava aprender e decidir o que ele próprio desejava fazer.

Dos oito aos dezoito anos, a formação de Barrie foi supervisionada por seu irmão, na Academia de Glasgow e na Academia de Dumfries. Era um aluno acima da média, leitor ávido das literaturas inglesa e norte-americana, e fundou o Amateur Dramatic Club [Clube dramático amador]. Ainda assim, a média geral de suas notas na escola não era suficiente para lhe garantir uma bolsa de estudos na universidade, e ele esperava que a família apoiasse a decisão de seguir a carreira de escritor, logo depois de concluir os estudos em Dumfries. Embora não tenha obtido a bolsa de estudos, seus pais o forçaram a estudar para garantir um grau universitário, e mais uma vez Alexander interveio e lhe disse que pagaria pelo curso na Universidade de Edimburgo, onde David Masson, um grande estudioso de literatura, poderia acolhê-lo debaixo de sua asa. Como Barrie jamais foi capaz de magoar a família, concordou em estudar quatro anos para obter o grau de “mestre das artes”, com especialização em literatura.

Aos dezoito anos, Barrie não passava de 1,55 metros de altura, e demonstrava acanhamento em público. E jamais havia tido envolvimento romântico com uma garota. Socialmente, sua adaptação à vida universitária foi difícil. Além disso, ele temia as cadeiras de ciências que precisaria cursar, e viu-se obrigado a uma vida ascética em Edimburgo devido à precariedade de suas finanças. Mas Barrie sempre foi empreendedor, e estava determinado a deixar marcas como escritor. No primeiro ano de seus estudos, tornou-se crítico *freelance* de teatro no *Edinburgh Courant*, escrevendo sobre peças encenadas em Edimburgo, Glasgow e outras cidades. Além disso, entrou para um grupo de debates e, aos poucos, foi aprendendo a superar a timidez. Durante seus quatro anos na universidade, estudou muito, frequentou os teatros o máximo que pôde, travou amizade com outros estudantes e, finalmente, obteve seu grau de mestre em abril de 1882.

Apesar do diploma, Barrie se viu na mesma posição em que se encontrava ao formar-se na Academia de Dumfries quatro anos antes – tomado pelo desejo de se tornar escritor, mas sem emprego nem qualquer perspectiva de trabalho. Pelo menos até o inverno de 1882, quando uma de suas irmãs, Jane Ann, viu por acaso um anúncio procurando um jornalista que pudesse escrever artigos para um jornal inglês, o *Nottingham Journal*. Barrie se candidatou imediatamente e, para sua grande surpresa, conseguiu o posto e a oportunidade de escrever não só artigos de perfis de pessoas como ainda resenhas, contos e uma peça de teatro. Alguns desses textos também eram publicados em revistas londrinas. Infelizmente, em outubro de 1884, foi demitido pois os proprietários do jornal estavam falidos e decidiram publicar apenas artigos distribuídos por agências, ao invés de pagar um corpo próprio de jornalistas.

Assim que Barrie retornou a Kirriemuir, começou a fazer planos de se mudar para Londres, onde tinha conseguido vender seus textos para vários jornais e revistas. Em março de 1885 instalou-se finalmente em Londres perto do British Museum, dedicou-se intensamente ao trabalho e, dali a cinco anos, era visto como um dos jovens literatos mais promissores da Inglaterra. Publicou inúmeros artigos e contos na *St. James's Gazette*, no *Spectator*, no *Chambers Journal* e em outros jornais e revistas, além de escrever textos curtos de sátira e pequenas peças teatrais. Sua primeira publicação importante em livro, *Auld Licht Idylls* [1888], era uma coletânea de retratos da vida rural escocesa no início do século XIX, em parte baseada nas reminiscências de sua mãe, e obteve um sucesso relativo. Foi seguido por outro livro semelhante, *A Window in Thrums* [1889], que não teve a mesma sorte, e seu primeiro romance, *The Little Minister* [1891], obteve excelente acolhida popular. Situado na Escócia da década de 1840, durante as revoltas dos tecelões conhecidas como Weaver's Riots, fala de um “pequeno” pastor que se apaixona por uma cigana e precisa enfrentar o povo de sua cidadezinha, que se opõe a esse comportamento não-conformista. O romance foi adaptado para o palco em 1897, e fez o nome de Barrie ser conhecido na Inglaterra e nos Estados Unidos. Barrie era tido não só como bom romancista, mas também como dramaturgo talentoso. No entanto, ele aperfeiçoou bastante a habilidade de romancista e de escritor de ficção em prosa antes de se dedicar principalmente ao teatro.

Em 1896, depois de publicar coletâneas de seus contos e crônicas, produziu duas obras importantes, *Margaret Ogilvy*, biografia de sua mãe, obra em parte responsável pela lenda do jovem Jamie que jamais conseguiu substituir o irmão morto aos olhos da mãe, e *Sentimental Tommy*, sobre um jovem sonhador, com fortes traços autobiográficos, incorporados ainda em sua continuação, *Tommy and Grizel* [1900]. Este segundo livro já prenunciava Peter Pan, com trechos em que o narrador dizia, por exemplo: “Pobre Tommy! Ainda era um menino, sempre um menino, tentando às vezes, como agora, ser um homem, e toda vez que

olhava ao redor retornava correndo para a sua infância, como se a visse estendendo-lhe os braços num convite para voltar e retomar os seus folguedos. Gostava tanto de ser menino que era incapaz de crescer. [...] Mas agora, 25 anos depois, ali estava sua biografia, com o título modificado. Você pode se perguntar como tive a coragem de escrevê-la. Escrevo, afirmo muitas vezes a mim mesmo, para que todos possamos rir do desnudamento de um patife, mas nunca foi essa a minha principal motivação. Terei sido realmente habilidoso, ou terei revelado tudo ao meu leitor desde o início? Você terá descoberto que meu verdadeiro sentimento era de pena por esse garoto, tão apegado à meninice que os anos não o transformaram num homem, a tal ponto que não contei nada a respeito dele que não fosse verdadeiro, mas lancei mão de um escárnio desnecessário na esperança de que ele o levasse a protestar: ‘Ora, você está sendo rigoroso demais com o rapaz’”.

Essas passagens são significativas porque revelam como, ainda no início de sua carreira, Barrie tentou apresentar-se como um menino que não queria crescer. De maneira consciente – e, pode-se acrescentar, bem-sucedida –, ele desenvolve um estilo narrativo manipulador por meio de um autor fictício que mobiliza as simpatias de seus leitores com charme e senso de humor. O tempo todo Barrie revisa a história da vida dele, quase escrevendo o que seria o “conto de fada da minha vida”, tal como Hans Christian Andersen fez em sua autobiografia. A exemplo de Andersen, Barrie não revela verdades a seu respeito, mas dosa o quanto expõe, a fim de ocultar uma percepção inquietante de sua psique e de seu próprio comportamento. Muitos escritores produzem obras autobiográficas para construir lendas acerca de si mesmos e impedir que o público forme opiniões autônomas a respeito deles. Barrie não agiu diferente, e sempre tentou censurar e controlar suas relações com o mundo exterior.

E essas relações se davam em grande escala. Quanto mais sua fama crescia na década de 1890, mais se interessava pela alta sociedade e por mulheres jovens. A situação financeira de Barrie tinha melhorado imensamente, permitindo-lhe mudar-se para uma residência luxuosa, além de jantar e de conviver com membros da classe alta. Com mais fama e confiança, passou a sair com jovens atrizes, que sempre tinha admirado mas antes era acanhado demais para abordá-las. À altura em que sua peça *Walker, London* [1892] foi encenada em Londres, se apaixonara por Mary Ansell, uma linda e talentosa atriz, e durante um longo período de convívio, ficou sabendo que ela aceitaria casar-se com ele, e ainda assim passou meses hesitando em pedir-lhe a mão. Num dos depoimentos mais reveladores sobre sua vida, *J. M. Barrie, the Man Behind the Image*, Janet Dunbar comenta: “Só Deus sabe que noite escura da alma J. M. Barrie precisou atravessar pela ideia de uma união com uma mulher de carne e osso. Nunca mais poderia refugiar-se em imagens românticas quando a vida pusesse sua poderosa imaginação em conflito com as realidades do

casamento. O quanto Barrie tinha clareza sobre si mesmo? Será que sabia, ou suspeitava, que lhe faltava virilidade, e por isso não devia se casar de todo? É difícil acreditar que nunca pensasse sobre sexo, com a imaginação que tinha; da mesma maneira, não é difícil entender por que entrava em pânico com a ideia de qualquer contato carnal com as mulheres. Margaret Ogilvy tinha deixado sua marca no filho quando este estava na idade mais suscetível, e em seu subconsciente, ele ainda aceitava a atitude puritana extremada da mãe, para a qual as relações entre o homem e sua mulher eram ‘lamentáveis mas necessárias’. É provável que a única maneira que ele encontrou para resolver os complexos criados por essa atitude fosse a sublimação de seus desejos naturais – que transformava numa espécie de adoração romântica mas, no íntimo, sabia ser falsa, e que não tinha como controlar. E sua timidez patológica também deve ter contribuído”.

Ainda assim ele superou tanto a timidez quanto suas dúvidas, e casou-se com Mary Ansell em 4 de julho de 1894. Em seguida passaram a lua de mel na Suíça, onde, segundo sua mulher, o casamento nunca foi consumado. Ironicamente, os anos improdutivos do casamento, que terminaria em divórcio em 1909, coincidem com um dos períodos mais férteis da vida de Barrie. Ele não só escreve o romance *The Little White Bird* [1902], com capítulos-chave que apresentam Peter Pan ao mundo, mais tarde publicados separadamente em *Peter Pan in Kensington Gardens*, como ainda produz algumas de suas principais peças de teatro: *The Little Minister* [1897], *Quality Street* [1902], *The Admirable Crichton* [1902], *Little Mary* [1903], *Peter Pan* [1904], *What Every Woman Knows* [1908] e *A Slice of Life* [1910]. Além disso, correspondia-se com muitos dos grandes escritores de seu tempo, como Arthur Conan Doyle, Robert Louis Stevenson, Thomas Hardy, H. G. Wells e outros, e ainda se dava pessoalmente com muitas outras figuras destacadas dos círculos teatrais e literários. Graças em grande parte à cooperação generosa de Mary Ansell, recebia em sua casa e frequentava jantares nas residências da elite social de Londres, apesar das grandes dificuldades de seu casamento.

O acontecimento social mais memorável e notável da vida de Barrie no período, porém, não envolveu adultos, mas três meninos que conheceu nos jardins de Kensington. Barrie e a mulher se mudaram para uma espaçosa residência em Leinster Corner, muito perto do parque. Barrie costumava passear por lá na companhia de seu cão são-bernardo, chamado Porthos. No verão de 1897, deparou-se casualmente com Mary Hodgson, uma babá, que passeava com os meninos da família Llewelyn Davies: George, de quatro anos, e seus irmãos mais novos Jack e Peter, com três e um ano de idade cada. Atraído pelos meninos, Barrie começou a fazer truques de mágica para eles. E continuou a fazê-lo por todo o verão e pelo outono adentro, muitas vezes inventando histórias com fadas, piratas, ilhas mágicas e personagens estranhos. Foi apenas em um

jantar tempos depois que, no mesmo ano, Barrie conheceu a mãe das crianças, Sylvia Llewelyn Davies, filha do romancista George du Maurier, e irmã do ator Gerald du Maurier, que mais tarde tornaria famoso o papel do Capitão Gancho. Sylvia Davies, mulher linda e graciosa, com 31 anos àquela altura, era casada com um jovem advogado bem-sucedido chamado Arthur, de 34 anos. Assim que Barrie descobriu que Sylvia era a mãe dos meninos dos jardins de Kensington, sentiu uma forte ligação com ela. Se Barrie apaixonou-se por Sylvia como mulher ideal e mãe, pouco importa. O que interessa é que Barrie literalmente adotou tanto ela como a família dela pelo resto de suas vidas.

Mesmo que se considere as relações de Barrie com Sylvia e Arthur e seus cinco filhos – tiveram mais dois, Michael (nascido em 1900) e Nicholas (Nico, nascido em 1903) – invasivas, infiltradas, manipuladoras ou obsessivas, o fato é que Barrie passou a considerar-se responsável por eles, de quem “cuidava” da mesma maneira que revisava suas obras de ficção, empenhando-se em alterar e modificar as histórias de vida de acordo com sua imaginação e seus caprichos. O que não significa que Barrie fosse um monstro e um ditador, ou que tivesse plena consciência do quanto podia ser invasivo. Barrie era muito leal, generoso e gentil. Mas também era um homem que se deixava mover por impulsos, e que aparentemente não raciocinava muito acerca dos impulsos que o dominavam em suas relações com as pessoas mais próximas, especialmente quando eram mulheres. Assim, havia um preço a pagar pelo interesse que ele devotava às pessoas e pela generosidade que sempre demonstrava. Arthur Davies, por exemplo – e mais tarde um de seus filhos, Peter – não via com bons olhos o envolvimento de Barrie com a família.

Entretanto, depois de estabelecida a ligação, Barrie não se ausentava mais. Em 1898, depois que conheceu Sylvia, não se satisfazia apenas com os encontros nos jardins de Kensington, mas voltava para casa com os meninos e muitas vezes se convidava para o chá ou para o jantar. Suas histórias com fadas se multiplicavam, e ele batizou Peter Pan em homenagem ao terceiro filho dos Davies e ao mítico deus grego dos rebanhos, conhecido por seu comportamento desordeiro e por suas farras. Claro, o Pan de Barrie não era tão viril e indisciplinado como o deus da Arcádia, mas sim um menino que não tinha como voltar para a mãe. Sabia voar e tinha aprendido a se cuidar no reino das fadas dos jardins de Kensington, mas fora dali não tinha qualquer poder.

Enquanto isso, Mary Barrie, que desde muito cedo percebera estar às voltas com um casamento problemático, comprou uma casa em Surrey, perto de Londres, redecorando-a e transformando-a numa casa de campo para a qual convidava parentes e amigos. Os Davies sempre estavam entre os hóspedes, e foi lá que Barrie tirou as fotografias dos meninos e de Porthos, transformando-as num livro intitulado *The Boy Castaways of Blacklake Island Being a Record of the Terrible Adventures of the Brothers Davies in the Summer of 1901* [1901].

Guardou um exemplar e deu o outro ao pai dos meninos, Arthur, que simbolicamente o perdeu num trem. Entretanto, apesar dessa perda “literária”, Barrie ainda não tinha chegado ao fim de seu envolvimento com os meninos Davies e Peter Pan.

A outra aparição do personagem ocorreria em vários capítulos que Barrie já tinha começado a escrever para *The Little White Bird*, romance para adultos, cujo narrador se estende sobre seus encontros com um menino chamado David, nos jardins de Kensington. E foi também nesse período, mais exatamente no Natal de 1902, que Barrie levou Jack, George e Peter Davies para ver um musical infantil em Londres – *Bluebell in Fairyland*. Uma das primeiras peças comerciais encenadas especificamente para crianças, falava de uma pequena florista que vai parar na terra das fadas, onde vive incríveis aventuras. Mas descobre, no final da peça, que estava sonhando. O belo enredo teve influência sobre a imaginação de Barrie. E, o mais importante, levou-o a cogitar escrever uma peça em tom de conto de fada para crianças e adultos, em que pudesse incorporar muitas das anotações que escrevia sobre Peter Pan.

Devido a outros projetos, Barrie não pôde dedicar-se totalmente à figura de Peter Pan, que tanto estimulava sua imaginação, antes de outubro de 1903. Nesta ocasião, como revelam seus diários, trabalhou febrilmente na peça teatral e completou uma primeira versão no dia 1^o de março de 1904. Pretendia oferecer a peça a seu amigo, o produtor norte-americano Charles Frohman, cuja chegada em Londres estava prevista para a Páscoa daquele ano. Nesse meio-tempo, tentou cativar o interesse do grande ator inglês Beerbohm Tree no papel do sr. Darling, e promoveu uma leitura particular para ele. Decepcionado e quase chocado com a peça de caráter de conto de fada, algo que Barrie até então não tinha produzido, Tree escreveu para Frohman, avisando que: “Barrie perdeu a razão [...] Sinto muito lhe dizer, mas creio precisar informar-lhe. Acaba de me ler sua nova peça. E vai lê-la para você. Sei que não fiquei de miolo mole, porque me submeti a alguns testes depois de ter ouvido a peça, então Barrie só pode ter enlouquecido”.

A peça teve o efeito exatamente oposto em Frohman, o qual se entusiasmou a tal ponto que decidiu produzi-la no teatro Duke of York a tempo das festas de fim de ano, estreando em 27 de dezembro de 1904. Com esse estímulo, Barrie entregou-se a um intenso período de preparação de *Peter Pan* para o palco, reescrevendo o texto seis vezes. Com medo de que o público – a maioria adultos – não reagisse muito bem à história fantástica, instruiu os membros da orquestra que depusessem seus instrumentos e batessem palmas quando Peter, pedindo ajuda para salvar a vida de Sininho, gritava “Batam palmas se vocês acreditam em fadas”. No entanto, essas instruções nem teriam sido necessárias, pois neste momento a plateia prorrompeu em aplausos, levando Nina Boucicault, a atriz que

fazia o papel de Peter, a cair em prantos. A peça fez tamanho sucesso que a primeira temporada durou até abril de 1905, saiu em turnê e foi produzida com resultado equivalente em Nova York. *Peter Pan* continuou a ser encenada em Londres todos os Natais, durante a vida de Barrie e depois. No entanto, ele só publicaria o texto final revisado em 1928, ano em que cedeu os direitos sobre a obra ao Hospital para Crianças Doentes da Great Ormond Street.

Mesmo que *Peter Pan* não tivesse obtido tamanho sucesso, Barrie já atingira a fama como dramaturgo. A peça só o tornou extraordinariamente rico e famoso. Ainda assim, a fama e o dinheiro nunca lhe subiram à cabeça; ele vivia para seus projetos. Barrie carregava um caderno consigo em todos os momentos, e estava sempre anotando ideias para peças e enredos. Era viciado em trabalho, dando pouca atenção à mulher e sentindo-se mais à vontade em seu escritório do que em qualquer outro lugar. Pode-se dizer, talvez, que se sentia mais à vontade no reino da imaginação. Sempre que Barrie tinha tempo de sobra, passava-o principalmente com a família Llewelyn Davies, mas uma série de tragédias havia de perturbar em pouco tempo as relações “idílicas” que julgava ter construído com ela.

Em 1906, Barrie, que já tinha perdido a mãe, o pai e outros membros da família, ficou abatido ao saber que Arthur Davies sofria de câncer. Embora Davies nunca tenha gostado de Barrie nem confiado nele, o homenzinho famoso tornou-se ainda mais dedicado a ele e à família, dando-lhes muitas vezes assistência financeira. Depois de um bravo combate, Davies morreu em 19 de abril de 1907. Enquanto isso, sem o conhecimento de Barrie, que agora tinha assumido o papel de pai / marido substituto na família Davies, sua própria mulher tinha um amante. Embora tivesse acabado de escrever uma de suas melhores sátiras sobre as relações afetivas, *What Every Woman Knows*, Barrie não era muito perceptivo quanto à relação mais íntima de sua vida, e o casamento acabou em divórcio ainda em 1909, quando finalmente ficou sabendo do caso extraconjugal de Mary. Abalado por essa ruptura, não seria capaz de escrever grandes peças depois disso, pois não só Mary o deixou com o Sylvia Davies ainda ficou gravemente doente no verão de 1909, vindo a morrer um ano depois, em 27 de agosto de 1910.

Atormentado e deprimido, Barrie encontrou consolo na ideia de que Sylvia teria prometido casar-se com ele. E o que provavelmente o salvou ainda mais foi seu novo papel como pai substituto para os cinco meninos da família Davies. Mais adiante na sua vida, Peter Davies comentaria algumas das cartas de Barrie: “Embora não esteja explicitamente declarado em lugar algum, percebe-se uma clara suposição de que o papel principal no rumo dos filhos dela seria assumido por J. M. B. Ele era citado com maior frequência e proeminência que qualquer outro dos ‘procuradores e tutores’. Por outro lado, não existe nenhuma sugestão de que ele fosse capaz de ter sozinho o controle, fosse do ponto de vista financeiro

– mas talvez o tom vago do testamento sugira que isto fosse considerado ponto pacífico – fosse como guia, conselheiro e amigo”. De fato, independentemente do que dizia o testamento, Barrie assumiu o controle sobre os meninos. De modo significativo, foi nesse exato período que Barrie adaptou a peça *Peter Pan* e escreveu o romance *Peter e Wendy*, que publicou em 1911.

Ao mesmo tempo em que fazia o possível para assumir o controle sobre os “meus garotos”, como ele os chamava, e muito embora tenha sido honrado com o título de barão em 1913, passando a se chamar Sir James Barrie, não foi capaz de determinar o destino dos rapazes, e nem de garantir a função de pai substituto. As tragédias continuavam. O irmão de Barrie, Alec, que tinha desempenhado um papel tão importante na juventude dele, morreu em 1913. George, o mais velho dos irmãos Davies, morreu em 1915, lutando contra os alemães na Primeira Guerra Mundial. No mesmo ano, o amigo próximo de Barrie, Charles Frohman, produtor de *Peter Pan*, perdeu a vida quando o luxuoso transatlântico *Lusitania* foi torpedeado e naufragou no dia 7 de maio. Frohman estava a caminho de Londres, onde pretendia ver Barrie e tratar de negócios com ele. Peter, o terceiro dos irmãos Davies, partiu para a França em 1917, e retornou da guerra um tanto abalado. Mesmo depois que a guerra acabou, em 1918, e Barrie visitou a França a convite do exército norte-americano, uma nova tragédia o esperava quando o favorito dos irmãos Davies, Michael, morreu afogado em um acidente no ano de 1921.

Esta última perda foi especialmente devastadora para Barrie, pois era muito próximo de Michael e tinha grandes expectativas em relação ao rapaz. Felizmente para Barrie, conheceu Lady Cynthia Asquith em 1917, e esta se tornou sua secretária particular e seu esteio emocional nos anos que lhe restavam. Lady Cynthia tinha trinta anos de idade e era mãe de dois filhos. Bela mulher com inúmeros dotes, que mais tarde havia de publicar alguns livros para crianças e suas memórias, Lady Cynthia também representava uma substituta da falecida Sylvia Davies. Entretanto, o papel que desempenhava era outro. Assim como Barrie invadiu e tomou conta da vida e da família dela, Lady Cynthia também assumiu o poder sobre ele, e tornou-se responsável pela organização da vida de Barrie, especialmente durante a década de 1930.

Embora Barrie ainda tenha feito uma última peça de sucesso, *Mary Rose*, encenada em 1920, perdeu a alegria de escrever para o palco, pois nunca se conformou com a morte de Michael. Por outro lado, com a ajuda de Lady Asquith, começou a escrever, dar palestras, publicar contos, comparecer a reuniões sociais e a monitorar as atividades dos três irmãos Davies ainda vivos – Peter, Jack e Nico. Fez um último esforço surpreendente para escrever uma peça, *The Boy David* [1936], drama filosófico baseado na vida de Davi antes de se tornar rei de Israel. Mas a peça foi encenada em Edimburgo e Londres sem muito sucesso. Os poderes criativos de Barrie tinham chegado ao fim. Durante os

derradeiros anos de sua vida, a saúde deteriorava, e ele teve vários surtos de depressão. Lady Asquith era convocada a cuidar dele, muito embora ela própria também estivesse doente naquele tempo. Barrie entrava e saía das depressões e, às vezes, mostrava-se rabugento e intratável. Em 1937, raramente deixava seu apartamento em Londres, muito embora gostasse de sair à noite. Em 13 de junho adoeceu seriamente, e os Asquith se revezaram com Peter e Nicholas Davies à cabeceira dele até morrer no dia 19 de junho, tendo sido sepultado em sua cidade natal de Kirriemuir, ao lado da mãe, do pai e dos irmãos.

Poucos críticos assinalaram que o romance *Peter e Wendy* foi lançado em 1911, um ano depois da morte de Sylvia Llewelyn Davies, e que uma versão final da peça ainda não tinha sido publicada. É como se Barrie tivesse sido levado pela morte dela a determinar o enredo sobre Peter Pan, como uma homenagem a ela e aos encontros dela com os filhos. Até aquela altura, Barrie tinha produzido uma série de obras que envolviam diretamente Peter Pan e seus amigos: *The Boy Castaways of Blacklake Island* (impresão particular), *The Little White Bird*, vários textos para a montagem de *Peter Pan, ou o menino que não queria crescer* e *Peter Pan in Kensington Gardens*. Houve ainda outras publicações de autoria alheia – *Peter Pan's Keepsake* [1907], de Daniel S. O'Connor, *The Peter Pan Picture Book* [1907], de Daniel S. O'Connor e Alice Woodward, *The Peter Pan Alphabet Book* [1909], de O. Herford, e *Peter Pan, His Book, His Pictures, His Career, His Friends* [1909], de G. D. Drennan. Interessante notar que o romance é o único texto sobre Peter Pan que menciona um personagem além dele no título, e é significativo ainda que o nome seja o de Wendy, a figura de mãe / esposa ligada a Sylvia, o amor da vida de Barrie, a mulher morta, que supostamente queria casar-se com ele.

Embora Barrie tenha escrito um roteiro para filme mudo *Peter Pan* e um conto curto, *The Blot of Peter Pan*, em 1926, além de continuar a alterar e revisar a peça *Peter Pan* até publicar seu texto final em 1928, tem-se a sensação de que ele pretendia dar um desfecho definitivo à história com a publicação do romance em prosa em 1911: Peter continua a viver na obra, enquanto Wendy morre. E embora Wendy morra, sua filha e as filhas de suas filhas continuam a voltar para o imortal Peter. Ele nunca ficará sem ela e seus rebentos, assim como nunca ficaremos sem alguma versão de *Peter Pan*.

O romance “definitivo” é a mais complicada e sofisticada de todas as versões de *Peter Pan*, e embora possa dirigir-se em parte aos leitores jovens, é claramente um testamento para Sylvia, escrito antes de tudo para adultos. Não se trata de ficção para crianças. As alusões cômicas cifradas, os apartes, os gracejos e as intrusões que ocorrem com piscadela de olhos são numerosos demais para que uma criança possa perceber tudo o que ocorre ao longo do romance. Não que os leitores adultos possam compreender por completo o significado de Peter e da Terra do Nunca, mas fica claro que o narrador do

romance conta sua história para adultos e, dado o conhecimento íntimo dele sobre as crianças e o mundo delas – algo que ostenta para seus leitores –, assume a missão de explicar as crianças para os adultos: “Não sei se algum de vocês já viu o mapa da cabeça de uma pessoa. Às vezes os médicos desenham mapas de outras partes do corpo humano, e você pode achar o mapa do seu corpo muitíssimo interessante, mas duvido que tentassem desenhar o mapa da mente de uma criança, que não só é confusa como vive mudando o tempo todo. Tem linhas em zigue-zague, como os gráficos de temperatura, e é bem provável que essas linhas mostrem os caminhos da ilha: porque a Terra do Nunca é sempre mais ou menos uma ilha, com cores incríveis aqui e ali, recifes de coral e navios de ar sinistro perto da costa, selvagens e pântanos isolados, gnomos que trabalham quase todos como alfaiates, cavernas atravessadas por rios, príncipes com seis irmãos mais velhos, uma cabana quase totalmente depredada e uma velhinha bem baixinha com o nariz bem curvo”.

Depois de comentar que cada criança tem uma Terra do Nunca com qualidades singulares, o narrador continua: “Mas no geral as Terras do Nunca são todas parecidas ou da mesma família, e se um dia pudessem parar uma do lado da outra, daria para você dizer que têm o nariz parecido e assim por diante. Nessas paragens mágicas, as crianças que brincam estão sempre ancorando os seus caiaques. Nós também já estivemos lá; ainda nos lembramos do som das ondas, mas nunca mais desembarcaremos nessas praias.”

Paradoxalmente, é verdadeira a impossibilidade de capturar ou recapturar as experiências fantasiosas como Barrie tenta fazer por meio da invenção de um narrador onisciente, que se delicia em brincar com seus leitores e em lhes impor seu vasto conhecimento acerca das crianças. Essa experiência de leitura que Barrie propõe aos adultos contrasta diretamente com a experiência que já lhes proporcionara em sua peça teatral. Enquanto a peça, que pode ser apreciada na mesma medida por crianças e adultos, é demonstrativa e cheia de ação que dispensa muitas explicações, o romance, que é difícil de ser apreciado por leitores jovens e às vezes sentencioso, é explicativo e serve como um comentário à peça, com a qual, Barrie só podia supor, a maioria dos leitores tinham e ainda têm alguma familiaridade.

Peter e Wendy, assim, é um anticonto de fada, e se esforça por explicar o mistério em situações nas quais os contos de fada se limitam a expor a mágica e o mistério. É um livro de autoajuda escrito por um autor que pretendia poder ajudar os adultos que tivessem perdido o contato com sua imaginação, precisando retomá-la através de uma reintrodução às brincadeiras imaginativas das crianças. É um romance prosaico que visa reavivar a luz de uma possível experiência infantil que o narrador deseja preservar para a eternidade, ou, pelo menos, enquanto viver, pois de outro modo não nos contaria e explicaria com tantos detalhes a maneira como concebe a noção da imaginação das crianças.

Em sua brilhante análise dos textos sobre Peter Pan e do fenômeno cultural que constituem, Jacqueline Rose afirma que: “O que *Peter e Wendy* de Barrie demonstra com uma clareza excessiva para o conforto é que a linguagem não é inocência (palavra e coisa), mas antes uma escolha de lado (uma palavra contra a outra). Em *Peter e Wendy*, a linha entre o narrador e seus personagens não é nítida e / ou invisível; ela é assinalada como uma divisão, para não dizer oposição, ou mesmo guerra”. Rose demonstra que o narrador nunca está seguro, e assume papéis diversos, como criador, autor e criança. Além disso, o próprio Barrie, como autor, tenta reunir em seu romance duas vertentes da ficção infantil que colidiam entre si: a história de aventuras para crianças e a história doméstica e de fadas para crianças. Mas Barrie foi incapaz de combinar satisfatoriamente esses dois caminhos. Na verdade, revela mais sobre a impossibilidade de definir as crianças e a infância do que achava. “*Peter e Wendy* foi [...] a resposta à demanda de um ‘clássico’, o texto definitivo para crianças. Mas algo definitivo, porém, é exatamente o que o texto de Barrie não consegue fornecer – tanto dentro do livro (as oscilações do narrador) como fora dele (todas as outras versões, mais simples, que se seguiriam a ela)”.

Embora a argumentação de Rose seja de grande valia, assim como outros comentários interpretativos em seu livro, ela comete um erro importante ao considerar *Peter e Wendy* um romance para crianças, ou seja, ficção infantil. Embora Barrie empregue múltiplos recursos narrativos e mudanças de perspectiva, o narrador que “toma conta” dos eventos dirige-se *sempre* a outros adultos como leitores implícitos do romance, assim como em *Peter Pan in Kensington Gardens*. E, embora encontremos o que Jacqueline Rose chama de “deslizamento”, ou seja, embora o narrador seja escorregadio, Barrie, o autor, não é. Tem um domínio claro de seus personagens, do enredo e do cenário. Sabe o que quer dizer e não hesita em apresentar uma certa imagem do que seja a brincadeira imaginativa das crianças.

Existem, claro, muitas maneiras de interpretar *Peter e Wendy*, e a interpretação de Jacqueline Rose é uma das mais esclarecedoras. No entanto, alguns críticos assinalaram perceptivamente que o romance e a peça teatral refletem a ansiedade masculina, ao final do século XIX, quando o processo de modernização trazia grandes mudanças para a família e para o local de trabalho. Outros examinaram o desejo nostálgico de retornar ao passado idílico de uma meninice despreocupada, ou a óbvia relação edípica mal resolvida representada pelo papel de mãe em Wendy. Nenhum deles via o romance, porém, como um metacomentário ao comportamento adequado do papel de pais e mães, ou como um manual para os adultos sobre a maneira como as brincadeiras imaginativas precisam ser salvaguardadas para as crianças, de modo que elas possam se transformar em adultos responsáveis.

Peter Pan in Kensington Gardens e Peter Pan, que vieram antes de *Peter e*

Wendy, eram obras incompletas porque não explicavam aos adultos o que não aparecia nas histórias, ou o que os adultos deixam de perceber quando educam as crianças. Assim, Barrie escreveu o texto “definitivo” para “corrigir” suas obras e nossa visão de Peter e de seus amigos, especialmente Peter e uma amiga especial. Em vez de apresentar Peter como uma simples figura escapista, o eterno adolescente, o filho irrealizado, diria que Peter, na versão do narrador, é principalmente um rebelde que rejeita conscientemente o papel de adulto na sociedade convencional porque esta o traiu. Os adultos traíram Peter. Em alguns aspectos, a obra de Barrie reflete sua própria luta para conceber um tipo diferente de progenitor e as relações familiares que lhe faltaram na sua juventude. Por isso, os pais e aqueles em potencial precisam ser reeducados de modo a serem capazes de conceder aos filhos a liberdade de alçar voo para seus próprios domínios e receber o sustento que querem e que precisam. É graças à ajuda de Peter, por exemplo, que Wendy aprende a ser mãe, e Peter a ser pai. Na Terra do Nunca, Peter realmente se transforma no pai consumado, enquanto Wendy adquire uma poderosa consciência de seu instinto materno. A entrada e a passagem pela Terra do Nunca são um terreno de treinamento para todas as crianças que, por sorte, conseguem licença para liberar a imaginação. Esta ideia permite a Barrie postular uma teoria da condição parental em que ele acreditava com todas as forças, muito embora nunca tenha tido filhos “próprios”. Em *Peter e Wendy*, ele se apropria completamente do papel, a fim de mostrar como um bom pai, ou uma boa mãe, devem tratar seus filhos. Desse ponto de vista, a neurose sublimada de Barrie tem ramificações sociopsicológicas mais amplas em sua obra, pois Peter retorna continuamente em busca das crianças do mundo convencional para conduzi-las por experiências que lhes permitem amar, compreender a confiança e ser amadas num ambiente repleto de conflitos, mas de imensa riqueza. A Terra do Nunca, assim, tem um valor utópico como parte do que Herbert Marcuse, em *Eros e civilização*, designa como a “grande recusa” romântica de participar numa sociedade determinada a “instrumentalizar a imaginação”.

Existe um preço a pagar pela posição de rebelde. O narrador nos conta que Peter “vivia aventuras e alegrias que as outras crianças nem imaginam. Mas o que via pela janela era a única satisfação que nunca poderia ter”. Isto aparece no fim do penúltimo capítulo, e a peça, também, reflete essa posição aparentemente solitária. Mas não é assim que o romance termina. No capítulo final, Peter não fica sozinho, e o narrador explica a importância das escapadas para a fantasia e da condição materna. Na verdade, é Wendy quem olha com inveja pela janela enquanto sua filha Jane levanta voo com Peter em direção à Terra do Nunca. O narrador nos diz que Margaret, a filha de Jane, fará a mesma coisa, e “assim as coisas irão continuar para sempre: enquanto as crianças forem alegres, inocentes e sem coração”.

Como sabemos, as crianças não são alegres, inocentes ou sem coração. Como sabemos, não é possível fazer generalizações sobre as crianças e a infância. Mas Barrie não tem medo de generalizar, e o faz criando um narrador seguro e sensato, que Sigmund Freud poderia invejar. O narrador fala quase como se fosse um psicólogo profissional especializado em crianças e na família, e soubesse tudo que é possível sobre as crianças, seus domínios imaginários e a necessidade de manter viva a fantasia.

Depois de criar Peter Pan, Barrie queria que seus leitores e críticos continuassem voltando para ele e os textos a seu respeito. Nunca se incomodou com os diversos espetáculos que utilizaram sua figura simbólica, e é provável que não se importasse com o filme de Disney e todos os outros filmes e artefatos que vieram depois dele, porque tinha estabelecido sua narrativa, como história e comentário, em *Peter e Wendy*. Ironicamente, Peter, que declara na peça e no livro “Não quero ir para a escola e aprender essas coisas de cerimônia. [...] Não quero virar adulto”, é levado para os colégios numa edição escolar autorizada do romance em 1915, e é mais conhecido por meio de versões adulteradas que por meio da edição definitiva. O espírito imaginativo que Barrie criou para se opor à institucionalização tornou-se amplamente institucionalizado e comercializado ao longo de todo o século xx. Ainda assim, Peter Pan, como o seu criador, é uma figura intrometida e imprevisível, que insiste em continuar voltando para dar um jeito na nossa realidade e arrebatando as pessoas ainda dispostas a acreditar no poder das fadas.

OBRAS DE J. M. BARRIE

FICÇÃO

- When a Man's Single: A Tale of Literary Life* (1888)
A Window in Thrums (1889)
The Little Minister (1891)
A Powerful Drug and Other Stories (1893)
Sentimental Tommy – The Story of his Boyhood (1896)
Tommy and Grizel (1900)
The Boy Castaways of Blacklake Island (1901)
The Little White Bird (1902)
Peter Pan in Kensington Gardens (1906)
Peter e Wendy (1911)
Cricket (1926)
Farewell, Miss Julie Logan: A Wintry Tale (1932)

TEATRO

- Auld Licht Idylls* (1888)
Better Dead (1888)
Richard Savage (1891)
Walker, London (1892)
A Tillyloss Scandal (1893)
Two of Them (1893)
A Lady's Shoe (1894)
Life in a Country Manse (1894)
The Wedding Guest (1900)
Quality Street (1901)
The Admirable Crichton (1902)
Little Mary (1903)
Peter Pan, or The Boy Who Wouldn't Grow Up (1904)
Alice Sit-by-the-Fire (1905)
Pantaloon (1905)
What Every Woman Knows (1906)
When Wendy Grew Up – An Afterthought (1908)
A Slice of Life (1910)

Half an Hour (1913)
The Admirable Crichton (1914)
Der Tag, or The Tragic Man (1914)
Dear Brutus – A Comedie in Three Acts (1917)
Mary Rose (1920)
Kiss for Cinderella (1921)
The Old Lady Shows Her Medals (1921)
The Twelve-Pound Look (1921)
Peter Pan, or The Boy Who Wouldn't Grow Up (1928)
The Boy David – A Play In Three Acts (1936)
The Greenwood Hat: Being a Memoir of James Anon 1885-1887 (1937)

POESIA

Scotland's Lament: A Poem on the Death of Robert Louis Stevenson (1895)

ÓPERA

Jane Annie (1893)
[coescrita com Sir Arthur Conan Doyle, música de Ernest Ford]

COLETÂNEAS

Echoes of the War (1918)
Shall We Join The Ladies? (1929)
An Auld Licht Manse: And Other Sketches (1970)

NÃO FICÇÃO

Margaret Ogilvy (1896)
Charles Frohman: A Tribute (1915)
Shakespeare's Legacy (1916)
Courage (1922)
M'Connachie and jmb: Speeches (1938)
My Lady Nicotine (1890) / *A Study in Smoke* (1926)

SOBRE O TRADUTOR

SERGIO FLAKSMAN nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1949. Em 1966 começou a trabalhar como assistente editorial de Antonio Houaiss, na *Grande Enciclopédia Delta Larousse*. Estreou no mundo da tradução literária com *Bonequinha de luxo*, novela de Truman Capote (Nova Fronteira, 1968). Flaksman trabalhou como editor na revista *Ciência Hoje* e como diretor editorial adjunto da editora Record, onde permaneceu até 1986. Traduziu grandes nomes da literatura e do teatro, entre os quais se encontram Shakespeare, Camus, Mark Twain e Émile Zola. Em 2011, recebeu o Prêmio Machado de Assis por tradução dado pela Academia Brasileira de Letras. Para a Cosac Naify, já traduziu *O grande jogo de Billy Phelan* (2010) e *Ironweed* (2010), de William Kennedy.

- 1** Na atrapalhada moeda inglesa da época, cada libra valia vinte xelins e, cada xelim, doze *pence* (hoje cada libra se divide simplesmente em cem *pence*); isso sem contar o guinéu, que valia uma libra e um xelim. [N.T.]
- 2** Apesar do nome, que a mãe tinha escrito no macacão que ele usava quando se perdeu. [N.T.]
- 3** Dias em que a sra. Darling recebia as amigas dela. [N.A.]
- 4** Na Inglaterra, a peruca faz parte da vestimenta dos juizes. [N.T.]

© Cosac Naify, 2015

© do posfácio, Jack Zipes, 2004

Coordenação editorial ISABEL LOPES COELHO

Preparação MALU RANGEL

Projeto gráfico FLÁVIA CASTANHEIRA

Revisão THIAGO LINS E LUIZA MELLO FRANCO

Fotografias EDSON KUMASAKA

Tratamento de imagem WAGNER FERNANDES

Adaptação e coordenação digital ANTONIO HERMIDA

Arquivo ePub EQUIRETECH

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barrie, J. M. [1860 - 1937]

Peter e Wendy : J. M. Barrie

Título original: *Peter and Wendy*

Tradução: Sergio Flaksman

Posfácio: Jack Zipes

São Paulo: Cosac Naify, 2015

288 pp.

ISBN 978-85-405-0937-5

1. Ficção – Literatura infantojuvenil i. Lacaz, Guto. ii. Título.

12-10583 CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção: Literatura juvenil 028.5

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2º andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3218 1473

professor@cosacnaify.com.br



Este e-book foi projetado e desenvolvido em junho de 2015, com base na 1ª edição impressa, de 2012.

FONTE Neutraface

Table of Contents

Sumário

1 SURGE PETER

2 A SOMBRA

3 VAMOS EMBORA! VAMOS EMBORA!

4 EM PLENO VOO

5 A ILHA VIRA REALIDADE

6 A CASINHA

7 A CASA DEBAIXO DA TERRA

8 A LAGOA DAS SEREIAS

9 A AVE DO NUNCA

10 UM LAR FELIZ

11 A HISTÓRIA DE WENDY

12 O RAPTO DAS CRIANÇAS

13 QUEM ACREDITA EM FADAS?

14 O NAVIO PIRATA

15 “DESSA VEZ, OU GANCHO OU EU”

16 A VOLTA PARA CASA

17 QUANDO WENDY CRESCEU

POSFÁCIO Jack Zipes

OBRAS DE J. M. BARRIE

SOBRE O TRADUTOR

Créditos

Redes sociais

Colofão